

**Billy Graeff**  
**Thais Mortola Dias**

# **FURGTÉBÓIS:**

**O Futebol na Universidade  
Federal do Rio Grande  
FURG**

**Como tem sido retratado  
o futebol na FURG?**

**FURGTEBÓIS:  
O FUTEBOL  
NA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE - FURG –  
Como tem sido retratado  
o futebol na FURG?**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
FURG

Reitor  
DANILO GIROLDO  
Vice-Reitor  
RENATO DURO DIAS  
Chefe do Gabinete do Reitor  
JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA  
Pró-Reitor de Extensão e Cultura  
DANIEL PORCIUNCULA PRADO  
Pró-Reitor de Planejamento e Administração  
DIEGO D'ÁVILA DA ROSA  
Pró-Reitor de Infraestrutura  
RAFAEL GONZALES ROCHA  
Pró-Reitora de Graduação  
SIBELE DA ROCHA MARTINS  
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis  
DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO  
Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de  
Pessoas  
LUCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação  
EDUARDO RESENDE SECCHI  
Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação  
DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

#### EDITORA DA FURG

Coordenadora  
CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

#### COMITÊ EDITORIAL

Presidente  
DANIEL PORCIUNCULA PRADO  
Titulares  
ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO  
ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA  
CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES  
CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA  
EDUARDO RESENDE SECCHI  
ELIANA BADIALE FURLONG  
LEANDRO BUGONI  
LUIZ EDUARDO MAIA NERY  
MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG  
Câmpus Carreiros  
CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil  
editora@furg.br

### Integrante do PIDL

Editora Associada à



EDUNI-SUL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Billy Graeff  
Thais Mortola Dias  
(Orgs.)

**FURGTÉBÓIS:  
O FUTEBOL NA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG –  
Como tem sido retratado  
o futebol na FURG?**



Rio Grande  
2022

© Billy Graeff; Thais Mortola Dias

2022

Designer da capa: Anael Macedo

Murilo Borges

Imagem da capa: Fabrício K. Ramos

Formatação e diagramação: Cinthia Pereira

Revisão ortográfica e linguística: Júlio Marchand

### Ficha catalográfica

F983 FURGTÉBÓIS: o futebol na Universidade Federal do Rio Grande – FURG – como tem sido retratado o futebol na FURG? [Recurso Eletrônico]/ Organizadores Billy Graeff, Thais Mortola Dias. – Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2022.  
172 p. : il.

Modo de acesso: <http://repositório.furg.br>  
ISBN 978-65-5754-118-0 (eletrônico)

1. Futebol 2. Clubes de Futebol 3. Educação Física  
4. História do Futebol 5. Futebol Feminino 6. Mulheres no Futebol I. Graeff, Billy II. Dias, Thais Mortola III Título.

CDU 796.332(816.5)

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos –  
CRB10/2344

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	9
<b>As trajetórias de jogadoras de futebol: os processos de socialização em jogo</b> .....	13
Introdução .....	13
Conhecendo as jogadoras de futebol do Esporte Clube Pelotas/Phoenix – futebol feminino .....	14
Primeira socialização: “Quem és tu que corres pelas ruas e campinhos improvisados?” .....	16
Segunda socialização: “Vai ocupando, conquistando seu espaço” .....	20
Terceira socialização: “Ao teu dom... a tua escolha” .....	23
Questões que perpassam a prática: “Superas barreiras, descaso e preconceitos e pedes apenas respeito” .....	27
Considerações finais .....	29
Referências .....	29
<b>Do EC Nova Prata ao Nacional FC: memórias de um clube indígena do norte do Rio Grande do Sul</b> .....	31
Introdução .....	31
Metodologia .....	32
A criação do clube e seus primeiros passos .....	33
Sobre a participação da comunidade indígena e não indígena no clube .....	38
Sobre competições e treinos: organização do futebol masculino e feminino .....	42
Considerações finais .....	47
Referências .....	48

<b>Futebóis, meninas e suas relações: mapeando um contexto escolar .....</b>	<b>49</b>
Introdução .....	49
Metodologia .....	51
Recreio, futebóis, meninas e as relações .....	53
Aula de educação física, futebóis, meninas e suas relações .....	59
Os escolares, futebóis e as relações .....	62
Considerações finais .....	65
Referências .....	66

<b>Um bairro, uma praça e pés descalços: características de um futebol amador rio-grandino em meados do Século XX .....</b>	<b>68</b>
Introdução .....	68
Metodologia .....	69
A gênese da praça e a reorganização futebolística no bairro .....	71
Características do Futebol de Pés Descalços na praça e seus desdobramentos .....	75
Um fazer-se jogador de futebol em Rio Grande .....	82
Considerações finais .....	85
Referências .....	86

<b>Mulheres e pertencimento clubístico: uma investigação etnográfica no estádio Aldo Dapuzzo – Rio Grande/RS .....</b>	<b>87</b>
Introdução .....	87
Metodologia .....	90
As mulheres nas arquibancadas dos estádios de futebol ..	92
As torcedoras do Aldo Dapuzzo e suas relações com o clube e com o futebol .....	95
Considerações finais .....	101
Referências .....	102

<b>Sport Club Rio Grande X Sport Club São Paulo: a rivalidade do clássico Rio-Rita pelas páginas do Jornal na década de 2003-2012 .....</b>	<b>104</b>
Introdução .....	104
Metodologia .....	106
Os clubes .....	108
O clássico em 3 tempos .....	110
Jogos permeados de “violências” .....	112
Clássico Rio-Rita, um “campeonato” à parte .....	116
Considerações finais .....	117
Referências .....	118

<b>O acontecimento CONMEBOL e a reativação do Departamento de Futebol de Mulheres do Sport Club Internacional .....</b>	<b>120</b>
Introdução .....	120
O acontecimento CONMEBOL .....	121
Decisões de método: caminhos percorridos .....	123
O acontecimento CONMEBOL e a reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional ...	125
Atletas e a profissionalização: uma oportunidade em campo .....	130
Considerações finais .....	135
Referências .....	136

<b>Clube Retrato Falado: histórias, fatos e relatos .....</b>	<b>137</b>
Introdução .....	137
Metodologia .....	140
História do clube .....	144
Projetos Sociais .....	151
Considerações finais .....	155
Referências .....	155

<b>Mulheres no futebol: enunciações em jogo nas teses e dissertações do Banco de Teses CAPES publicadas entre os anos de 2005 e 2012 .....</b>	<b>157</b>
Entrando em campo .....	157
Um modo de operar: entre olhares, enunciações e recorrências .....	158
A construção do ser mulher (da mulher) no futebol: dialogando com possibilidades .....	160
Das recorrências ao acionamento da noção de gênero .	164
E por falar em mulheres no futebol .....	169
Referências .....	170

## INTRODUÇÃO

O livro “FURGTEBÓIS: O FUTEBOL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG – Como tem sido retratado o futebol na FURG?” começou a ser construído a partir de uma chamada pública coordenada pelos organizadores, a partir do Bricolagem Esporte Clube, grupo de pesquisa e extensão do Instituto de Educação da FURG. O resultado é esta obra variiegada, repleta de histórias formidáveis e reflexões relevantes para diferentes campos de estudo e pessoas interessadas em distintos aspectos do futebol. Abaixo, apresentamos os 9 capítulos que compõem o livro.

Quatro categorias. Isso é o que foi preciso para Leston e Silveira descreverem a trajetória de socialização no futebol das jogadoras do Esporte Clube Pelotas/Phoenix – Futebol Feminino. Em “AS TRAJETÓRIAS DE JOGADORAS DE FUTEBOL: OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO EM JOGO”, as autoras se utilizam das entrevistas semiestruturadas como instrumento para a obtenção dos dados que resultaram em uma pertinente análise sobre os caminhos percorridos por estas mulheres frente ao futebol, uma vez que ainda é uma prática reconhecida enquanto do universo masculino.

Em “DO EC NOVA PRATA AO NACIONAL FC: MEMÓRIAS DE UM CLUBE INDÍGENA DO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL”, Moraes e Freitas fazem uso de entrevistas, fotografias e gravações de rádio para criar uma narrativa sobre o que chamam de “uma agremiação de futebol amador pertencente à comunidade indígena de Pinhalzinho, localizada no município de Planalto, norte do Rio Grande do Sul”. Desafios econômicos e estruturais são abordados no contexto da participação de homens e mulheres, mutirões,

viagens e reuniões. Uma leitura interessante que desbrava um microuniverso praticamente inédito.

Repleto de mapas desenhados que retratam os futebóis dentro do contexto escolar, “FUTEBÓIS, MENINAS E SUAS RELAÇÕES: MAPEANDO UM CONTEXTO ESCOLAR” apresenta, de modo didático e particular, a prática dessa modalidade esportiva dentro da instituição escola. Realizando observações e entrevistas semiestruturadas com os mais variados membros escolares, Mortola, Graeff e Hecktheuer também analisaram as relações das meninas para com esses futebóis, além de compreender as percepções dos sujeitos participantes da pesquisa no que diz respeito às meninas e às práticas futebolísticas.

Futebol de pés descalços. Quantas histórias poderiam ser contadas a partir deste enunciado? “UM BAIRRO, UMA PRAÇA E PÉS DESCALÇOS: CARACTERÍSTICAS DE UM FUTEBOL AMADOR RIO-GRANDINO EM MEADOS DO SÉCULO XX” se baseia na metodologia da história oral para tecer uma narrativa com detalhes surpreendentes e interessantes acerca de um contexto particular, mas com ubíquas ressonâncias por todo o país. Ademais, Xavier (in memoriam) e Freitas também evidenciam como esta prática pôde ser seminal para outros aspectos da vida social e futebolística do município.

Voltando o olhar para as torcedoras do Sport Club São Paulo – RS, um clube dedicado, exclusivamente, à prática do futebol masculino, Martins, Silveira e Freitas nos contemplam com uma investigação etnográfica, que buscou investigar como torcedoras frequentadoras do estádio Aldo Dapuzzo se relacionavam com o clube e com o futebol. Visto o seu caráter inédito, “MULHERES E PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO: UMA INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA NO ESTÁDIO ALDO DAPUZZO – RIO GRANDE/RS” nos apresenta uma contraposição aos estereótipos que recaem sobre as mulheres que frequentam os estádios de futebol, ressaltando aspectos surpreendentes sobre a relação das torcedoras com o clube.

Marques e Freitas mergulham nas páginas esportivas de um jornal de Rio Grande para abordar uma das rivalidades

futebolísticas mais antigas do país, o Rio x Rita. Ao fazê-lo, os autores evidenciam facetas que podem passar despercebidas tanto por acadêmicos e acadêmicas da área quanto por jornalistas, torcedores, e outras pessoas interessadas em futebol. “SPORT CLUB RIO GRANDE X SPORT CLUB SÃO PAULO: A RIVALIDADE DO CLÁSSICO RIO-RITA PELAS PÁGINAS DO JORNAL NA DÉCADA DE 2003-2012” evidencia particularidades e generalidades relevantes para o estudo dos aspectos sociais do futebol profissional.

Acontecimento CONMEBOL: decisão que torna obrigatória aos clubes de futebol masculino a manutenção de equipes de futebol feminino para que possam disputar as competições organizadas pela entidade. Esse é o ponto de partida que Lima e Hecktheuer tomam em “O ACONTECIMENTO CONMEBOL E A REATIVAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE FUTEBOL DE MULHERES DO SPORT CLUB INTERNACIONAL”. Será que há uma relação direta entre o acontecimento CONMEBOL e a reativação do departamento de futebol feminino do Internacional? Através de uma rede de conversas realizadas com a comissão técnica e as atletas do clube, a autora e o autor apresentam as evidências que respondem a esse inquietante questionamento, assim como outras ponderações pertinentes de análise e de reflexão.

Algumas pessoas se reúnem, decidem criar um time de futebol e, com o passar do tempo, desenvolvem projetos sociais visando, sobretudo, beneficiar crianças e famílias de sua comunidade. “CLUBE RETRATO FALADO: HISTÓRIAS, FATOS E RELATOS” conta esta história, além de recuperar detalhes da criação do time e do clube. Soares e Mortola se utilizam da história oral e de uma densa narrativa para possibilitar ao leitor e a leitora o acompanhamento deste capítulo.

Em “MULHERES NO FUTEBOL: ENUNCIÇÕES EM JOGO NAS TESES E DISSERTAÇÕES DO BANCO DE TESES CAPES PUBLICADAS ENTRE OS ANOS DE 2005 E 2012”, Leston, Domingues, Silva e Silva, R. (in memoriam) partem de uma desconfiança sobre o que vinha sendo produzido no discurso científico sobre as mulheres no futebol.

Tendo um corpus de análise composto por trinta e oito trabalhos, as autoras se utilizam, enquanto um modo de operar, de algumas ferramentas e de estratégias teóricas e metodológicas baseadas em estudos de Michel Foucault, como verdade, linguagem, poder, enunciações e enunciado. Tendo a análise dividida em dois momentos, elas aprofundam as reflexões, ponderando e concluindo que uma linguagem nada neutra é utilizada nas pesquisas sobre as mulheres no futebol.

Esperamos que leitores e leitoras possam se aprouver da leitura deste livro com a mesma energia que o produzimos. Como informamos, no primeiro parágrafo desta introdução, este livro foi construído a partir de uma chamada pública e aberta. Entretanto, todos os capítulos aqui publicados são oriundos da área da educação física, particularmente daquela vertente voltada às ciências sociais e humanas. Esperamos que, a partir desta primeira experiência, possamos vir a contar com colegas que tenham trabalhado com temas ligados ao futebol também a partir de outras áreas de conhecimento.

Billy Graeff e Thais Mortola

# AS TRAJETÓRIAS DE JOGADORAS DE FUTEBOL: OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO EM JOGO<sup>1</sup>

Mahinã Leston Araujo\*;  
Raquel da Silveira\*\*

## Introdução

O objetivo deste artigo foi entender como acontece o processo de socialização de mulheres no futebol através da construção das trajetórias percorridas por algumas jogadoras do Esporte Clube Pelotas/Phoenix. Como problema de pesquisa, destacamos a questão: se o futebol é visto como uma área exclusivamente masculina, como acontecem os processos de socializações de mulheres nesse esporte?

Para isso, fizemos uso de entrevista semiestruturada como instrumento para a construção dos dados. Foram entrevistadas seis jogadoras de futebol do Esporte Clube Pelotas/Phoenix – Futebol Feminino, situado na cidade de Pelotas/RS, no ano de 2011. A opção por entrevistar jogadoras desse clube se deu pelo fato de esse ser o único time de futebol feminino existente na referida cidade e a primeira autora desta pesquisa ser moradora de Pelotas. Importante informar que todas as entrevistadas, a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, concederam-nos o uso das informações. Algumas entrevistadas, por serem menores

---

<sup>1</sup> Este texto, apesar de ter algumas modificações, teve sua publicação exclusiva inicial no ano de 2013 na Revista Espaço Plural, Ano XIV, Nº 29, 2º Semestre 2013, p. 271-297.

\* Professora de Educação Física – Fundação Municipal de Esportes e Lazer – Fraiburgo/SC; mahinaleston88@gmail.com

\*\* Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); raqufrgs@gmail.com

de idade, tiveram esse consentimento a partir dos seus responsáveis.

As entrevistas foram realizadas ao longo do ano de 2011, sendo que todas foram gravadas e posteriormente transcritas. Após isso, foram realizadas a análise e a interpretação das entrevistas, o que resultou na criação de categorias de análises. Na elaboração das categorias, destacamos as trajetórias de aprendizagem do futebol das entrevistadas desde o seu início com a prática desse esporte até o momento atual.

### **Conhecendo as jogadoras de futebol do Esporte Clube Pelotas/Phoenix – futebol feminino**

A faixa etária das entrevistadas varia entre 16 e 23 anos; em relação à prática do futebol, ficou evidente que três são praticantes dessa modalidade desde a década de 90, e as outras três iniciaram essa prática após o ano 2000. Identificamos que, mesmo as jogadoras tendo iniciado a jogar futebol em épocas diferentes, a trajetória delas nessa prática possui semelhanças e algumas diferenças.

Para realizar as análises dos dados, criamos quatro categorias de forma que as trajetórias de aprendizagem no futebol das jogadoras entrevistadas fossem compreensíveis desde o seu início até o momento atual.

A primeira categoria remete à prática do futebol quando criança, ou seja, época em que o futebol é jogado pelas entrevistadas, em casa ou na rua, com a presença dos meninos e também como forma de brincar. A aprendizagem do futebol aqui acontece de forma aleatória, ou seja, não existe um local próprio para aprender, mas sim em todos os espaços se aprende<sup>2</sup>.

Na segunda categoria, percebe-se o interesse em jogar em um grupo homogêneo, tendendo a Educação Física

---

<sup>2</sup> Essas denominações não estão embasadas nos conceitos sociológicos de 'primeira' e de 'segunda socialização', mas sim foram nomeadas para enfatizarem as trajetórias que as jogadoras em questão foram desenvolvendo ao longo de suas vidas em relação ao futebol.

Escolar ser o espaço de transição para a iniciação em uma escolinha de futebol. Elas geralmente começam a participar de um grupo de futebol só de meninas que praticam sistematicamente. Nessa inserção, são aprendidas novas regras e valores sociais daqueles adquiridos na infância, e seguir trilhando por esse meio se torna uma questão de escolha das meninas.

Na terceira categoria, as mulheres já estão na fase adulta, havendo comprometimento e responsabilidade em um determinado espaço, com pessoas e com um clube. Há uma cobrança em relação à frequência em treinos e ao desempenho, em virtude de se tratar de um time de competição. Nessa fase, o futebol não se apresenta como uma prioridade na vida das atletas, pois, primeiro vêm os estudos, a família e o trabalho. Nesse espaço, elas adquirem um olhar crítico acerca do que é e como está o futebol feminino, especialmente, no Brasil, rompendo barreiras e preconceitos que aparecem no percurso trilhado por elas.

Por fim, na quarta categoria, buscamos agregar algumas questões que perpassam a prática do futebol por mulheres, como o preconceito, a sexualidade, as feminilidades e o abandono do futebol. Procuramos conectar essas questões e abordá-las juntamente de forma que sejam articuladas. Para uma melhor visualização dessa última categorização dos dados, construímos uma figura explicativa em que a linha na cor azul (que representa essa quarta categorização) percorre toda a trajetória no universo do futebol das jogadoras investigadas:

## Imagem 1 – Categorias



Fonte: Elaboração própria.

### **Primeira socialização: “Quem és tu que corres pelas ruas e campinhos improvisados?”<sup>3</sup>**

As jogadoras<sup>4</sup> afirmam que tiveram o primeiro contato com essa prática por volta dos 6-10 anos de idade. Para sua iniciação no futebol, elas tiveram apoio e incentivo de um membro da família, o pai, coincidindo com os resultados encontrados nas pesquisas de Silveira (2008) e de Moreira e Cunha (2008). É ele quem incentiva o brincar com a bola de futebol nos primórdios da infância e prolonga o espaço da casa, utilizando a rua como um lugar de ensinamentos das técnicas do futebol. As jogadoras 4 e 5 expõem como foi o incentivo ou a influência do pai nesse início de trajetória:

É, meu pai mesmo me deu uma bola e aí ele que jogava comigo, no pátio de casa, ele que me incentivava [...] ele gostava de jogar e me levava sempre junto quando ele ia jogar.

<sup>3</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (PLANELA, 2009).

<sup>4</sup> Para preservar a identidade das informantes da pesquisa, as seis jogadoras entrevistadas serão identificadas como Jogadora 1 (J1), Jogadora 2 (J2), Jogadora 3 (J3), Jogadora 4 (J4), Jogadora 5 (J5) e Jogadora 6 (J6).

Aí, dava a bola pra mim jogar junto (J4, entrevista realizada em 14/04/2011).

O meu pai também, o meu pai sempre jogou futebol, acho que também influenciou bastante (J5, entrevista realizada em 14/05/2011).

Estabelecendo relações ainda na esfera familiar, há também uma semelhança entre duas entrevistadas, as quais relatam que começaram a jogar futebol em casa, por influência dos irmãos, fato esse que se faz presente também na pesquisa de Moreira e Cunha (2008). Porém, a jogadora 6 relata que esse jogo com o irmão acontecia, de forma igualitária, em que ela era a protagonista em alguns momentos. Já a jogadora 3 deixa explícito que a presença dela no jogo dos irmãos era de acordo com os interesses deles:

Eu só jogava antes em casa com meu irmão [...] Aí depois que a minha mãe via que eu era tão... fanática pra jogar bola que aí ela me deu uma bola. Aí depois furava e ela me dava outra, mas joguei muito com bola de, de jornal (J6, entrevista realizada em 17/06/2011).

Eu fui sempre mais criada com o meu pai, então, eu sempre tive mais acesso a coisas de guri, assim, mais na minha casa e aí o futebol tava no meio, eu sempre jogava com os guri [...] Só com os meus irmãos. Mas eles também, os meus irmãos, me botavam no gol tipo não, tu não sabe jogar, vai pro gol, vai buscar a bola, vai... (J3, entrevista realizada em 24/05/2011).

Dando continuidade a essa trajetória, o espaço para a prática do futebol começou a se ampliar passando a ser jogado também na rua, em meio aos amigos e aos vizinhos, que, em sua maioria, eram meninos. Cabe aqui entender, conforme coloca Damo (2007), o sentido atribuído à palavra “rua”. Para o autor, essa palavra tem um sentido amplo

e é um local onde a diversidade se faz presente. Utilizamos, neste trabalho, esse mesmo entendimento, já que, para as entrevistadas, a rua foi um dos espaços em que aprenderam a jogar futebol.

Pensando a prática do futebol na rua, cinco entrevistadas relatam que eram as únicas meninas nesse espaço. Porém, alegam que o fato de serem únicas não era causa de exclusão por parte dos meninos. Damo (2007) enfatiza que, devido ao futebol ser construído culturalmente como uma prática masculina, as meninas acabam, por vezes, não jogando. Cabe aqui considerar que as jogadoras entrevistadas, ao contrário do esperado pela nossa cultura, inseriram-se nesse espaço dito masculino e foram aceitas, conforme mostram as falas abaixo:

Era bem legal assim pelo fato de eu ser a única guria a jogar com eles sabe. Eles me respeitavam bastante e por eu ser a menor também, né? (J1, entrevista realizada em 20/06/2011).

Ah, jogava na rua de casa com os vizinhos, amigos, meus primos. Eles moram perto, aí a gente tava, sempre que tinha um tempinho, chegava do colégio, ia jogar futebol, jogar futebol. [...] E raramente tinha algumas gurias que gostavam, mais era eu e os guris (J2, entrevista realizada em 10/05/2011).

Jogava com os moleques, porque não tinha meninas pra jogar comigo, né? [...] na rua tinha sempre os guris jogando e eu ia jogar junto com eles [...] Meus vizinhos... vizinhos ali da volta (J5).

Um fato comum relatado pelas entrevistadas é a disputa que os meninos faziam para saber em que time elas iam jogar, pois todos queriam ser do time delas. Nesse jogo que acontecia na rua, pode-se entender que a disputa estava

de acordo com os interesses deles, já que não aceitavam perder para elas. Nas duas falas a seguir, identificamos que as habilidades técnicas das meninas (em relação ao futebol) legitimavam suas participações nos jogos.

Eles gostavam bastante que eu jogasse, sempre queriam que eu ficasse no time deles. Até briga às vezes tinha pra ver em qual time eu ia ficar (J4).

Eles não gostavam de perder pra mim [...] quando tinha mais guris, todos queriam jogar no meu time (J6).

Com bases nos relatos dessas jogadoras, a rua pode ser vista como um local onde “há maior familiarização com o grupo de amigos e com o próprio local, facilitando o acesso das meninas aos jogos e atividades com os meninos” (DORNELLES e NETO, 2005, p. 115). Na maioria das falas, ficou evidente que o jogar com os meninos se torna importante para a socialização nesse universo dito masculino, pois é, em meio a eles, que as meninas dão seus primeiros passos no futebol. Na rua, as meninas que “jogavam bem” (ou seja, que possuíam conhecimento, praticavam o futebol semelhante ao dos meninos) ficam invisíveis frente às questões de gênero para os meninos. O importante, nesse lugar, é saber jogar ou ainda estar disposta a aprender o futebol (THOMASSIM, 2007).

Nesse primeiro momento de contato com a bola, tanto o espaço da casa quanto o da rua são de aprendizagem do futebol, sendo essa prática aprendida, de forma aleatória, sem qualquer sistematização. Esse fato torna-se importante na socialização, pois, nessa etapa, as meninas que se inserem no espaço do futebol aprendem a técnica, estabelecem relações sociais e valores culturais diferentes em ambos os espaços. Saindo do espaço da casa, novos valores são adquiridos, regras devem ser seguidas, há uma construção cultural acerca da prática feminina nessa modalidade. As meninas vão remodelando muitas questões que estão imbricadas em suas práticas, mas, aos poucos, conquistam seus espaços.

Seguindo a trajetória de aprendizagem na perspectiva de dar continuidade a essa prática, essas jogadoras buscaram locais onde pudessem praticar o futebol com meninas, o que denominamos de Segunda Socialização.

### **Segunda socialização: “Vai ocupando, conquistando seu espaço”<sup>5</sup>**

Analisando a fala das entrevistadas, quando relatam a sua rotina diária na fase escolar, há uma triangulação dessa prática entre a rua, a escola e a escolinha, conforme apontam as jogadoras:

Eu chegava do colégio, tirava a mochila das costas e ia pro campinho. Só botava um tênis velho e já ia jogar bola. Ficava até tarde da noite jogando bola (J1).

Quando eu acordava, tipo, o que eu mais gostava de fazer era jogar. Então, eu acordava, tomava café e ia jogava futebol. Aí ia pra escola, estudava de tarde, quando eu voltava, os guris chegavam lá em casa e me convidavam pra jogar. Daí a gente ficava jogando no meio da rua, no meio dos carros, mais ou menos isso, até de noite, depois ia dormir (J4).

Eu ia pra aula de manhã, chegava, ia pra escolinha no clube e, à tarde, eu jogava futebol na rua (...) quando não tinha treino na escolinha, eu ia pra rua jogar futebol (J5).

Dialogando com as jogadoras sobre o conteúdo que elas tinham em sua Educação Física Escolar, todas mencionaram que o futebol era um dos esportes que elas mais praticavam.

Inúmeras vezes, as meninas, não achando espaço para essa prática, acabavam se inserindo em meio aos meninos,

---

<sup>5</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (PLANELA, 2009).

correndo o risco, muitas vezes, de serem excluídas por eles e também por professores/as. Esse processo não permitia que elas tivessem a oportunidade de vivenciar essa prática. A inserção em meio aos meninos deveria acontecer sem estranhamento, mas, como já há uma construção cultural em torno da separação por sexo, em muitos espaços escolares, essa inserção não acontece. As jogadoras 2 e 6 deixam claro esse distanciamento das atividades dos meninos, mas, ainda assim, jogavam junto com eles:

[Vocês não jogavam com os guriis?] A gente tentava, mas era muito guri, aí eles tinham que fechar os times, aí a gente nem tocava na bola quase [...] a gente sempre jogava quando tinha assim... menos guriis, daí a gente ia lá jogava. Eu, né, praticamente (J2).

O professor só jogava a bola e a gente só jogava futebol [...] Como a professora obrigava as gurias a jogar, eu jogava com as gurias. Aí, quando as gurias ficavam só no vôlei, eu ia e jogava no meio dos guri [...] eles ficavam mexendo só, mas eles gostavam, a maioria não encrencava, eles deixavam eu jogar tranquilo (J6).

Consideramos que é papel fundamental do/a professor/a de Educação Física oferecer as diversas vivências corporais aos alunos, sem dicotimizá-las ou generificá-las. A Educação Física Escolar, sob nossa perspectiva, é um momento experiencial diversificado, ou seja, a aula é para todos, em conjunto, assim como qualquer outra disciplina, sendo que “a aula de Educação Física é importante agente na socialização escolar” (DORNELLES e NETO, 2005, p. 120) e também “são as principais responsáveis por proporcionar experiências com essa prática, despertando o interesse de algumas meninas por um esporte socialmente masculino” (DORNELLES e NETO, 2005, p. 105).

Ao mesmo tempo em que a prática do futebol é realizada na escola, algumas entrevistadas também praticavam,

nesse momento de suas vidas, o futebol em escolinhas especializadas. Adentrando a prática realizada nas escolinhas, chama atenção o jogar futebol somente com meninas. Elas contam que sempre tiveram uma relação social muito boa com a equipe da escolinha, mas que, no início, era um local diferente do qual estavam acostumadas. Agora, com treinos, elas sentiam um pouco de medo, pois as meninas jogavam melhor que elas, e também porque eram maiores, como está retratado nas suas falas. Aos poucos, elas foram se socializando e aprendendo as regras e aperfeiçoando as técnicas do futebol que já haviam adquirido em outros espaços, como no de casa, da rua e da escola.

Eu não tinha a mínima noção, eu gostava de jogar, mas, aí, depois, com o tempo, fui aprendendo, mas antes não, eu não era muito boa [...] Ah, no início tava com medo porque as gurias eram fortes, eu não sabia jogar. Aí, depois, aprendi, aí, foi muito bom (J2).

[...] eu comecei jogando e depois fui pra uma escolinha, comecei jogando na rua, no bairro, realmente e, aí, depois, sim, que aí eu já fui pra uma escolinha direitinho jogar com outras gurias (J5).

Diante das trajetórias, vale ressaltar que nem todas as meninas demonstram uma linearidade temporal, sendo alguns acontecimentos condição para a prática em um ou em outro local. Como no caso de uma das entrevistadas, a qual passou pelo momento de socialização na rua com os meninos somente depois de entrar para uma escolinha de futebol. Anterior a isso, o futebol era praticado somente em casa, com o irmão. Ao perguntar se ela jogava com os meninos na rua, a jogadora 6 afirma:

Jogava. Ah, só que, aí, depois, quando eu já tava na escolinha. Porque, antes dos dez, não. Aí, eu só jogava em casa

[Depois da escolinha] Com um amigo meu que morava aqui perto. A gente jogava eu contra ele sempre. [...] Era só eu de guria. Às vezes, quando tinha outros guris que moravam mais longe um pouco. E aí vinha o meu primo também e era só guri e eu de guria [...] (J6).

Assim, elas geralmente começam a participar de um grupo de futebol só de meninas que praticam sistematicamente. Nessa inserção, são aprendidos novas regras e valores sociais daqueles adquiridos na infância. Uma nova forma de comportamento vai sendo construída, aprenderam a técnica formal do futebol e suas regras e demonstraram uma capacidade de adaptação em um meio formado apenas por mulheres. Então, essas praticantes, já com a técnica do futebol aprendida, passaram a fazer o uso dele em outros locais, só que, para isso, tiveram que (com)provar que sabem jogar futebol, sendo essa a próxima etapa que elas vivenciaram, a qual foi denominada de Terceira Socialização.

### **Terceira socialização: “Ao teu dom... a tua escolha”<sup>6</sup>**

Neste terceiro momento, destacamos não mais a aprendizagem do futebol, mas sim o uso dele, ou seja, a utilização do futebol como meio de inserção em um time ou em um clube de competição. É preciso, nesse momento, mostrar o que já sabe acerca desse esporte como condições mínimas exigidas para ser uma jogadora de futebol. Porém, a aprendizagem não acaba, pois é através do treinamento que vai se aperfeiçoando a prática esportiva dessas mulheres.

Utilizando como base a pesquisa de Leston e Biasi (2010), realizada por meio de documentos impressos na mídia e de conversas informais com o técnico da equipe, cabe apresentar um breve histórico sobre o time em questão e sua efetividade em relação ao futebol praticado por mulheres.

---

<sup>6</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (PLANELA, 2009).

O departamento amador de futebol feminino do Esporte Clube Pelotas/Phoenix, na cidade de Pelotas/RS, está ativado desde o ano de 1996. Já passaram por esse clube mais de 500 meninas e mulheres. Diante de uma conversa com o técnico da equipe, ele mencionou que o objetivo, ao criar o time, era o de fomentar a modalidade na cidade e no estado, bem como criar um novo espaço com oportunidades e com inclusão social para atletas e para demais integrantes do projeto, como, por exemplo, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas e preparadores físicos. Na região sul e também no meio futebolístico, o clube é (re)conhecido pelos títulos já conquistados, pela participação em campeonatos regionais, estaduais e nacionais, pela ascensão de meninas à Seleção Brasileira Feminina de Futebol e também por ter uma coordenação comprometida e séria com o futebol feminino. Esses fatores foram de influência para a divulgação, na mídia regional, despertando o interesse de meninas da cidade e também da região.

Como apontam as jogadoras a seguir, a maioria delas que chegou ao Esporte Clube Pelotas/Phoenix já fez parte de outros times de competição, jogando outros “futebóis” (Damo, 2003), que não os já abordados nas socializações anteriores, como aquele jogado em casa, na rua, nos campinhos, na escola, nas escolinhas.

[...] no Pelotas, no futsal feminino do Paulista, que tinha também já não tem mais. E deu. E na seleção gaúcha (J6).

No Cruzeiro, que eu joguei salão, e agora no Pelotas, que é campo (J3).

Assim, de uma forma ou de outra, acabaram se inserido nesse espaço, onde os treinos e as competições são motivos de encontros semanais dessas mulheres que trilham por esse caminho. Mas o que será que as levou a procurar por esse clube? Analisando as entrevistas, percebemos que a entidade preza pelo futebol de mulheres e está em busca de mulheres que gostam e saibam jogar, além de ser o único,

na cidade de Pelotas/RS, que compete tanto em nível estadual quanto em nacional.

Problematizando o uso do futebol, para se inserir na equipe, é preciso realizarem um teste ou peneirão<sup>7</sup>, pois todas as jogadoras que compõem a equipe passam por uma dessas duas avaliações. Dessa forma, a mulher que se insere no time já possui um bom conhecimento esportivo em relação ao futebol, conhecimento esse relacionado com as técnicas do esporte, táticas de jogos, regras e materializadas no 'jogar bem' o futebol.

Elas também relatam que, no início da sua inserção no local, ficaram meio retraídas pelo fato de estarem em um ambiente novo, com pessoas ainda desconhecidas e/ou, às vezes, algumas conhecidas. Porém, relatam que as jogadoras foram muito receptivas, acolhendo integrantes novas na equipe, como exposto a seguir:

Ah, no início eu ficava assim, com um pouco de medo, as gurias lá, mas, depois, eu comecei a falar com todo mundo, tudo bem (J2).

Fui bem recebida. Já conhecia algumas das gurias que jogavam lá e fui bem acolhida pelo time (J4).

Ah, no início, eu tinha vergonha, porque eu não conhecia ninguém, mas, aí, logo fui me enturmando, fui fazendo várias amizades e, aí, foi tudo tranquilo. Não foi nada de difícil pra se adaptar. As gurias também eram bem receptivas, foi tudo tranquilo (J6).

A maioria das jogadoras tem o sonho de chegar à Seleção Brasileira ou então de jogar em outro estado ou país. Mas, devido à falta de incentivo aqui no Brasil, esse sonho, muitas vezes, acaba não se tornando realidade.

---

<sup>7</sup> Avaliação em relação à técnica, à habilidade e aos componentes físicos (velocidade, força, agilidade).

Das jogadoras entrevistadas, algumas pretendem dar continuidade à carreira futebolística, como citam abaixo:

Ah, futuramente, caso ocorra oportunidade fora, eu pretendo (J2).

Olha, pretender, pretendo no sentido de crescer. Se for pra sair do Pelotas pra ir pra um time maior que vá dar mais incentivo, ah, isso eu quero sim, bastante (J4).

Contudo, quando elas falam da importância que dão ao futebol, relatam que essa prática não é a prioridade na vida delas, principalmente devido às dificuldades de profissionalização que elas enfrentam. Conforme elas comentam:

Acho que sem o futebol eu fico com um vazio. Preciso dele [...] É uma prioridade assim dentro de todas as prioridades, o estudo, a família, mas é uma delas [...] (J2).

Pois é, a importância... a importância de fazer o que eu gosto realmente [...] Prioridade não, porque a gente... né, temos outras coisas, tem o trabalho, né, tem o estudo que... Mas é uma forma de lazer, mas também não deixa de ser... é uma prioridade, né (J5).

Sendo assim, as jogadoras relataram suas vivências acerca do futebol, demonstrando alguns caminhos percorridos. Do ambiente familiar à prática na rua com os amigos, passando pela escolinha e chegando a um clube amador de futebol, vêm-se construindo as trajetórias dessas jogadoras que ora são semelhantes, ora são distantes.

## **Questões que perpassam a prática: “Superas barreiras, descaso e preconceitos e pedes apenas respeito”<sup>8</sup>**

Desde os primórdios da infância, as entrevistadas já lidam com o preconceito referente às questões de gênero e de sexualidade, tanto por pessoas próximas a elas quanto por desconhecidos. Analisando as falas das jogadoras sobre essas questões, o preconceito que existia por parte da família no início da prática, hoje parece não existir mais. A partir dos dados, é possível entender esse acontecimento. A fala da jogadora 3 representa essa constatação que reformula a visão dos pais:

Meu pai foi bem preconceituoso, ele disse, nunca me negou nada assim, no sentido de dinheiro, ‘se precisa de dinheiro pode jogar, eu deixo, eu te dou dinheiro’, mas nunca assistiu, sempre debochou, me chamava de machinho por jogar futebol. [...] Desde que eu entrei pro Pelotas mudou. O respeito mudou, agora eles tão começando a levar a sério, mas não que não existe esse preconceito (J3).

Nota-se que, no início da prática, há uma “desaprovação dos pais”, argumentando que o futebol é um esporte masculino (DORNELLES e NETO, 2005, p. 116). Porém, ao dar continuidade à prática do futebol, em que existem algumas barreiras, “ao encontrar, na família, o apoio para essa prática, torna-se mais fácil enfrentar as barreiras discriminatórias e preconceituosas que existem nas vivências dessa modalidade esportiva” (DORNELLES e NETO, 2005, p. 117).

Saindo do âmbito familiar, o preconceito também é visível. Algumas entrevistadas contam que passaram por situações e também já testemunharam cenas de preconceito direcionadas a outras praticantes. Além disso, algumas dizem que nunca sofreram preconceito, porém, ao longo da entrevista, relatam alguma situação preconceituosa. Diante disso, apontamos a fala de uma das entrevistadas:

---

<sup>8</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (PLANELA, 2009).

Não, até que não. Tem muita gente que fala, porque tem na verdade. Mas eu nunca sofri assim. Que eu lembre que tenha me marcado, nunca. Era mais na época do colégio que ficavam falando ai homenzinho porque joga futebol, não sei que. Mas, fora isso, não. Que eu lembre (J6).

Relacionando Moreira e Cunha (2008, p. 04), “os preconceitos e as preocupações quanto à adequação de tal atividade para uma ‘menina’ não deixou de existir, desde quando eram crianças”. Desse modo, percorrem toda a trajetória futebolística de uma jogadora, mesmo quando esse preconceito por parte da família não aparentar mais existir.

Por outro lado, a sexualidade e as feminilidades<sup>9</sup> vivenciadas pelas jogadoras são constantemente postas em jogo, ou seja, questionadas tanto por pessoas próximas a elas ou desconhecidas, pois se afastam dos padrões hegemônicos. Como se torna evidente na fala da jogadora 3, que aponta esses questionamentos:

Em casa só [...] Ah, vai virar machinho? Vai namorar uma mulher? Ah, eu vou ter uma genra dentro de casa? [...] A minha tia falou que eu tô ficando com o estilo de homem por jogar futebol (J3).

Esses questionamentos e desconfianças constantes acerca das feminilidades e da sexualidade das jogadoras de futebol tornam-se presentes neste cenário e percorrem todos os períodos de socialização delas. Na vida de algumas entrevistadas com mais ênfase do que na vida de outras, e em algumas trajetórias demarcadas mais em alguns períodos do que em outros.

---

<sup>9</sup> As noções de sexualidade e feminilidades que aqui apresentamos diz respeito ao entendimento de Louro (1997) em que a sexualidade consiste nas maneiras com que vivenciamos nossos prazeres sexuais e feminilidades enquanto uma construção social estabelecida no campo do gênero.

## Considerações finais

Por fim, podemos dizer que, do primeiro contato com a bola ao entusiasmo pelo futebol, do espaço da casa para o jogo na rua, da crítica ao incentivo, do jogar com os meninos ao jogo somente com meninas, do preconceito ao apoio, da escolinha ao clube, do brincar à competição, de meninas a mulheres, do aprendizado ao uso do futebol... pudemos identificar, nesta pesquisa, elementos que tratam da socialização das mulheres investigadas no cenário futebolístico.

A divisão da trajetória em três momentos para essa socialização não quer dizer que todas as mulheres entrevistadas tenham cruzado pelos mesmos caminhos, mas que a grande maioria se identifica em alguns desses momentos. Essa divisão se tornou mais clara para elucidar que o futebol praticado por mulheres acontece em diversos locais, aqui identificados como o jogo em casa, na rua, na escola, na escolinha e num clube de futebol.

Entendendo a prática feminina sobre a perspectiva de que o futebol foi construído culturalmente no Brasil como um espaço masculino, as jogadoras aqui investigadas tendem à desconstrução desse estigma, rompendo barreiras arquitetadas pela sociedade.

## Referências

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento*. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.

DAMO, Arlei Sander. A rua e o futebol. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 51-70.

DORNELLES, Priscila Gomes; NETO, Vicente Molina. O ensino do futebol na escola: A perspectiva das Estudantes com Experiências Positivas nas Aulas de Educação Física em Turmas de 5ª a 7ª séries. In: Elenor Kunz. (Org.). *Didática da Educação Física 3: Futebol*. Ijuí: Unijuí, 2005.

Decreto-Lei nº 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

LESTON, Mahinã; BIASI, Carolina. Memórias de um Futebol Azul, Amarelo e Rosa: Esporte Clube Pelotas/Phoenix – Futebol Feminino. Congresso Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos, UFSC, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes. 8ª ed., 1997.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum; CUNHA, Ana Mara Gomes da. Garotas no futebol: trajetórias de gênero e sexualidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: Corpo, Violência e Poder. 8 ed. Florianópolis. 2008. p. 01-08. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST71/Moreira-Cunha\\_71.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST71/Moreira-Cunha_71.pdf)>. Acesso em: 09 jan 2014, p. 04.

SILVEIRA, Raquel da. *Esporte, homossexualidade e amizade*: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. Porto Alegre, 2008. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. Imagens das crianças da periferia em projetos sociais esportivos. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade*: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 97-115.

# DO EC NOVA PRATA AO NACIONAL FC: MEMÓRIAS DE UM CLUBE INDÍGENA DO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

Gilson Antonio Morais\*  
Gustavo da Silva Freitas\*\*

## Introdução

Esta pesquisa<sup>10</sup> narra um pouco da trajetória do Nacional FC, um clube de futebol amador sediado na aldeia Pinhalzinho, no município de Planalto, norte do Rio Grande do Sul. Cerca de dois mil índios vivem na região em vales de rios e às margens de lagoas. Esta comunidade tem sua sobrevivência à base da caça, da pesca e do cultivo de milho e de feijão. Em termos de divertimento, há duas festas tradicionais que a mobilizam: a do dia do índio e os casamentos, com grande festividade, seguindo os ritos da igreja católica, predominante na aldeia.

Outro divertimento bastante significativo, na aldeia, é o futebol praticado via clubes amadores. Desde 1980, já existiram o Juventus Futebol Clube, o Sepé Tiaraju, o Palmeirinhas, o São Paulo e o Guarani; outros ainda estão em atividade como o Pinhalense e o Nacional Futebol Clube foco deste texto. Fundado em 1982, o Nacional FC possui campo próprio dentro da aldeia, mas não tem uma sede. O clube não possui cores oficiais, ainda que seja simbolizado por um escudo com as cores amarelo e azul em forma de bola com a letra N no meio.

---

\* Licenciado em Educação Física, FURG; gilsonantoniomorais@gmail.com

\*\* Docente do Instituto de Educação, FURG; gsf78\_ef@hotmail.com

<sup>10</sup> Cabe destacar que o primeiro autor do trabalho é indígena oriundo de tal aldeia, o que motivou a elaboração da pesquisa e facilitou o acesso a determinadas informações a respeito da comunidade.

Atualmente, os jogos acontecem nos finais de semana, começando no sábado à tarde com torneios premiando os vencedores com animais (galinhas, porcos) ou bebidas (vinho e cerveja). No domingo, os jogos são realizados contra equipes convidadas da região, seguido de almoço e, na parte da tarde, a continuidade dos jogos. O Nacional FC conta com a participação massiva da comunidade, formando quatro equipes: a principal; o “Segundinho”, que é composto por um segundo escalão técnico de jogadores; o time mirim, formado por crianças da comunidade; e, ainda, o time feminino.

Pela representatividade alcançada nos divertimentos e nas dinâmicas sociais da comunidade e como forma de valorização do povo indígena e das gerações que mantiveram o clube em atividade, a pesquisa procurou registrar algumas memórias do Nacional FC, olhando para o seu processo de criação, para a participação da comunidade indígena e não indígena no seu desenvolvimento ao longo do tempo, e para as características das competições, dos treinos e da gestão do clube no naipe masculino e no feminino.

## **Metodologia**

A pesquisa seguiu os pressupostos teórico-metodológicos da história oral que, segundo Alberti (2004, p. 12), “é formada pela junção de entrevistas de caráter histórico e documental, com a presença de atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história do dia a dia, com o objetivo de mostrar a história vista por outras pessoas”. Além das memórias do próprio autor principal enquanto indígena e oriundo da aldeia em tela, compusemos uma rede com quatro entrevistas, pois elas, “como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado” (Idem, p. 12).

A escolha do primeiro entrevistado, Tavino Morais (67 anos), deu-se por ter sido um dos membros fundadores e presidente do clube. A segunda entrevista foi realizada com o jogador e torcedor do Nacional FC, João Vanderlei Morais (47 anos). Em seguida, entrevistamos o ex-jogador e não indígena

Adão Jocemir Ribeiro (52 anos), para trazer uma fala sobre como se deu a interação entre povos na aldeia em nome de um fim comum que era a prática do futebol. Por último, para ouvir acerca das questões pertinentes ao futebol praticado pelas mulheres na aldeia, entrevistamos Janete Morais (35 anos) jogadora e torcedora do clube. Portanto, dos quatro entrevistados, Tavino, João e Janete são indígenas e Adão, o único não indígena.

Todas as entrevistas foram realizadas durante o primeiro semestre de 2018, com gravação da voz em aparelho digital, posteriormente transcritas, devolvidas aos depoentes para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que autorizou o uso pleno e a identificação nominal. Além das entrevistas, foram utilizadas como fontes, algumas fitas cassetes com narrações dos jogos do clube e fotos dos acervos pessoais dos pesquisadores e dos entrevistados.

### **A criação do clube e seus primeiros passos**

Antes de qualquer nota, é preciso dizer que o Nacional FC surgiu, em 1982, com outro nome: Esporte Clube Nova Prata. Sua criação foi pensada por um grupo de cinco amigos. Tavino Morais era um deles e conta que, a partir de sua chegada em uma localidade mais próxima da cidade, criou condições para fazer um campo de futebol e, conseqüentemente, fundar um clube:

“Depois que me instalei aqui, me coloquei, nós se juntamos outra vez, com amigos, companheiro e resolvemos montar essa outra praça<sup>11</sup> em outro lugar aonde nós localizamos o Nova Prata, né. Ali, continuemos com o mesmo jeito, né, arando terra, emparelhando com ramos, carpindo, uns com foice, uns limpando o terreno; outros tirando, amontoando o cisco, assim

---

<sup>11</sup> Na expressão de Tavino Morais, tem o mesmo significado de campo de futebol.

pra nós montar aquela outra praça, né. Então, foi nessa época que surgiu o Nova Prata e ali nós começamos a trabalhar, a melhorar um pouquinho mais, com tudo a nossas custas, né. E daí nós montemos o time assim pra nós ter nosso lazer né” (TAVINO MORAIS, 2018).

O nascimento do time é confirmado por um segundo entrevistado, o filho do Sr. Tavino. Ele se lembra das dificuldades enfrentadas pelos amigos ao construir um espaço para prática esportiva em meio a espinhos e a buracos e diz que, na época, pensava se tratar só de uma brincadeira:

“[...] a lembrança que vem é que não fizeram muito grande esse terreno, né, e praticamente em 82, 83, por aí, é quando estava pronto. Como eu falei, não era muito grande esse terreno, eles ergueram uns pau roliço, né, para fazer as traves e começaram a bater bola. Chamavam de bate bola, mas começaram com uns negócio estranho, com uma bola de pano, eu não entendia muito bem o porquê que ele corriam atrás daquilo, eu era criança” (JOÃO VANDERLEI MORAIS, 2018).

Nota-se que a criação do clube dependeu de iniciativas pessoais entre amigos que se dedicaram por si a alterar as características de um lugar ao construir um campo de futebol onde havia mata fechada. Inicialmente, a mudança parecia despreziosa, transformando-se, no futuro, como um importante espaço de lazer da comunidade. Segundo Chiqueto (2014), o futebol é considerado uma das práticas que serve para os indígenas se exercitarem, além de ser visto como brincadeira para encontros entre amigos e parentes.

Simultaneamente ao processo de formação do campo, um passo importante para o fortalecimento do time era lhe dar um nome. Todos sabiam que era uma questão de tempo, mas não se tinham muitas ideias naquele momento. Aconteceu que, durante o período final de construção do campo de futebol:

“[...] depois de quase pronto, né, aquele terreno faltando colocar as traves, a gente sentado debaixo de uma árvore com os amigos, resolvemos inventar um nome para o time. Então, a gente se olhava um para o outro e não saía nada, até que um de nós olhou para uma árvore e deu uma ideia: ‘que tal dar o nome dessa árvore prata, combinando com o nosso novo time?’ E todos aceitaram esse nome de Nova Prata, bem no início lá em 81, 82” (TAVINO MORAIS, 2018).

A inexistência de equipamentos próprios para a prática do futebol na comunidade indígena e a falta de apoio político fez com que as pessoas daquele lugar passassem a se organizar em mutirão para que a praça de esporte se tornasse uma realidade à disposição da população. A iniciativa dos cinco amigos passou a mobilizar a comunidade indígena como um todo, buscando melhorias para o espaço de jogo. De “foice e facão”, montavam as traves retirando madeira do mato. A estrutura foi crescendo de tal forma a ponto de passar a chamar de estádio o que, até então, era a praça de esportes.

“Inclusive, depois que montamos o Nacional, resolvemos até colocar nome no estádio. Como foi organizado por mim, Tavino Morais. Então, na época, os filhos começaram a jogar, a ajudar. Então, colocamos o nome, sentamos e conversamos. Colocamos o nome do estádio, que é, para nós, Estádio Morais Filho. Pois mesmo quando eu morrer, terá prosseguimento dos filhos, da família Morais. Isso saiu na rádio, o nome e o significado” (TAVINO MORAIS, 2018).

Batizar o estádio com o sobrenome da família de um dos fundadores já dava um indício de que o patriarca passava a ser o responsável principal por sensibilizar a comunidade em torno do futebol e do time, sendo considerado o presidente do clube desde o início. Porém, nem todas as dificuldades

eram facilmente dribladas. Desde a fundação do clube, dependeu-se de improvisações e de doações para a prática do futebol, uma vez que materiais e condições de jogo não eram as ideais.

“Que eu lembro muitos, muitos desses jogadores, fundadores jogavam de pé descalço, não tinha fardamento, não tinha meias, não existia chuteiras. Naquele tempo, chamavam de ki-chute que chamam né, era tipo um calçado de borracha e era isso aí que eles usavam, né. E a bola, muitas vezes, estourava, e colocavam pano dentro da bola que furava não tinha câmara dentro. Eles colocavam pano e ficava pesada pra caramba e, assim mesmo, eles gostavam tanto que continuavam daquele jeito até arrumar outra bola e outras coisa assim pra eles brincarem. Uniforme não tinham. Até muitos e muitos anos, né, praticamente uns cinco ou seis anos, eles jogavam de calça, calção quem tinha jogava, e até que um dia conseguiram um fardamento, que eu lembro era um fardamento preto. Um padre que ajudava a comunidade deu esse, não era pra todos, ele deu um pra cada, e daí se reuniram debaixo de uma árvore que tinha perto desse terreno, que fizeram pra brincar, conversando conseguiram reunir isso aí, e deu certo porque eram cores iguais, mas sem numeração” (JOÃO VANDERLEI MORAIS, 2018).

**Imagem 2** – Jogadores do EC Nova Prata vestindo o uniforme doado pelo padre, início dos anos 80



Fonte: Acervo pessoal de Tavino Morais.

A comunidade indígena de Pinhalzinho vivia em condições precárias no início dos anos 80. O aparecimento de um padre querendo auxiliar o povoado foi visto com desconfiança pelos indígenas num primeiro momento, mas logo revertido em entusiasmo. Padre Arlindo era de origem italiana e, sabedor da situação da aldeia, resolveu ajudar inicialmente com alimentos e com vestimentas. Depois, construiu igrejas, pavilhões e bancava financeiramente professores indígenas para alfabetizar os mais novos da comunidade. Como narrado por Tavino Morais, a benesse do padre adentrou a prática do futebol com o recebimento das camisetas que se tornaram o primeiro uniforme oficial do clube.

Após a morte do padre, que estava com idade avançada e com saúde debilitada, algumas coisas começaram a ser modificadas no ambiente do, então, Nova Prata. Em 1996, o clube entrou num consenso que seria hora de trocar de nome diante de um acontecimento considerado lamentável. Em determinado momento durante um jogo do Campeonato Municipal da cidade de Planalto, no qual se enfrentavam São Paulo (equipe indígena) contra Internacional de Barra Bonita (equipe não indígena), houve uma jogada ríspida que desencadeou uma intensa briga com muitos feridos.

Após o episódio, os clubes da região passaram a ignorar todos os times indígenas da aldeia, incluindo o Nova Prata. Os convites para jogos que eram feitos por representantes do clube na programação de esportes da rádio local passaram a ser repetidamente negados pelos demais. Triste com o fato, o presidente se reuniu com alguns membros da comunidade e optaram pela substituição do nome como forma de retornar às suas atividades fora da aldeia.

“[...] um certo dia, como nós já estávamos bastante atletas ali pra dar prosseguimento, né, já tinha bastante companheirada, né, um dia, sentemos, na sombra, né, proseando, um dando ideia pro outro, se fosse nós trocar o nome desse time, daí um perguntava pro outro, ‘ah como tu quer?’. Um dava um plano, o outro dava outro, né, e foi que surgiu um nome assim que achamos bonito, né, Nacional, Nacional está desde 97” (TAVINO MORAIS, 2018).

A postura do presidente Tavino diante da discriminação foi de reabilitação para que o time não desaparecesse ou para que a história não ficasse manchada com um episódio de violência, tão combatido por ele. O EC Nova Prata, mesmo com a falta de registros ou de atas de fundação, após 15 anos, deu lugar ao Nacional Futebol Clube.

### **Sobre a participação da comunidade indígena e não indígena no clube**

Como dito, a atuação de todos da comunidade indígena foi fundamental para o processo de construção e de consolidação do time. As dificuldades iniciais exigiram uma mobilização de homens e de mulheres em ações que envolviam os jogos e as confraternizações.

Respeitando as funções determinadas pelo presidente, os homens se encarregavam de limpar o campo de jogo e de retirar espetos da mata para o churrasco de confraternização

pós-jogo, o que era comum na região. Afora o período de desentendimento relatado, havia reciprocidade entre os clubes indígenas e não indígenas em receber ou em visitar seus campos. Já as mulheres da comunidade recepcionavam os times que jogavam na aldeia ou acompanhavam seus maridos quando jogavam fora.

“[...] foi importante as mulheres porque elas incentivavam, porque tinham seus maridos, namorados, seus irmãos [...] Ah, a gente tinha uma equipe já quase para esse fim, né, um cuidava lá no campo, outro cuidar em uma copa, no caso, bola ia para o mato, as crianças iam pegar, traziam para o centro do gramado. E as mulheres sempre apoiando, né, sempre apoiando porque onde a gente estava, elas estavam tudo unida também gritando e incentivando” (TAVINO MORAIS, 2018).

O envolvimento de todos na prática e na organização do futebol trazia um sentimento de valorização àquelas pessoas. Almeida, Almeida e Grando (2012) afirmam que a centralidade dos campos de futebol demonstra, além do forte significado desse esporte para um grupo, uma forma de reunir moradores das vizinhanças e de famílias mais isoladas. Pouco a pouco, o Nacional FC foi (re)consolidando uma posição de respeito.

Um fator que contribuiu para essa ascensão foram os anúncios sobre o clube na rádio da cidade, divulgando o nome até para fora do estado. Isso atraiu times até então desconhecidos para realização de amistosos. Além dos anúncios, a própria narração dos jogos do clube se tornou uma prática destacada, impressionando outras comunidades indígenas que, por sua vez, interessavam-se em jogar contra o Nacional FC mesmo não oferecendo uma boa estrutura para os jogos. A seguir, um trecho da narração de momentos antes do início de uma partida feita pela rádio Ametista:

“Em mais uma jornada esportiva aqui na Mais Preciosa do sul do Brasil. Na Central Técnica com Carlos Roberto Muci em Planalto, e direção do senhor Mário Basso. Trabalho de reportagem com Sandro Roberto Crema, e a narração é do amigo de vocês, Alzir Ascoli. Em nome da equipe de esportes da Mais Preciosa do sul do Brasil, o agradecimento a todos pela companhia. Agora, chegando para vocês, as primeiras informações dessa partida trazidas com nosso repórter Sandro Crema, trazendo informações das duas equipes, o União de Linha Riva de Alpestre e equipe do Nacional de Planalto (RÁDIO AMESTISTA, AM, 1997).

A visibilidade alcançada pelo clube fez com que não só se conseguisse mais jogos amistosos, mas também abriu a possibilidade de integrar jogadores não indígenas ao clube, os quais moravam próximos à aldeia e assistiam aos jogos do Nacional FC. A passagem de espectadores a jogadores dependia de uma conversa com o presidente e a manutenção de relações de amizade e de confiança. Assim, o clube passou a acolher os não indígenas, que igualmente passavam a ver no presidente a figura de um paizão.

Adão Jocemir Ribeiro, que fazia parte de um grupo de escoteiros na região desde os 11 anos, frequentava Pinhalzinho para fazer amizades com indígenas e conseqüentemente para a prática do futebol. Em suas palavras:

“Frequentamos o grupo escoteiro Jandaí, e, através do clube escoteiro, que a gente gostava de acampar pra tudo que é lado, a gente descobriu a área indígena, e lá fez amizade com os filhos do seu Rodolfo, seu Tavino e nós estava sempre frequentando. Através desses acampamentos com a amizade que a gente fez com a gurizada lá do time dos índios que nos chamava, que era o Nova Prata, na época, né,

começamos a frequentar o campo de futebol. E nós não ia só nos domingos jogar bola, o time saía pra fora para todas as comunidades do interior, né, a gente saía sempre com os caminhão. Quando a gente ia jogar futebol no interior, que saía cedo, eles davam a garantia da carne pros times que iam jogar, né, e nós não pagava nada” (ADÃO JOCEMIR RIBEIRO, 2018).

### **Imagem 3 – Time do Nacional FC, com atletas indígenas e não indígenas**



Fonte: Acervo pessoal de João Morais.

A atenção e a acolhida, que Tavino Morais oferecia a todos, mesmo para quem era de outra localidade, alimentavam o respeito entre indígenas e não indígenas, bem como entre todas as gerações do clube. Nesse clima, muitos jovens passaram a participar dos jogos do Nacional FC, mesmo morando um pouco longe do campo. O movimento foi crescendo, principalmente aos domingos, em que a gurizada das comunidades passou a praticar o tal do “bate-bola” ou “pelada”.

Os mais jovens adoravam estar sempre com o presidente. Os mais velhos, que o tinham como referência pelo carisma e pelos aconselhamentos, matavam a saudade visitando o campo em dias de jogo. Por conta dessas relações, muitas pessoas consideram o time como:

“uma das maiores famílias que existe na comunidade, porque já teve várias outras comunidades que tentaram e não deu certo. E pra uma comunidade dar certo, tem que ser tudo familiarizado” (JOÃO VANDERLEI MORAIS, 2018).

Foi nesse clima que o futebol e o clube se tornaram uma prática de lazer para a comunidade, uma forma de educar as crianças e os jovens daquele espaço com ensinamentos de disciplina, de bom convívio e de afastamento das drogas, um mal que, volta e meia, assola a população indígena. Segundo Rodrigues (2014), a prática do futebol vem sendo usada fortemente como aliada no combate ao uso de drogas e de produtos ilícitos, nas aldeias indígenas, especialmente tratada como forma de produzir um bom cidadão para o futuro da aldeia.

Da mesma forma, Almeida (2014, p. 248) ressalta que o futebol pode ser compreendido numa comunidade indígena como sendo a mesma dos missionários salesianos, ou seja, aquela que “vê o futebol como um instrumento que promove a saúde comunitária, pois, por meio dele, objetiva-se prevenir e reduzir o consumo de bebidas alcoólicas”.

### **Sobre competições e treinos: organização do futebol masculino e feminino**

Pelo permanente caráter educativo impresso pelos líderes do clube, havia rotinas a serem respeitadas num domingo de futebol, principalmente quando os jogos eram fora de casa. Isso acontecia desde os primeiros passos do clube.

“Logo que foi fundado o Nova Prata, eu também participei de muitos jogos, aonde nós ía a pé. Tinha vez que o jogo era de tarde, então nós saíamos dez horas, a pé, até chegar a doze, treze quilômetros... a gente saía bem cedo pra participar. Na volta, também, saía 7 horas da noite, 6 horas da noite... chegava dez,

onze horas da noite. Já jogava, e vinha cansado, a pé. Como não tinha comunicação, era por palavra, um avisava o outro para ir nos jogos e todo mundo era de acordo” (JOÃO VANDERLEI. MORAIS, 2018).

O retorno destes jogos era bem complicado, deixando as famílias apreensivas. Isso porque, afora o cansaço, os jogadores tinham que lidar com a noite e, não raro, defrontavam-se com animais peçonhentos no caminho. Esse deslocamento, diz Adão Ribeiro, foi sendo facilitado com o passar do tempo ao se utilizar caminhão e carretinha agrícolas como meio de transporte para atletas e para torcedores.

Outro ponto que foi prosperando, ao passar dos anos, diz respeito à estrutura física do clube, a começar pelo terreno de jogo. Na primeira década após a fundação, os jogadores enfrentavam um campo de chão batido, com buracos visíveis. O gramado não existia e, em dia de chuva, a lama tomava conta. A virada aconteceu ainda nos anos 90, quando uma empresa que estava construindo uma estrada asfaltada próxima ao campo do clube foi convidada por Tavino Morais para intervir. O representante da empresa prontamente atendeu ao pedido fazendo um campo novo, fato este comemorado com um festival de jogos entre os times da região.

Junto com isso, os uniformes passaram a receber atenção especial para dar uma “cara de time” ao Nacional FC. As dificuldades de se ter um padrão com camisetas e com calções iguais para todos os atletas foram sendo superadas ainda com o apoio de populares e de comerciantes da cidade.

#### Imagem 4 – Time do EC Nova Prata de 1995



Fonte: Acervo pessoal de João Morais.

Por outro lado, as dificuldades financeiras impunham limites. As equipes que eram convidadas a jogar no campo do Nacional FC criticavam a sede esportiva, pois era uma comunidade humilde e não tinha muito conforto para oferecer. Em dias de chuva, muitos se agasalhavam embaixo de carroças, de trilhadeiras<sup>12</sup>, árvores e até mesmo dentro da própria casa do fundador do clube.

Da mesma forma, as equipes de fora não confirmavam presença nos jogos da aldeia pelo fato de não se ter uma mesa e um banco para se acomodarem. As críticas às condições oferecidas entristeciam a comunidade como um todo que se utilizava da camaradagem dos não indígenas para transmitir uma imagem amigável aos demais clubes a fim de reverter a situação.

Jogar fora da aldeia não significava escapar de constrangimentos. Não raras vezes, os jogadores do clube, principalmente os indígenas, foram tratados como pessoas estranhas. Isso era notado, em alguns almoços, no intervalo de jogos em que todas as equipes possuíam mesa marcada, menos o Nacional FC porque diziam que “*índio não come em mesa!*”.

---

<sup>12</sup> Máquinas utilizadas na colheita para debulhar, descascar e trilhar cereais como soja, feijão, milho e arroz.

Em meio a essa turbulência, de forma natural, foi sendo criado o time feminino em meados dos anos 90, quase 15 anos após a criação do EC Nova Prata. As mulheres que até então só apareciam nos bastidores passaram a “calçar as chuteiras” muito por iniciativa das filhas do presidente do clube.

“A gente era criança ainda. Como pai já tinha o time masculino, na década de oitenta, o Nova Prata, a gente começava a observar o pai, os treinos dele, quando ele ia no campo. A gente era pequeno, mas sempre fazia atividades físicas com o pai, que era jogador do Nova Prata. A gente era criança, mas começou a se interessar pelo esporte e começou a treinar” (JANETE MORAIS, 2018).

Inspirada ao ver o pai comandando e jogando pelo clube em amistosos, Janete mobilizou tias, primas, cunhadas, além de vizinhas não indígenas que eram simpatizantes da prática para começarem a treinar. Quando ainda não tinham número suficiente para completarem duas equipes, jogavam com os homens para ganhar experiência, mesmo que eles não gostassem muito da ideia. Para integrar o time, era preciso respeitar algumas premissas, pois se prezava por um ambiente de harmonia:

“Os critérios eram o mesmo que o pai tinha com o time masculino, o principal critério era o bom comportamento. Que não fosse briguento, o principal era esse. Nunca era cobrado mensalidade. Sempre foi aberto para todos. E a faixa etária era de 12 a 40 anos, que tinham mulheres brancas participando também, antes da retomada do território indígena tinha bastante pessoas não-indígenas que moravam próximas. E, como era longe uma comunidade da outra, as mulheres não indígenas acabavam participando” (JANETE MORAIS, 2018).

O acesso restrito aos materiais esportivos que afetava os homens era extensivo às mulheres. Diante do fato, movidas por um “*espírito combatente*”, faziam questão de jogar sempre, mesmo que por poucos minutos, de pés descalços e com as camisetas sujas e suadas pelos jogadores que tinham acabado de usá-las.

**Imagem 5** – Time feminino do EC Nova Prata, anos 90



Fonte: Acervo pessoal de Gilson Moraes.

A formação da equipe feminina demandou a reorganização de um domingo festivo de futebol na aldeia. Pela manhã, jogavam os homens, em seguida do almoço, acontecia o jogo das mulheres, finalizando o dia com mais um jogo delas. Ainda que usassem as regras oficiais, o tempo de jogo delas era 15 a 20 minutos a menos do que dos homens, sem marcação das linhas do campo. Quando existiam, eram feitas de pó e cinzas.

Quando jogavam fora da aldeia, era preciso uma mobilização maior por parte delas, principalmente convencendo os pais das não indígenas que se preocupavam com os longos deslocamentos até o local do jogo, o que significava um retorno tarde da noite. Para contornar a situação:

“Nós íamos, nas casas, buscar elas e, no final do jogo, nós ia levar. E os pais tinham confiança muito grande em nós

e deixavam a gente levar. E, pra voltar pra casa, quando era muito tarde, se não fosse o pai, para levar nós e as gurias, ele pedia pra um guri de confiança ir com nós para devolver as gurias para a casa delas. Não tinha um treinador fixo, responsável sempre foi o pai, ele é o responsável por tudo” (JANETE MORAIS, 2018).

O enfrentamento para que o futebol fizesse parte das rotinas delas dependeu da atitude dos homens também, o que incluía total respeito a elas. Nesses jogos realizados fora da aldeia, quando iam de caminhão, elas ficavam na parte da frente e eles na parte de trás. As mulheres mais velhas ou com crianças ocupavam a parte da cabine do caminhão.

Passados mais de 30 anos da fundação do clube, a mulher indígena foi abrindo espaços significativos que a levaram de assistente à protagonista. Esta perseverança vem colhendo frutos inimagináveis quando do começo de suas participações nos jogos de futebol, como, por exemplo, ter a primeira mulher indígena (Josiele Luana Moraes) a disputar o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino pelo Brasil de Farroupilha.

## **Considerações finais**

Ao contar um pouco a trajetória do Nacional FC, sabíamos da dificuldade em encontrar registros dos acontecimentos e, por isso, deveríamos abordar o problema de uma maneira que ajudasse os membros da aldeia a visualizar e a narrar os fatores que contribuíram para que a prática do futebol se tornasse o que é para a comunidade.

As falas dos quatro entrevistados, entremeadas às fotos e às gravações dos jogos, ofereceram uma compreensão do quanto às dinâmicas e às relações sociais giraram em torno do futebol para os indígenas e não indígenas daquela localidade. Os registros produzidos trouxeram uma materialidade sobre o clube não existente até então que pode causar grande impacto social se olhada pelas lentes das políticas públicas de esporte e de lazer na região.

No tom da responsabilidade social, as contribuições desse estudo têm o potencial de serem revertidas em prol do povo indígena, fazendo com que as melhorias das condições de vida dependam menos de iniciativas individuais – por mais reconhecimento e por afetividade que se tenha com essas pessoas – e passem a se sustentar mais coletivamente como investimento público.

## Referências

ALBERTI, V. **Além das versões**: possibilidades de narrativas em entrevistas de história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004.

ALMEIDA, J.M. O futebol entre os indígenas da etnia Bororo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 36, n. 2, pp S238-S252, 2014.

ALMEIDA, A.J.M.; ALMEIDA, D.M.F.; GRANDO, B.S. As práticas corporais e educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos indígenas. **Revista Brasileira Ciência Esporte**, v. 32, n. 2-4, pp 59-74, 2012.

BALLIVIÁN, J.M.P. **Artesanato Kaingang e Guarani: Territórios Indígenas** – Região Sul. 1 ed. São Leopoldo/RS: Oikos, 2011.

CHIQUETO, R.V. Entre índios e Boleiro no Peladão indígena. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**. Manaus: Ponto Urber 14, 2014.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **No Brasil atual**. Brasília – DF. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em: 02 maio. 2017.

RODRIGUES, L.B. **A prática do futebol entre indígenas de Dourados/MS**. Dissertação de Mestrado em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Dourados, 2014.

## FUTEBÓIS, MENINAS E SUAS RELAÇÕES: MAPEANDO UM CONTEXTO ESCOLAR

Thais Mortola Dias\*;  
Billy Graeff\*\*;  
Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer\*\*\*

### Introdução

Como todo “bom brasileiro”, temos de ter, desde que nascemos, um time de futebol a torcer, um manto de clube a vestir e um escudo a beijar. Parece que todos têm de gostar de futebol, que todos têm de amar um clube, pois, como está culturalmente impregnado nos brasileiros, o Brasil é o “país do futebol”.

Essa cultura futebolística, aparentemente, começou a ser construída, a partir do século XIX, mais precisamente no ano de 1894, quando Charles Miller retornando dos seus estudos da Inglaterra – berço do esporte moderno – teria trazido, na bagagem, a primeira bola de futebol a rolar em campos brasileiros (GUEDES, 2010). Com a popularização do futebol – no momento da expansão urbana – (GIGLIO, 2003), e com a organização clubística que temos, atualmente, no Brasil, tendo seu início por volta do ano de 1900 (DIENSTMANN e DENARDIN, 2000), o futebol foi se consolidando, começando a surgir, ao longo do tempo, questões frente

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Escola Superior de Educação Física – Universidade Federal de Pelotas – ESEF – UFPEL; thais-mortola@hotmail.com

\*\* Professor Adjunto do Instituto de Educação – Curso de Educação Física – Universidade Federal do Rio Grande – FURG; billygraeff@gmail.com

\*\*\* Professor Associado II, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande – FURG; felipao.rg@hotmail.com

a essa modalidade esportiva tão praticada, como, por exemplo, a participação feminina.

Isso porque esse esporte trazido da Inglaterra foi construído, de forma masculinizada, tendo inicialmente somente a participação de homens. Assim, por volta da primeira metade do século XX, discussões eram levantadas perante a questão do futebol feminino, sendo que os homens da época ressaltavam e defendiam diversos argumentos contra a participação feminina, baseando-se em fatores biológicos, questões sociais e culturais (FRANZINI, 2005).

Entretanto, enfrentando toda essa situação culturalmente construída, o início da participação prática feminina aconteceu no século XX por volta da década de 40, quando mulheres da classe trabalhadora iniciaram a prática do futebol, sendo que, desde então, ocorre o processo de inserção nesse esporte.

Outra questão que surgiu é no que diz respeito à diversidade configuracional do futebol brasileiro. Sendo uma prática tão popular no país, Damo (2003) apresenta o termo *futebóis*, percorrendo pela diversidade configuracional futebolística, sendo essas agrupadas nas configurações denominadas de: 1) Futebol profissional – também referido por alguns autores como futebol-espetáculo ou futebol de alto rendimento/performance; 2) Futebol de bricolagem – conhecido como fute, pelada e outras designações locais; 3) Futebol comunitário – em certos contextos, nomeado de futebol de várzea e, em outros, como futebol de bairro ou amador; 4) Futebol escolar – vinculado à instituição escolar desde o século XIX, como dispositivo pedagógico de uso alargado e transformado em conteúdo da Educação Física Escolar ao longo do século XX (DAMO, 2003).

Tomando como base essa classificação proposta por Damo (2003), como traz o futebol de bricolagem, podemos considerar que o futebol também pode ser vivenciado através de brincadeiras<sup>13</sup> (o “golzinho fechado”<sup>14</sup>,

---

<sup>13</sup> Essas brincadeiras apresentadas são encontradas na pesquisa.

<sup>14</sup> Atividade onde os sujeitos praticam o futebol por intermédio de um jogo lúdico, sem goleiros, tendo, geralmente, quatro jogadores.

“o bobinho”<sup>15</sup>), de adaptações, tornando-se um jogo lúdico, não deixando de ser o futebol, podendo este, desta maneira, descaracterizar-se do viés profissional.

Desse modo, este trabalho apresenta, enfaticamente, o termo *futebóis*, utilizando-o com a finalidade de tratar dessa modalidade de uma maneira mais abrangente, percebendo esse esporte com as suas mais variadas configurações. No entanto, este trabalho não como finalidade detectar quais dessas configurações futebolísticas estão presentes na escola, mas sim de apenas tratar o futebol como *futebóis*.

Apoiando-se nessas duas questões sobre o futebol brasileiro, além de inquietações vividas dentro do âmbito escolar, esta pesquisa tem o objeto delimitado de estudo, os *futebóis* em um contexto escolar, assim como as meninas que estão inseridas na escola eleita para este estudo.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como finalidades de investigação: mapear o cenário escolar focando na prática dos *futebóis*; investigar as relações das meninas para com os *futebóis* no contexto escolar; averiguar o contexto da Educação Física Escolar na sua relação com os *futebóis*; compreender as percepções que os mais variados escolares têm das meninas para com os *futebóis* e perceber quais são as relações dos meninos para como as meninas “jogadoras”.

## **Metodologia**

Esta pesquisa tem como viés a investigação qualitativa em educação, pois entende que a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Esse investigador pretende descrever uma cultura, compreendendo a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo, fato que aproxima esta pesquisa do método da etnografia (SPRADLEY *apud* FINO, 2006, p. 1).

Assim, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidade do Rio Grande – CAIC foi a escolhida para a investigação,

---

<sup>15</sup> Em círculo, os sujeitos ficam trocando passes, tendo um no meio, tentando pegar a bola.

sendo que essa escolha se justifica pelo fato de já existir um contato da pesquisadora, através de um projeto<sup>16</sup>, com essa Instituição escolar. Estando localizado dentro da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, o CAIC está vinculado tanto ao município quanto aos órgãos federais, sendo distinta das outras escolas do município, pois é permeada de projetos e de atividades da Universidade, que colaboram para uma maior qualidade no ensino.

Com a finalidade de apresentar a pesquisa e de delimitar espaços, um contato foi realizado com a supervisão da escola e com as professoras de Educação Física. Através dessa conversa, delimitamos as turmas a serem investigadas (6° e 7° ano do Ensino Fundamental), visto que essa decisão ficou embasada em questões organizativas de horário, tanto das professoras quanto da pesquisadora. Outro espaço de investigação seria o recreio que acontecia antes das aulas<sup>17</sup> das turmas em questão, dado que optamos por esse espaço, por ser de grande exploração das vivências corporais, assim como de intensa prática dos futebóis.

Com a inserção no campo, os sujeitos participantes<sup>18</sup> do estudo foram delimitados, resultando em oito escolares: um funcionário terceirizado; uma bolsista supervisora do recreio; as professoras de Educação Física; quatro escolares das turmas do 6°, 7° e 9° ano.

Os instrumentos de coleta de dados foram as observações e as entrevistas semiestruturadas. Durante as observações, tanto das aulas de Educação Física quanto do recreio, o mapeamento<sup>19</sup> dos futebóis e o registro sistemático em diário de campo eram realizados, sendo importantes ferramentas de coleta de dados. Contando com cinco roteiros de entrevistas diferentes – um para cada tipo de sujeito/função

---

<sup>16</sup> PIBID – Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, onde era bolsista, atuando nas aulas de Educação Física, juntamente com o professor.

<sup>17</sup> As duas turmas tinham aulas no mesmo horário, assim as professoras dividiam os espaços.

<sup>18</sup> Todos os nomes expostos neste trabalho são fictícios preservando a identidade dos sujeitos.

<sup>19</sup> Esse mapeamento encontra-se no decorrer deste trabalho por meio de imagens.

no âmbito escolar – estas foram realizadas no pátio da própria escola, visto que a vivência do campo de pesquisa é uma forte ferramenta na produção dos dados (BOGDAN E BIKLEN, 1994).

Essas entrevistas foram gravadas através de um celular, sendo, logo, transcritas para o computador, onde todas as respostas/informações foram armazenadas com o fim de serem utilizadas como dados para esta pesquisa.

### **Recreio, futebolis, meninas e as relações<sup>20</sup>**

Eu percebo que é um momento que eles conseguem se organizar, eles mesmos sozinhos, eles se estimulam, gostam, têm estímulo, conseguem se limitar dentro das regras (ANA, entrevista realizada dia 11/09/2013).

No trecho anterior, a professora de Educação Física relata brevemente a prática dos futebolis na instituição escolar, prática muito presente nesse espaço, refletindo a cultura futebolística brasileira. Desse modo, através do mapeamento, notou-se que os futebolis estavam presentes todos os dias de inserção no campo, sendo realizados em espaços diferentes e por sujeitos diferentes.

No primeiro espaço, mapeado dentro da instituição escolar, o recreio, havia duas práticas de futebolis acontecendo: uma espécie de brincadeira do bobinho e uma prática que acontecia por todo o pátio da escola.

A primeira aconteceu poucas vezes, pelo menos nos dias de inserção no campo. Em suma, era uma atividade

---

<sup>20</sup> Com a inserção no campo foram constatados três tipos de relações: relação de observação – a menina se localiza com a finalidade de olhar o futebol que está acontecendo, não importando o motivo para o qual ela realiza aquela observação; relação “boleira” – a participação das meninas dentro de uma partida de futebol, o ato de jogar; relação por indiferença – o que prevalece é a indiferença das meninas para com o esporte, elas não observam e não jogam, apenas o ignoram e tratam os futebolis com certa indiferença, parecendo que não está acontecendo e que não tem interferência em sua rotina escolar.

em que alguns meninos se reuniam em um espaço que denominei semicírculo, realizando a atividade do bobinho. Durante a atividade, algumas variações eram realizadas, colocando mais de um indivíduo no interior da roda<sup>21</sup>, inserindo como regra apenas executar um toque na bola, entre outras, formando assim um conjunto de regras daquele grupo. Essa atividade reunia não apenas os jogadores, mas também espectadores, inclusive meninas, que prestigiavam a brincadeira. A seguir, um trecho do diário de campo que ilustra o dito bobinho:

Em torno de seis meninos estão localizados nesse espaço realizando a brincadeira do bobinho. É a brincadeira tradicional onde formam um círculo e um no meio tenta “roubar” a bola dos outros que constantemente tocam uns para os outros a mesma. [...] A prática do bobinho, sendo um jogo de iniciação do futebol, está tendo bem demarcado uma característica principal dos jogos: as regras DAQUELE grupo (Diário de Campo realizado dia 07/08/2013).

Logo, segue uma foto do mapeamento realizado durante o recreio escolar, mostrando o futebol realizado no semicírculo.

---

<sup>21</sup> Disposição dos meninos durante a brincadeira.

## Imagem 6 – Mapa do recreio escolar: o bobinho no semicírculo



Fonte: Diário de Campo realizado dia 07/08/2013

Legenda: 1-> Bobinho; 2-> Cada um por si; ☆-> Prática dos futebolis;

■-> Meninas observando; ⤴-> Semicírculo

Já a segunda atividade que envolvia os futebolis, durante o recreio, era um jogo de que participavam uma porção grande de alunos, que para qualquer investigador, seria complicado a sua caracterização. Isso porque os meninos corriam freneticamente atrás da bola – que, muitas vezes, era murcha e não necessariamente de futebol – chutando-a para todos os lados, espalhando a atividade por todo o pátio da escola. Na brincadeira – se assim pode ser chamada – raramente era realizada um drible ou uma jogada de maior efeito, pelo contrário, em alguns momentos, era dotada de chutes fortes, tornando-se até mesmo agressiva aos olhos de quem vê. O trecho abaixo descreve claramente as “jogadas” do jogo:

Muitos meninos participam dessa prática, não tem como contar, pois eles estão muito dispersos e agitados, mas acredito que sejam em torno de 20 meninos.

Precocemente, pensei que era um jogo de futebol mais padrão, com dois times tendo que fazer o gol um no outro. Logo, percebo que a brincadeira é por si (cada um dribla quem estiver pela frente) e, em momentos, é até mesmo agressiva. Pelo que pude observar, aparentemente, não haviam regras, acontece por vários espaços da escola (aonde a bola vai, todos correm atrás) ... (Diário de Campo, realizado dia 07/08/2013).

Com a finalidade de ilustrar e de demonstrar o ocorrido no recreio escolar, na forma de mapeamento, segue uma imagem na qual podemos destacar o futebol ressaltado acima, o que acontecia por todo o território escolar:

**Imagem 7 – Mapa do recreio escolar: por todo o pátio da escola**



Fonte: Diário de Campo realizado dia 14/08/2013

Legenda: ★ -> Prática dos futebóis por toda escola; ◌ -> Semicírculo

E as meninas nesses futebóis?

Na prática do bobinho no semicírculo, nenhuma menina estava envolvida “boleiramente”, ou seja, não havia o ato de jogar das meninas para com aquele futebol. Os tipos de relações existentes nesse espaço eram de observação e de indiferença.

No primeiro, as meninas observadoras formavam um grupo, que se localizava para observar o futebol que ali estava sendo praticado, sendo que essas observações eram repletas de risadas e de conversas, não sendo possível perceber se era sobre aquela prática realizada. Ainda, foi percebido que algumas meninas se detinham mais na observação da prática dos futebolis, já outras não prestavam tamanha atenção.

Já no segundo tipo, a relação por indiferença era realizada pelo restante das meninas que não faziam parte do grupo de observadoras. Elas ficavam desempenhando qualquer outra atividade, na maioria das vezes, conversando, ou então realizando outras modalidades esportivas, havendo a indiferença para com aquela atividade que estava sendo praticada no semicírculo.

**Imagem 8** – Mapa do recreio escolar: o bobinho no semicírculo e as relações



Fonte: Diário de Campo realizado dia 07/08/2013

Legenda: 1-> Bobinho; 2-> Cada um por si; ★ -> Prática dos futebolis;

■ -> Meninas observando; ◌ -> Semicírculo

O futebol praticado por todo o pátio da escola não tinha a participação “boleira” de nenhuma menina. Contudo, englobando uma minoria, algumas meninas que tinham maior proximidade

com o futebol apresentavam uma relação de observação, sendo que ficavam localizadas estrategicamente para não levar nenhuma “bolada”.

Uma das alunas entrevistadas ressalta que essas observações eram realizadas esporadicamente, talvez pela forma como eles executavam a atividade, pois como está exposto no mapeamento, era um futebol confuso que tinha regras internas, tornando-se uma prática pouco atrativa no sentido de participação “boleira” para as observadoras.

Ainda dentro desse espaço em que aconteciam os futebolis de maneira desorganizada, aos olhos de quem observava, agressiva e permeada de muitos chutes e empurrões, a relação de indiferença estava presente. Elas tentavam ignorar e tratar com indiferença aquela prática, no entanto, em dados momentos, o ato de fugir, esconder e ainda gritar umas para as outras: “Lá vem a bola!” (Diário de Campo, realizado dia 14/08/2013), era muito presente.

Um fato interessante nesse espaço de prática dos futebolis é que não eram apenas as meninas que não tinham a relação “boleira”, os meninos entrevistados também não apresentaram esse tipo de relação, realizando somente a observação, tendo os motivos expostos no trecho da entrevista a seguir:

Não participo com eles, eu não jogo, porque eles quebram muito, eles jogam se matando aqui, daí eu não gosto de jogá. Eu observo, eu fico ali sentado e fico olhando eles jogarem (BRUNO, entrevista realizada dia 11/09/2013).

**Imagem 9 – Mapa do recreio escolar:  
por todo o pátio da escola e as relações**



Fonte: Diário de Campo realizado dia 14/08/2013

Legenda: ★ -> Prática dos futebóis por toda escola; ◐ -> Semicírculo

**Aula de educação física, futebóis, meninas e suas relações**

Ah, percebo como uma forma assim é o que mais praticam na escola, dentro dessas formas, é, ficam jogando futebol seja no campo ou em um pequeno grupo, dando toque ou jogando na quadra, jogando futebol... (ANA, entrevista realizada dia 11/09/2013).

Voltando o olhar para outro espaço do contexto escolar, percebeu-se que a aula de Educação Física também é repleta de futebóis, que envolvem vários aspectos e pontos instigantes de reflexão.

Não se encontraram dificuldades no que diz respeito à presença desse esporte no âmbito das aulas de Educação Física. Essa prática acontecia dentro do ginásio, rotineiramente executada pelos mesmos alunos. As características do futebol

escolar eram marcadamente vistas, surgindo, assim, a separação dos times (panelinhas<sup>22</sup> e a contagem “igualitária”<sup>23</sup>), as discussões dos times formados e a briga com o horário: “o tempo tá passando!!” (Diário de Campo, realizado dia 07/08/2013).

Sobre as relações das meninas com os futebóis, todos os tipos foram encontrados: a relação de observação, a relação “boleira” e a relação de indiferença.

Na primeira, as meninas observadoras se localizavam na arquibancada do ginásio, onde assistiam àqueles jogos e tinham as mais diversas reações: em determinados momentos, riam, conversavam, torciam e até mesmo pediam gols; em outros, permaneciam sérias e aparentemente pouco interessadas. Somente com as observações não poderia ser constatado o motivo pelo qual elas observavam o futebol, mas, através da entrevista realizada em conjunto com duas meninas, elas ressaltaram os seus motivos:

Acho legal e tenho vontade de jogar. Já eu não gosto do esporte, só acompanho a minha amiga (JULIANA e FLÁVIA<sup>24</sup>, Entrevista realizada dia 11/09/2013).

Na relação “boleira”, algumas meninas se colocam dentro da quadra, no futsal realizado no ginásio. Percebeu-se que as meninas participantes eram repetidas a cada aula, sendo sempre as mesmas que adentravam na quadra, que conversavam sobre futebol, que participavam dos jogos. Em uma entrevista realizada, uma menina ressalta a sua dupla relação:

É eu jogo, quanto eu tô mais assim, a fim de jogá, eu jogo, mais a maioria das vezes eu não jogo muito. Olhar eu olho, sentada

---

<sup>22</sup> Expressão utilizada quando os alunos formam sempre o mesmo time, com o mesmo grupo de alunos.

<sup>23</sup> Os alunos não se preocupavam com o número igual de alunos em cada time, não ficando uma desigualdade muito grande, o futebol era praticado dentro dos moldes e das regras do grupo.

<sup>24</sup> Essas escolares concederam a entrevista em conjunto.

ali dentro olhando com as gurias (JÉSSICA, entrevista realizada dia 11/09/2013).

Em muitos momentos, essas meninas tinham de brigar pelo seu espaço dentro desse esporte. Quando essas meninas eram “proibidas” de jogar, elas exerciam o papel de observação, como traz o trecho anterior do diário de campo.

Na maioria dos momentos, as participações eram muito rápidas, não sendo nem mesmo percebida a retirada delas da quadra de jogo. Nesse sentido, é importante perceber as motivações que envolvem as meninas para com os futebóis:

A entrada da menina no jogo despertou o interesse de outras, elas passaram a observar com mais detalhe e atenção. Motivou também outra menina que resolveu entrar no jogo. Elas também não permaneceram muito tempo, fato que dispersou as meninas observadoras (Diário de Campo, realizado dia 14/08/2013).

Foi notório que, quando ocorrem as relações “boleiras”, outras meninas despertam uma maior atenção e motivação, elas se sentem mais à vontade para observar e, até mesmo, para praticar os futebóis. Aquelas meninas que sempre permanecem sentadas e exercendo fielmente o seu papel de observação se motivam a jogar e a enfrentar os impasses implicados nesse contexto.

O último tipo de relação constatada é a de indiferença, que envolvia aquelas meninas que não apreciavam o esporte, nem no tipo de observação, muito menos no tipo participação dentro do jogo. Essas meninas estavam espalhadas pelo pátio da escola, caminhando, conversando ou então praticando outra atividade esportiva. Dentre as modalidades esportivas mais praticadas, o voleibol era o principal, sendo realizado na parte posterior do ginásio, estando sempre sob o olhar das professoras das turmas.

As meninas passavam pelo ginásio – onde estava acontecendo o futebol – conversavam com determinados

sujeitos e saíam sem dar nenhuma atenção para o esporte praticado na quadra, estando implicada, nesse momento, a indiferença, o ato de ignorar.

## **Os escolares, futebóis e as relações**

Uma gama de elementos foi levantada pelos sujeitos participantes da pesquisa no que diz respeito às relações das meninas com os futebóis. Em alguns momentos, a cultura construída acerca desse tema é o que conduz a resposta e as opiniões dos escolares, trazendo em evidência que aquela cultura construída ao longo dos tempos ainda “respinga” nas opiniões de alguns sujeitos.

Essa cultura construída sempre incentivou os meninos a apreciarem os futebóis, fato esse que é exposto por uma das professoras participantes da pesquisa:

Eu acho que, desde a infância, o menino é incentivado a brincadeiras com bola e a menina não. São poucas as meninas que têm brincadeira com bola (...). Então qualquer coisinha o menino tá jogando e a menina não... (JOANA, entrevista realizada dia 11/09/2013).

Já a prática dos futebóis pelas meninas, segundo essa cultura construída historicamente, transformaria o papel da mulher na sociedade, visto que elas em vez de serem “do lar” e de serem “boas mães”, gerando filhos saudáveis, seriam agora jogadoras de futebol, tendo vida e hábitos de jogadoras de futebol, sendo esta uma rotina culturalmente vivida pelos homens (FRANZINI, 2005).

Com a finalidade de combater essa cultura, a mulher vem percorrendo todo um processo de inserção no meio social, buscando e reivindicando seus direitos e seus deveres dentro desta sociedade. Nesse longo processo, a luta pela igualdade de direitos (KOWALSKI, 2009), a luta pelo direito ao voto, pelo emprego e pela inserção em meios construídos predominantemente pelos homens, como, por exemplo,

o futebol, são alguns pontos que fazem parte da batalha de reivindicação das mulheres.

Assim, depois do longo processo de inserção feminina no futebol, as relações dos meninos perante essa situação são distintas, mas ainda, por alguns momentos, lembram os tempos de repressão feminina perante o futebol:

Três meninas estavam jogando o futsal, imersas no meio de toques, gols e chutes. Logo, outros meninos foram chegando, começando a organizar os times. As meninas foram ficando de lado, meio que excluídas pelos meninos, sendo que, aos poucos, se retiraram totalmente (Diário de Campo, realizado dia 28/08/2013).

Além dessas ações observadas durante as aulas de Educação Física, no decorrer das entrevistas, também puderam ser notada as reações dos meninos perante as relações das meninas com os futebóis. Em uma entrevista realizada, uma menina discorre sobre a situação:

“É às vezes eles não aceitam” (JULIANA, entrevista realizada dia 11/09/2013).

O ato de repudiar as meninas jogadoras segue em outra entrevista concedida:

Eles não queriam, eles ficam falando: “ah uma guria jogando futebol, não “sora”, não deixa, é só os guris! ” Eles ficam falando, mas aí depois eles passam a bola pra mim, e deu. É só no início que eles ficam contra... (JÉSSICA, entrevista realizada dia 11/09/2013).

Os meninos foram indagados sobre as suas reações perante a prática dos futebóis pelas meninas. Foi nesse momento que as atitudes dos dois meninos colaboradores da pesquisa divergiram. O primeiro entrevistado, quando indagado nesse contexto, pronunciou:

“Eu falo, eu resmungo, falo ah guria não pode jogar, tem que ser guria joga com guria e guri joga com guri” (BRUNO, entrevista realizada dia 11/09/2013).

É a partir dessa afirmação que voltamos para a cultura construída e o reflexo dela nos sujeitos de hoje. As transformações sociais e culturais ocorridas nas últimas décadas do século XX foram um elemento essencial, porém ainda insuficiente, como podemos notar, para a promoção da participação esportiva feminina. Algumas modalidades padronizadas e estereotipadas como masculinas – o futebol – apresentam, ainda hoje, uma gama de discriminações que continua a “impregnar” o ambiente esportivo quanto à ação de mulheres, seja em clubes, em espaços populares ou na escola (KUNZ, 2005, p. 90).

No entanto, conseguimos presenciar posturas e opiniões diferentes. Outro menino argumentou que era indiferente para ele a participação das meninas nos futebolis, pronunciando que não tinha “nenhuma reação” quando isso acontecia (PEDRO, entrevista realizada dia 18/09/2013).

Essas reações perante as relações que são estabelecidas no território escolar, como já dito, são reflexos da cultura consolidada, pois, como traz GOELLNER (2007), as identidades são produzidas pela cultura e os processos simbólicos de cada cultura constituem e ressignificam as representações de feminilidade e de masculinidade.

Nesse sentido que, em muitos momentos, as meninas que começam qualquer tipo de relação com os futebolis sofrem com essa inserção, pois os papéis e os estereótipos se revelam como estruturas fixas baseadas em padrões ou em regras estabelecidas por cada sociedade. Assim, os sujeitos aprendem a serem homens e mulheres se adaptando ou aprendendo a se comportar de acordo com esses papéis (GOELLNER, 2007).

E, como ficam os indivíduos que agem fora destes padrões estabelecidos? Laraia apresenta um trecho relevante de pensar:

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante (LARAIA, 2003 p. 7).

Esse comportamento “desviante” geralmente é repudiado e reprimido pelos mais tradicionais, sejam meninos ou meninas, que não aceitando o chamado de diferente, realizam ações preconceituosas. Entretanto, ainda que minimamente, já encontramos indivíduos que têm pensamentos diferentes, sujeitos que pensam abertamente, não condenando as meninas “boleiras”, as consideradas de comportamento “desviante”.

### **Considerações Finais**

Quando nos inserimos em um tema tão amplo e discutido quanto os futebóis e as mulheres, inúmeras possibilidades de realização da pesquisa podem surgir, visto que temos um grandioso espaço de investigação. Uma dessas possibilidades é em relação ao local de inserção, o campo de pesquisa. Diferentemente de outros espaços, a escola é um local onde todos os sujeitos devem (ou deveriam) passar, um lugar onde indivíduos de famílias diferentes se misturam e convivem no mínimo um ano, se falarmos de colegas de sala de aula.

Nesse sentido, a instituição escolar é um local de grande valia, para, por exemplo, realizarmos um mapeamento. A importância que se adotou a essa ação na presente pesquisa é dada por pensar nesse ato como o norteador, pois, localizando os espaços onde eram realizados os futebóis, pode-se chegar às relações das meninas para com essa modalidade esportiva em suas diferentes configurações.

A investigação sobre as relações se tornou um caminho rico de reflexão, seja no sentido de pensar como,

onde e por que estas aconteciam; seja na demonstração de diversidade que elas se revelavam durante as observações. Essa diversidade de tipos mostrou as múltiplas formas que temos para mantermos relações com os futebóis para além do ato de jogar, deixando a inserção das meninas no “campo de jogo” mais amplo.

Essas variadas relações femininas são resultado de todo um processo de conquistas atravessado pelas mulheres. Embora ainda exista certa resistência de alguns sujeitos, as meninas conseguiram um espaço dentro desse cenário, motivando, em dados momentos, outras meninas, dando seguimento a esses processos de inserção.

Portanto, a partir da presente investigação, algumas questões instigantes de se pensar e de se problematizar surgem como apontamentos para uma continuidade de futuros trabalhos. Tais questões evidenciam o cotidiano escolar de meninos, de meninas, de professores/as, de funcionários e de outros membros inseridos na escola investigada, sendo que, como tomou por campo de pesquisa um universo delimitado, os resultados alcançados não devem ser ampliados a outros universos.

## Referências

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação**: fundamentos, métodos e técnicas. In: Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 15-80.

DAMO, Alei Sander. **Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/agosto de 2003.

DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. **Um século de Futebol no Brasil**: Do Sport Club Rio Grande ao Clube dos Treze. Editora Aplub / Rede Globo, 2000.

FINO, Carlos Nogueira. (2006). **A etnografia enquanto método**: um modo de entender as culturas (escolares) locais. Disponível em: <http://www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>. Acessado em Dezembro de 2013.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328 – 2005.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol – Arte ou Futebol – Força?** O estilo brasileiro em jogo. Ano, 2003. Disponível em: [http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/225531\\_Giglio%20\(TCC\)%20%20Futebol%20arte%20ou%20futebol%20forca.pdf](http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/225531_Giglio%20(TCC)%20%20Futebol%20arte%20ou%20futebol%20forca.pdf). Acessado em dezembro de 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres, memórias e histórias:** Reflexões sobre o fazer historiográfico. Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança / organizado por Silvana Vilodre Goellner e Angelita Alice Jaeger. (13-26) – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GUEDES, Simoni Lahud. **Discursos autorizados e discursos rebeldes em cem anos de futebol no Brasil.** Esporte e Sociedade ano 5, n. 16, Nov. 2010 / Fev 2011.

KOWALSKI, Marizabel. **Visibilidades puritanas e a identidade feminina nos Momentos históricos que marcaram a trajetória da mulher na sociedade contemporânea.** In: XII Seminário Internacional Processo Civilizador, 2009. Recife, Brasil. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/mesas\\_redondas/MR\\_Kowalski.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Kowalski.pdf). Acessado em: Dezembro de 2013.

KUNZ, Eleonor (Org.). **Didática da Educação Física 3: Futebol.** Editora Ijuí. 2ª edição. 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 97-112. [CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 2002, p. 9-15.]

# UM BAIRRO, UMA PRAÇA E PÉS DESCALÇOS: CARACTERÍSTICAS DE UM FUTEBOL AMADOR RIO-GRANDINO EM MEADOS DO SÉCULO XX

Lucas Pedroso Xavier (in memoriam)  
Gustavo da Silva Freitas\*

## Introdução

Este texto conta um pouco da história dos campeonatos conhecidos como “Futebol de Pés Descalços”, disputados em meados do século XX, na cidade do Rio Grande/RS. Em específico, explora rastros acerca da emergência destes campeonatos, de suas dinâmicas e a relação que acabou estabelecendo com o futebol profissional da cidade.

Rio Grande alcançou grande visibilidade no cenário futebolístico regional na década de 1930 por conquistas de campeonatos estaduais pelos três clubes profissionais em atividade na época: Sport Club São Paulo (SCSP), em 1933; Sport Club Rio Grande (SCRG), em 1936; e Football Clube Rio-Grandense (FCRG), em 1939 (LIMA, 2014). Além disso, a cidade respirava futebol desde o início do século XX, produzindo uma cultura futebolística verificada pelo alto número (47) de clubes registrados entre 1900 e 1915, os quais possuíam distintos vínculos étnicos e socioeconômicos (CORREIA *et al.*, 2020). Por certo, comparativamente à prática profissional, o futebol amador<sup>25</sup> envolvia e atraía ainda mais

---

\* Docente do Instituto de Educação – FURG; gsf78\_ef@hotmail.com.

<sup>25</sup> Entendemos futebol comunitário, amador ou de várzea, como aquele que está destinado aos momentos de lazer dos praticantes possuindo propriedades entre a matriz bricolada (prática similar às “peladas”) e a espetacularizada, uma vez que é realizada em espaços mais padronizados

seguidores, pois as agremiações esportivas de bairro estavam ligadas às rotinas dos moradores, os quais passavam o tempo livre nos bares ou nas sedes dos clubes (PEDROSO, 2012).

No caso em foco, o bairro Cidade Nova e, mais precisamente, o complexo esportivo chamado de Praça Saraiva, tornou-se um espaço que se consolidou como significativo ponto recreativo da cidade, sobretudo por abrigar clubes amadores e jogos de futebol desde sua emergência. Pensado estrategicamente para “limpar” a zona central da cidade, evitando aglomerados residenciais e servindo para descarte de dejetos de quem vivia no centro urbano, o bairro acabou por aumentar os limites urbanos do município no século XIX. Nele, foram instaladas “fábricas, os curtumes, o depósito de materiais fecais, o hospital de isolamento e os pobres que deveriam ser inquilinos dos proprietários de terras” (NOGUEZ, 2015, p. 82). Assim, a Cidade Nova foi massivamente constituída pela classe trabalhadora rio-grandina que, ao longo dos anos, foi responsável por dar vida a ele (PEDROSO, 2012), tanto em termos de trabalho quanto de divertimento.

É neste contexto que buscamos desdobramentos do Futebol de Pés Descalços, uma prática de que se tem pouco material documentado, apesar de ter lugar afetivo nas memórias de futebolistas da região.

## **Metodologia**

Sob pressupostos teórico-metodológicos da história oral temática (MEIHY, 2011), um grupo de colaboradores foi selecionado como fontes, “pois essa história oral é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas” (MEIHY, 2011, p. 39). Assim, selecionamos quatro entrevistados, todos indicados subseqüentemente um pelos outros formando uma rede.

O primeiro foi Jurandir Marques Pedroso, conhecido como Jura, de 81 anos. Foi morador do bairro Cidade Nova durante a sua juventude e jogador do Futebol de Pés Descalços

---

do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia do sistema FIFA-IB (DAMO, 2006, p. 14).

pelo Ipiranguinha Futebol Clube. Durante a conversa, Seu Jura narrou memórias do bairro, da Praça Saraiva e do Futebol de Pés Descalços carregadas de detalhes, sendo essa uma característica marcante do processo.

Indicado por Jura, a segunda entrevista aconteceu com Assis Souza, mais conhecido como Seu Assis. É considerado por aqueles que vivem o meio futebolístico de Rio Grande como um importante personagem dessa história, uma vez que, aos 95 anos, dedicou considerável parte de sua vida ao Futebol de Pés Descalços, todos vividos dentro do Palmeiras Futebol Club. Altair da Silva Souza, 70 anos, filho do Seu Assis, participou da mesma entrevista. Além de compor e organizar as memórias do pai, Altair colaborou com informações substanciais, uma vez que viveu de perto esse cenário como jogador ou acompanhando o pai no clube amador.

O último entrevistado foi Rubilar Gonçalves, de 77 anos. Esse manteve contato com o Futebol de Pés Descalços como jogador e é considerado um expoente do mesmo, já que saiu dessa prática ainda jovem para se profissionalizar e fazer carreira nos clubes da cidade.

As entrevistas aconteceram entre os meses de março de 2017 a setembro de 2018, seguindo um roteiro básico composto por questões que giraram em torno da própria história de vida do depoente, suas lembranças do bairro Cidade Nova e da Praça Saraiva, com as respectivas práticas de divertimento vinculadas a este espaço, além de acontecimentos ligados às dinâmicas associadas ao futebol praticadas naquele local. Elas foram transcritas, devolvidas ao colaborador para recolhimento do termo de consentimento livre e esclarecido, que permitiu a identificação nominal de todos.

Como a prática estudada apresenta escassez de registros documentais, relacionamos essas narrativas com fontes imagéticas e documentais, na linha de uma história oral híbrida (MEIHY, 2011).

## A gênese da praça e a reorganização futebolística no bairro

A emergência do futebol amador aqui estudado está vinculada aos campos da Praça Saraiva, um complexo esportivo público distinguido como importante marcador que reorganizou as formas de viver o espaço, bem com as relações futebolísticas entre determinados clubes da cidade. Segundo os entrevistados, é na década de 40 que se inicia uma transformação da paisagem daquele local:

“Demorou para que os nossos Terceiros<sup>26</sup> jogassem na pracinha, porque a pracinha Saraiva quem vê hoje, ali era combro de areia. Pra ter uma ideia, o quartel fazia as instruções de tiro de festim ali, quase todo dia” (JURA, 2017).

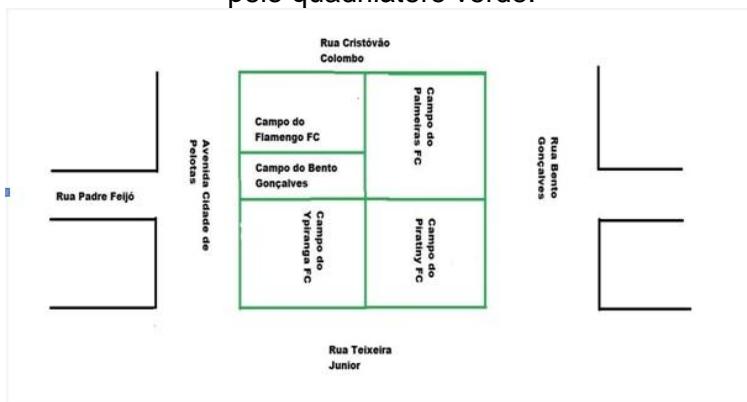
Até então, as partidas aconteciam em campos espalhados pelo bairro. Com a mudança, a Praça Saraiva passou a concentrar os jogos. Nessa transição, algumas agremiações do bairro através de seus presidentes viram a possibilidade de ocupar a área facultando a si uma espécie de campo-sede e os consequentes usos para torneios. Nascido em 1937, Seu Jura conta que esta limpeza foi fundamental para ocupação do espaço, pois *“foi aí que criaram os campos de futebol [...] aí traziam torrões de capim, botavam aqui, botavam ali”* (JURA, 2017).

Esta mudança disparou uma reconfiguração nas relações futebolísticas no local, em que a demarcação dos limites dos campos, ao mesmo tempo em que demandava a preservação daquele espaço público, fazia com que os responsáveis o gerissem conforme critérios particulares. Os campos dividiam a Praça Saraiva em cinco espaços. Segundo nossas fontes, a escolha do local ficou por conta dos próprios clubes, tomando a seguinte formatação:

---

<sup>26</sup> O Terceiro Quadro era uma forma de jogar o Futebol de Pés Descalços, refere-se a uma categoria inferior que alguns clubes do bairro tinham. Como era formada por jovens e a sua maioria não tinha condições de comprar calçados para o jogo de futebol, as partidas eram disputadas de pés descalços.

**Imagem 10** – Croqui da distribuição dos campos de futebol na Praça Saraiva, cuja totalidade está representada pelo quadrilátero verde.



Fonte: Elaborado pelo autor

Ainda nessa época, a Praça Saraiva, assim como o bairro Cidade Nova, não contavam com boa estrutura. As casas, as ruas e a praça foram constituídas a partir da necessidade dos moradores, uma vez que a esfera pública pouco colaborava com essa zona da cidade. Como diz Pedroso (2012), “muitas casas foram erguidas em locais onde não existia nenhum tipo de serviço, tal como água – problema que só seria resolvido na segunda metade do século XX – e iluminação” (p. 90). O autor ainda relata que as ruas do bairro eram completamente dominadas pela areia, que a história deste espaço está justamente permeada pela luta contra as adversidades naturais do terreno. As ruas descritas como largas e extensas não estavam ainda completamente preenchidas por casas. A inexistência de meio fio misturava a rua com a calçada. O cenário do bairro era constituído por inúmeras chácaras que ocupavam grandes faixas de terras nos quarteirões. O bairro Cidade Nova, em meados do século XX, ainda carregava, em sua estrutura, muitas precariedades oriundas da sua criação no século XIX (PEDROSO, 2012). Assim como o bairro, a Praça Saraiva, aos poucos, foi ganhando forma, os campos foram sendo marcados pelos clubes e também conservados pelos mesmos:

“[...] aí passaram a cuidar do campo, fazer a infraestrutura do campo, plaina e tudo mais. Eu me recordo o pessoal ia de enxada, enfim, tinha aquelas pessoas dedicadas mesmo” (JURA, 2017).

Os campos de futebol que passaram a fazer parte do cenário do bairro também exigiram determinadas maneiras de frequentá-lo. “*Como não tinha nenhum campo cercado*”, para mostrar a divisão e “*para as carroças não passar, eles faziam umas valetas*” (SEU ALTAIR, 2018).

A estratégia de privar o trânsito de carroças evitava que fossem criadas trilhas no meio dos campos, o que danificava o local e atrapalhava a prática do jogo. Além disso, essa medida também interferiu na rotina dos frequentadores do bairro, uma vez que esses carroceiros usavam a Praça Saraiva como forma de diminuir a distância percorrida entre o centro da cidade e os demais setores da Cidade Nova ou dos bairros adjacentes.

Ainda olhando para a rotina que o bairro passa a ter com a reorganização do espaço da praça, durante a semana, era possível utilizar essa área para pequenos divertimentos sem dificuldades, uma vez que as equipes necessitavam dos campos para torneios somente aos domingos:

“[...] aí, os clubes emprestavam, só pra gurizada pra jogar eles emprestavam os campos. Só que eles não emprestavam as trava. O que acontecia, a gente fazia as trava de taquara, entendeu?” (JURA, 2017).

Durante a semana, os clubes não imprimiam proibições para uso dos campos. Os meninos que jogavam bola naquele local, de segunda a sexta, poderiam utilizá-lo, desde que confeccionassem suas próprias traves. Na referência, o colaborador relata que eram feitas traves de taquaras, porém, também utilizavam pedras, sapatos, areia, entre outros materiais para demarcar a posição das “goleiras”. As traves indicam o caráter rudimentar do futebol amador da época, pois elas não eram fixas nos campos, sendo colocadas

pelos responsáveis dos clubes somente aos domingos para os jogos dos respectivos envolvidos:

“Aí, ia jogar o Palmeira, eles colocavam a trava de manhã, após o jogo, eles retiravam as trava com medo que alguém fosse e levasse, né, porque o pessoal tudo usava fogão a lenha. Daqui a pouco, vamos levar as trava, né, eu penso que fosse isso, né” (JURA, 2017).

Segundo Seu Altair (2018), “*as traves eram feitas de madeira 8x16, pesava pra burro*”, mas, mesmo assim, estes responsáveis eram os meninos que disputavam os jogos de Pés Descalços, uma vez que eram eles que iniciavam o domingo de futebol na Praça Saraiva, ainda pela manhã. As traves ficavam para os jogos dos adultos que se prolongavam na parte da tarde durante o campeonato amador municipal. Nesse ritmo, o domingo de futebol alterou a rotina do bairro em termos de lazer aos finais de semana, aparecendo mais a figura dos frequentadores dos campos de futebol, fosse para apenas assistir à partida ou mesmo para torcer pelo clube com o qual se identificava. Souza Neto (2010), afirma que, antes da invenção do torcer, a assistência de um jogo de futebol significou um importante espaço público de convivência, que passou a exigir a constituição de um modo de vida moderno e adequado para penetração no seio de uma nova ordem social.

É nesse cenário que o futebol acontecia, em um bairro de terreno arenoso e em uma praça que surge a partir da ocupação dos clubes daquela localidade. Avistar as traves postadas domingo de manhã era sinônimo de reunião de amigos, de familiares e de agremiações que passavam um dia de jogos futebolísticos.

## **Características do Futebol de Pés Descalços na praça e seus desdobramentos**

Ao ouvir nossos colaboradores, foi possível constatar que o Futebol de Pés Descalços era comum nos campos amadores espalhados na cidade de Rio Grande desde o início do século XX. Seu Assis, nascido em 1923, disse que iniciou sua participação neste futebol “*com 14 anos, no Terceiro B*”. O entrevistado se referia ao time de Terceiro Quadro do Palmeiras F.C.

Terceiro Quadro era uma das formas de identificação do Futebol de Pés Descalços, pois designava uma categoria inferior ao Primeiro e Segundo Quadros que eram as categorias principais dos clubes. E complementa: “*O Palmeiras tinha 4 times, o Primeiro e o Segundo Quadro, e o Terceiro Quadro A e B*” (SEU ASSIS). Esse Terceiro Quadro era uma espécie de escolinha ou de categoria de base dos clubes amadores na época. A divisão entre A e B significava que o Terceiro Quadro B recebia meninos entre 12 e 15 anos, enquanto o A recebia jovens de 15 a 19 anos.

Percebemos que, embora Terceiro Quadro e o Futebol de Pés Descalços representem ser a mesma coisa, eles tendem a ter atribuições diferentes. Quando perguntado aos colaboradores o porquê de o jogo ser praticado dessa forma, escutamos:

“Porque ninguém tinha como comprar um tênis, porque não existia tênis, não existia. Existia alpargata que chamavam, né, essa faixa etária aqui era tudo pé descalço” (JURA, 2018).

## Imagem 11 – Palmeiras RG, 1960.



Fonte: Acervo de Paulo Ventura

A expressão Futebol de Pés Descalços parece conter algo mais amplo e complexo, pois atuar com os pés descalços não era uma condição para o jogo, mas sim a possibilidade que os meninos pobres tinham de praticar o futebol naquela época. Além do mais, percebemos, ao longo das análises, que existiam outras formas de jogar futebol com os pés descalços que não eram dentro dos Terceiros Quadros. Sendo assim, essa categoria inferior dos clubes esportivos da cidade aparece como uma forma do Futebol de Pés Descalços e que, para este trabalho, tem o mesmo tom e sentido.

Outro fato curioso é que, mesmo sendo parte dos clubes, o Terceiro Quadro não tinha vínculo com as Ligas Amadoras da cidade ou com uma Liga própria. Quando se queria fazer uma “*tarde esportiva*”, reunia-se o pessoal e montava-se um torneio (JURA, 2017). Os jogos de Terceiro Quadro, portanto, eram organizados pelos clubes. As agremiações costumavam marcar jogos e campeonatos entre si para que os meninos pudessem jogar tanto no interior do bairro quanto em outras zonas da cidade.

“[...] então tinha um responsável, porque menor não podia tomar a iniciativa das coisas, então tinha um responsável pelo time. Então, ele amarrava partidas, né, “pô, vou amarrar partida lá com o Bandeirantes”. O Bandeirante era ali onde é o Hospital do Coração, antigo Osório, né, aí saía a amarrar futebol no bairro Santa Tereza na Vila Verde” (JURA, 2017).

Esses deslocamentos para os jogos feitos de um bairro para outro costumavam acontecer a pé. Muitas vezes, dependendo das distâncias, eram consideradas pelos participantes verdadeiras excursões. Devido à dificuldade de acesso a algumas áreas da cidade, somando ao trajeto longo, os responsáveis combinavam com os meninos a saída da sede pela parte da manhã, logo cedo.

“[...] o treinador chegava: “olha amanhã tem jogo lá na Vila Santa Tereza com o Terezinha, a gente tem que tá lá 10 horas pra fazer a primeira partida” (JURA, 2017).

**Imagem 12 – Palmeiras FC, 1958.**



Fonte: Acervo de Paulo Ventura.

Outra forma também mencionada pelos colaboradores de praticar o Terceiro Quadro era por meio de torneios. Uma equipe convidava demais agremiações para o certame, que acontecia em apenas um dia, geralmente aos domingos. Na Praça Saraiva, muitos torneios foram mobilizados pelo Palmeiras FC, convida lá “6 clubes, fazia a reunião, organizava os confrontos, conversa sobre o preço e marcava as datas. Era muito bem organizado” (SEU ASSIS, 2018). Na reunião comentada pelo Seu Assis, participavam os responsáveis de cada equipe, os quais davam uma porcentagem para pagar premiação, em torno de “400 réis de cada um, 200 réis, 300 réis na época, né” (JURA, 2017). Os torneios costumavam iniciar de manhã e terminavam somente ao anoitecer, até que saísse o campeão.

Embora os torneios fossem considerados muito bem organizados pelos responsáveis, os meninos passavam um dia inteiro fora de casa. Comer só era possível se os jogos fossem próximos às casas dos jogadores, caso contrário, os meninos, muitas vezes, passavam o dia jogando sem se alimentar.

“Aí a gente fugia em casa correndo e voltava pro campo, passava todo dia no campo. Guri sabe como é, não sente fome, quer jogar” (JURA, 2017).

As finais destes torneios nem sempre tinham um desfecho calmo. Não raramente, o chamado *fair play* era esquecido e a torcida invadia o campo. O fato de os campos não terem cercas ou alambrados facilitava para que os torcedores tivessem acesso ao gramado.

“[...] muitas vezes, os torneios eram decididos nos pênaltis, e a torcida invadia para se posicionar junto aos batedores e os goleiros, deixando apenas um gargalo que ia do goleiro até a marca do pênalti. Muitas vezes, não raro, alguém colocava um pé para evitar que o gol acontecesse, aí, tu já viu a confusão que dava” (SEU ALTAIR, 2018).

Os torneios encerravam com a premiação das equipes e dos destaques da competição. Os colaboradores revelaram que não tinha premiação para todo mundo, apenas troféu para o campeão, medalha para o artilheiro e para goleiro menos vazado, e que mesmo as premiações individuais acabavam ficando na sede do clube para serem expostas aos frequentadores. Essa característica de manter na sede dos clubes os prêmios coletivos e os individuais era comum até mesmo em campeonatos com outros formatos, com maior duração de tempo, com premiação de medalhas para todos da equipe campeã.

“Quando nós fomos campeões de cidade pelo Ypiranga, nós ganhamos medalha de campeão. A Liga de Amadorismo deu medalha pra distribuir, inclusive de goleiro menos vazado, e eu felizmente tive esse privilegio, né. E a medalha não ficou com ninguém. O que eles fizeram? Fizeram uma urna e colocaram lá as medalhas com o nome dos jogadores” (JURA, 2017).

Embora a fala se refira a um título de segundo quadro do Ypiranga FC, torneio organizado pela Liga de Futebol Amador da época, e que foge das características do Futebol de Pés Descalços, também foi possível encontrar, nas falas dos entrevistados, uma forma de competição com maior tempo de duração que envolvia equipes de Terceiro Quadro. Segundo Seu Altair (2018), “*os campeonatos podiam durar três meses, não passava disso*”. Essas competições seguiam o mesmo sistema de organização dos torneios aqui mencionados, iniciando por reuniões com as equipes que iriam participar do certame, geralmente na sede do clube responsável.

Uma característica observada nas entrevistas, e que, segundo os depoentes, era peculiar ao Futebol de Pés Descalços, diz respeito à arbitragem. Os árbitros costumavam ser escolhidos no ato do jogo, ou seja, instantes antes do início da partida, as equipes perguntavam se alguém

que estava na volta do campo gostaria de apitar. E o fato curioso, segundo os colaboradores, era que sempre havia alguém disposto a aceitar que já ia para os campos com a intenção de receber o convite.

“Aí, vai os dois capitão na torcida e perguntam, ‘queres apitar meu jogo?’ Aí o pessoal gostava de apito, né. Ah, tinha o Velho Oscar, o Velho Oscar toda a gurizada queria porque era um senhor idoso e era daqueles ignorantes sabe ‘olha que eu te pego do pescoço, não reclama’, era bem assim. Então, eles escolhiam o juiz na hora, não tinha nada com liga, ‘olha quer apitar o meu jogo?’” (JURA, 2017).

Além de ser uma prática pitoresca, tal medida traz uma sensação de possível descaso com os jogos das categorias inferiores dos clubes, como é o caso dos Terceiros Quadros. Pois, afinal de contas, nem todos os clubes contemplavam o Futebol de Pés Descalços, e alguns daqueles que tinham, muitas vezes, eram exigidos esforços para a manutenção e optavam por fechar as categorias inferiores “*porque sempre dá uma despesa*” (JURA, 2017).

Nessa fala, Jura se refere ao Ypiranga FC, cuja diretoria optou pelo encerramento das atividades do Terceiro Quadro ao perceber os gastos que tinha com o futebol dos meninos, sobretudo na compra e na manutenção dos uniformes, além de gastos com os campeonatos. Na fala dos entrevistados, também percebemos que a existência do Terceiro Quadro dentro dos clubes dependia diretamente do incentivo das diretorias e também de que houvesse responsáveis para lidar apenas com essa esfera. O Terceiro Quadro não era pauta na fundação dos clubes. Conforme revelado por nossos entrevistados, o objetivo do Futebol de Pés Descalços e o aparecimento dos Terceiros era a necessidade de criar jogadores ou novos frequentadores do clube, ainda que fosse uma prioridade ou uma unanimidade nas agremiações.

## Imagem 13 – Ata de Fundação do Palmeiras FC, 1935.

### Ata n° 1

Rio Grande, 3 de Agosto de 1935.

Foi fundado em 1° de julho de 1935 por alguns elementos, sendo os seguintes José Cuchiara, e Eraldo Rabassa após a fundação desse Club, foi convidado o pequeno club Sport Club São João para fazer parte em nosso segundo quadro, este pequeno Club tinha como dirigente o Sr Carlos Cuchiara que aceitou o nosso convite, e também todos os outros jogadores estavam de acordo. Logo depois de termos organizados o 1° e o 2° quadro, fizemos uma secção de assembleia geral, para organizar a Directoria oficial, ficando assim constituída.

#### Directoria

Presidente - José Cuchiara Jº  
C. Geral - Humberto Velho  
1º Secretário - José Cuchiara Jº  
Thesoureiro - Antonio Cuchiara  
C. do quadro - Eraldo Rabassa  
Contino - Contino

Após a escolha da nova e 1º Directoria, falamos sobre o organisamento dos dois quadros, depois de termos organizado em perfeita ordem, encerrou-se a secção.

1º secretário

J. Cuchiara

O Sr. João Aires Lages, foi o autor do nome do Clube, fundado nesta data, assim denominado: Palmeira Futebol Club.

Fonte: Acervo de Altair da Silva Souza.

“Então, quando surgiu o Terceiro, aí, foi, foi... com seu Dejaniro, com o seu Nestor, com o seu Ernesto, me recordo bem dos presidentes que dava, Mario Santos, que gostava de ver a gurizada junto, né. E a gente compartilhava porque ajudava em algumas coisas de melhoria da sede, ‘olha guri amanhã tem que retocar aquilo lá em cima, tu vem aqui pra ajudar’. Aí, a gente ia com um martelinho pra ajudar, né. Então, tudo isso favorecia o clube, né” (JURA, 2017).

Qual era a finalidade de manter uma equipe de meninos do Terceiro Quadro dentro dos clubes, uma vez que,

em certa parte, tornava-se dispendioso financeiramente? As narrativas mostraram que os objetivos das equipes de pés descalços dentro dos clubes amadores eram diferentes, dependendo do lugar de fala. Na posição do ex-treinador e dirigente, era de que

“[...] ali tu pega muito guri sem educação e ali tu consegue doutrinar ele” (ASSIS, 2018).

Para este, o futebol era a oportunidade de educar os meninos marginalizados do bairro, assim como mostrar para eles quais as atitudes permitidas pelo clube que estavam representando:

“[...] aquele que não era disciplinado não jogava, podia ser meu melhor jogador, mas não jogava” (ASSIS, 2018).

Por outro lado, quando questionamos a um ex-jogador qual era a intenção do Futebol de Pés Descalços, ele relatou que:

“[...] pra formar jogador, pra chegar no Segundo Quadro [segundo time de um clube amador] né, e no segundo, no meu caso como participei muitas vezes, sonhando chegar no primeiro quadro [equipe principal de um clube amador] (SEU JURA, 2017).

Assim, participar dos campeonatos de Pés Descalços para esses meninos era a forma que tinham de ingressar no meio futebolístico, mostrar suas potencialidades e tentar ascender esportivamente dentro do cenário municipal, inclusive na transição para o universo profissional.

### **Um fazer-se jogador de futebol em Rio Grande**

Ao longo das entrevistas, percebemos que o Futebol de Pés Descalços era uma forma de lazer para os frequentadores dos campos enquanto um público que assistia

ou passava a torcer e se envolver com algum clube. Assim também o era para os meninos do bairro enquanto jogadores desses clubes pelo Terceiro Quadro, mas, mais ainda, configurava-se como uma maneira de mostrar suas habilidades e alçar para os quadros principais dos clubes, ou, até mesmo, para clubes profissionais.

Isso ficou ainda mais evidente quando tivemos relatos de que o futebol de Terceiro Quadro, na visão de quem jogava, servia para formar jogador para os quadros principais dos clubes:

“Então, o Bom Sucesso aqui, tinha o seu Acácio também, era uma pessoa apaixonada pelo amadorismo. Terceiro Quadro, porque a intenção do seu Acácio sempre foi criar jogadores, e como ele sonhou, ele conseguiu muitos, desse projeto que ele tinha na mente dele, ele criou muito jogador bom. Do Bom Sucesso saiu jogadores que chegaram a jogar no Internacional, Atlético de Minas, enfim saiu muito jogador bom do Bom Sucesso” (JURA, 2017).

Dessa forma, “jovens jogadores, que eram destaques no amador, passaram a vestir os uniformes dos grandes clubes da cidade” (PEDROSO, 2012, p. 145). O autor ainda salienta que “este momento em que os clubes profissionais se voltam para o futebol amador da Praça Saraiva é o momento em que começam a surgir os grandes nomes do futebol riograndino” (p. 145).

Também encontramos nas falas dos nossos depoentes, acompanhado de certo orgulho e emoção, que jogadores que ganharam destaque no futebol rio-grandino e em nível nacional não só foram revelados dentro dos campeonatos do Futebol de Pés Descalços, como dele não se desvincularam. Exemplo disso, diz um dos depoentes, era o “*Neca que treinava no Rio Grande e aos domingos ia jogar de pés descalços com a gente*” (ASSIS, 2018), referindo-se a um jogador que atingiu o auge, na carreira, na década de 70,

jogando pelo Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, Sport Club Corinthians Paulista e Cruzeiro Esporte Clube.

Rubilar, um dos entrevistados, foi um destes casos. Ex-jogador dos campeonatos de Futebol de Pés Descalços que alcançou o futebol profissional relatou como aconteciam os convites destas agremiações em uma época em que as equipes de futebol profissional de Rio Grande tinham seus elencos compostos por jogadores da própria cidade:

“Eu jogava várzea, joguei muito pouco na várzea na verdade. Com 17 anos, eu já tava no profissional, eu fui pro FC Riograndense, um diretor me convidou. Na verdade, me convidaram primeiro pra ir pro SC São Paulo, mas eu não conhecia muita gente lá, aí fiquei com vergonha e acabei indo pro FC Riograndense” (RUBILAR, 2018).

Ele conta ainda que, embora tenha recebido convite de diretores dos dois clubes, a opção pelo FC Riograndense se deu pelo conforto de algumas amizades, o que acabou avaliando como uma escolha acertada, pois sua carreira profissional durou 12 anos, tendo atuado, mais tarde, por outro clube da cidade, o SC São Paulo. Nosso colaborador também traz, nas suas narrativas, algumas histórias de episódios que só foram possíveis pela aproximação que os torcedores tinham com os jogadores.

“Na época quando a gente jogava em casa, era em casa mesmo, tinha muita família de jogadores nas arquibancadas. Eu tive que pedir para o meu pai uma vez, deixar de ir aos jogos porque ele sempre brigava, o velho era muito bronqueiro. Pra tu vê, uma vez eu jogando vi que meu pai estava brigando no alambrado e nem pensei, peguei a bola do jogo e corri pro alambrado pra mandar parar com a briga” (RUBILAR, 2018).

Segundo ele, esses episódios só aconteciam porque as equipes eram contempladas somente por jogadores da cidade, ou com poucos jogadores de fora. Ele revela que, de certa forma, isso aproximava a comunidade, sobretudo os familiares dos jogadores dos clubes. Esses, muitas vezes, ajudavam as instituições em algumas atividades internas.

“O pessoal pegava junto no clube, porque como era todo mundo da cidade muita gente acabava ajudando o clube por isso também” (RUBILAR, 2018).

Cruzando as informações encontradas nas entrevistas, percebemos que, nessa época, aparenta acontecer uma lógica de formação de jogadores que tinha seu início lá no Futebol de Pés Descalços, uma vez essa era a maneira que os meninos tinham, muitas vezes, de ingressar no cenário futebolístico de Rio Grande.

### **Considerações finais**

Para finalizar, ressaltamos que, devido à escassez de informações e de produções sobre esse futebol aqui estudado, o que fizemos foi apenas levantar pistas desta prática a partir de fontes orais, imagéticas e documentais de colaboradores. Sendo assim, concluímos que esse futebol era a principal forma de sociabilidade dos meninos do bairro. Da mesma forma, a reorganização do futebol amador, na Cidade Nova, a partir da criação da Praça Saraiva enquanto espaço futebolístico, também alterou as práticas de lazer dos moradores, uma vez que, a partir desse rearranjo, os jogos passam a se concentrar em um espaço único, mobilizando dessa forma um número muito grande de adeptos. A Praça Saraiva passou a ser um registro importante em termos de lazer no bairro Cidade Nova.

Também encontramos relações do Futebol de Pés Descalços com o fazer-se jogador de futebol na cidade de Rio Grande. Boa parte dos meninos que chegavam ao Primeiro e ao Segundo Quadros dos clubes haviam passado

pelo Terceiro Quadro. Da mesma forma, (expressão introdutória) aqueles que eram recrutados para o futebol profissional. Ao que nos parece, o Futebol de Pés Descalços era a porta de entrada dos meninos no universo futebolístico rio-grandino.

## Referências

CORREIA *et al.* A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal *Echo do Sul* (1900-1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)**, v. 40, n. 4., out-dez 2020.

DAMO, A.S. Senso de Jogo. **Esporte e Sociedade**. Niterói, n. 7, nov. 2007 / fev. 2006.

LIMA, F.G. **Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. 2014. Dissertação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, 2014.

MEIHY, J.C.S.B. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NOGUEZ, E.B. **Gênese e Transformações do Bairro Cidade Nova no Município do Rio Grande/RS**. Dissertação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande, 2015.

PEDROSO, T.D. **Cidade Nova: Narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande – 1950**. Dissertação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, 2012.

SOUZA NETO, G.J. de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

# MULHERES E PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO: UMA INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA NO ESTÁDIO ALDO DAPUZZO – RIO GRANDE/RS

Daiane Grillo Martins\*;  
Raquel da Silveira\*\*;  
Gustavo da Silva Freitas\*\*\*

## Introdução

Considerando que os espaços futebolísticos se constituíram, historicamente, enquanto hegemonicamente masculinos e de grande visibilidade social, destinamos este capítulo à investigação sobre torcedoras em estádios. Destacamos que, no universo futebolístico de alto rendimento, as torcedoras de futebol “vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina” (COSTA, 2006, p. 1). Com isso, constitui-se “um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados” (p. 1).

Na sociedade civilizada, os esportes figuram como mecanismo de produção de tensões, de excitabilidade, pois “gracias a la manera en que está diseñado, puede evocar una determinada tensión, una excitación agradable, permitiendo así que los sentimientos fluyan con más libertad” (ELIAS, DUNNING, 1995, p. 64). Entretanto, o esporte se consolida também através do ato de assistir, presenciar a prática, o que também pode ser considerado uma forma de vivenciar o esporte, de liberar tensões e de buscar excitação (LUCENA, 2001).

---

\* Mestre em Educação Física – UFPEL; daia.martins82@gmail.com.

\*\* Doutora em Ciências do Movimento Humano – UFRGS e professora na ESEFID/UFRGS; raqufrgs@gmail.com.

\*\*\* Doutor em Educação em Ciências – FURG e professor adjunto do IE – FURG; gsf78\_ef@hotmail.com.

Para Damo (2005/2006), três elementos principais figuram nos espetáculos futebolísticos: os artistas (jogadores), as obras (os jogos) e seus públicos (torcedores). Referindo-se aos públicos, Damo (2002) considera que torcer é o mesmo que pertencer “o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações” (p.12). Isso considerando que essas ações acontecem pelo engajamento emocional, “de acordo com a importância e o significado assumido pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor” (idem). Ressaltamos ainda que

O ato de se dizer torcedor de um clube de futebol é uma das poucas situações em que a referência de permanência **ser** não foi abalada. No futebol continuamos a nos definir como: sou Flamengo, sou Corinthians, sou Grêmio, sou Internacional, sou Xavante. Essa escolha é tão significativa que se por algum motivo houver troca de opção, o torcedor receberia logo o rótulo de traidor, de “vira-casaca” (JAHNECKA, 2010, p. 51-52).

No Brasil, a prática do futebol é bastante difundida, em que meninos, mesmo antes de nascer, são presenteados com uma roupa de seu futuro time e têm, frequentemente, uma bola de futebol como parte integrante de seus brinquedos. Assim, desde a infância, o futebol é incorporado ao universo masculino, pois, conforme Bandeira (2009), neste país, o que se “ensina-aprende é que ‘futebol é coisa de homem’” (p. 14). Desse modo, as mulheres tiveram que conquistar lugar nesses ambientes, pois o público feminino adquiriu maior visibilidade nos espaços esportivos a partir das décadas iniciais do século XX (GOELLNER, 2003). Em nível nacional, as mulheres ainda enfrentaram a proibição legal enquanto praticantes de algumas modalidades esportivas, inclusive o futebol, através da “interdição imposta pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, regulamentada pela ditadura militar em 1965 e revogada somente no ano de 1979” (KNIJNIK, 2003, p. 20).

Lucena (2001), ao referir-se sobre a construção histórica do esporte neste país, endossa que se constituiu “centrada na figura do homem como lado forte e verdadeiro pilar de sustentação social, superior à mulher, o lado fraco e quando muito apenas belo” (p. 104). Assim, também nos ambientes futebolísticos homens e mulheres são demarcados pela distinção, já que, conforme Soares (2006):

A sociedade em que vivemos se caracteriza por relações de dominação, e nela a sexualidade, atitudes, comportamentos e sujeitos específicos são designados a partir do sexo primordial, o do homem. O regime masculino, que se estabeleceu ao longo dos tempos vem ditando a posição e os papéis de homens e mulheres, cujos valores e padrões de comportamento, também, são legitimados e consagrados socialmente (p. 63).

Nessa perspectiva é que realizamos uma investigação sobre mulheres que frequentam o estádio do Sport Club São Paulo, localizado na cidade do Rio Grande/RS, dedicado, até então, à prática de futebol masculino<sup>27</sup>. Na pesquisa, tivemos por objetivo investigar como torcedoras frequentadoras do estádio Aldo Dapuzzo se relacionam com o clube e com o futebol.

O Sport Club São Paulo foi oficialmente fundado em 4 de outubro de 1908, por descendentes portugueses, poloneses e italianos que procuravam um espaço para efetivação da prática esportiva. Isso porque, até então, esse espaço era restrito aos integrantes do Sport Club Rio Grande (LIMA, 2014). O estádio Aldo Dapuzzo é considerado um dos maiores estádios da zona sul do estado, sendo reconhecido como patrimônio cultural da cidade, conforme a Lei Municipal nº 5198, de 17 de dezembro de 1997.

---

<sup>27</sup> Na época da pesquisa, o clube mantinha apenas o futebol masculino, tanto no nível profissional quanto nas categorias de base. A partir de setembro de 2019, foi anunciado pelo clube o início dos treinos para a Escola de Futebol “Gurias do Parque” voltada a meninas entre 7 e 16 anos.

## Metodologia

Na compreensão sobre os caminhos pertinentes a esta investigação, embasamo-nos na etnografia, entendida como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30). A etnografia caracteriza-se como:

Sendo um composto de técnicas e procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 9).

Por intermédio dessas questões que envolvem a investigação etnográfica, o/a pesquisador/a realiza um “deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado” (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 9). Como ferramentas etnográficas foram utilizadas observações, diários de campo, entrevistas semiestruturadas e conversas.

O percurso empírico<sup>28</sup> ocorreu durante 15 jogos do time profissional do Sport Club São Paulo, tendo início no segundo semestre de 2011, contemplando quatro jogos da Copa Laci Ughini. Seguimos nos jogos do primeiro semestre de 2012, abarcando dez jogos da divisão de acesso do campeonato Gaúcho e um jogo amistoso. No processo da investigação, foram traçadas as seguintes etapas: 1) mapeamento do estádio, visando principalmente os locais de acesso dos torcedores e torcedoras para assistir aos jogos; 2) observações em espaços diversos reservados aos/as torcedores/as; 3) identificação de mulheres na torcida; 4) identificação de mulheres agrupadas<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> A pesquisa de campo foi realizada pela primeira autora, contemplando seu trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

<sup>29</sup> A investigação entre um grupo específico de mulheres possibilita acompanharmos as torcedoras com mais frequência, já que a imersão

Tendo em vista que o espaço mais acessado pela torcida do São Paulo são as arquibancadas, sendo que alguns/as torcedores/as ficam alocados/as próximos/as às grades que cercam o campo, foram traçadas linhas imaginárias que dividem os espaços das arquibancadas em núcleos que abordam o que denominamos, para o processo de pesquisa, ‘setores’ (Figura 1). Assim, foram classificados sete setores e esses divididos por meio de uma lógica que visa à equivalência de proporção espacial das arquibancadas ativas à torcida do Sport Club São Paulo e também a quantidade de público que geralmente aparece nesses locais. Isso considerando a ‘quebra’ desses critérios para o Setor II, que se trata de um espaço à parte na estrutura do clube, cercado e reservado para sócias/os do clube.

**Imagem 14** – Mapa do espaço interno do estádio Aldo Dapuzzo<sup>30</sup>



Fonte: elaboração das autoras e do autor.

no campo ocorre durante a realização dos jogos, dependendo ainda do desempenho do time do São Paulo durante a competição para que possamos conviver com essas mulheres por um período mais prolongado. Portanto, se fossem escolhidas torcedoras avulsas, ou ainda em setores diversos do estádio, teríamos maior dificuldade na investigação, conforme se desenha a metodologia deste trabalho.

<sup>30</sup> O mapa especifica os locais reservados aos/às torcedores/as. Os demais espaços tratam de dependências do clube.

Quanto às mulheres, foi possível perceber que diversas se faziam presentes ao longo dos jogos no estádio, também quando o número de público era escasso. Algumas chamaram atenção, seja individualmente ou em grupos, por suas manifestações de interação com o jogo e com o clube, expostas em falas, gritos, gesticulações e vestimentas que se remetiam ao clube, por intermédio de ações constantemente exacerbadas. Elas estavam nas arquibancadas, próximas às grades do campo e espalhadas por todos os setores do estádio, ainda que em número reduzido em relação aos homens. Trata-se de um público heterogêneo com relação às faixas etárias, abordando desde as crianças até as idosas. Elas estavam sozinhas, acompanhadas de torcedores homens, com crianças ou agrupadas com outras mulheres.

Após essas percepções, procuramos identificar mulheres frequentadoras do Aldo Dapuzzo, ou seja, aquelas que se faziam constantemente presentes em dias de jogos. Concluído esse processo, focamos nossa investigação nas torcedoras que frequentam o setor III do estádio<sup>31</sup>. Isso porque percebemos que havia um grupo composto, em sua maioria, por mulheres, que se alocava naquele espaço. Foi possível identificar que elas, independente da quantidade de público no estádio, da competição, do adversário e se o jogo era amistoso ou não, faziam-se presentes em todas as partidas que investigamos, ora em número menor (quatro torcedoras), ora em número maior (doze torcedoras).

---

<sup>31</sup> Foram consideradas como frequentes, no setor III, oito torcedoras que estavam presentes em quase todos os jogos do São Paulo. Outras mulheres também ocupavam esse espaço, às vezes, chegavam junto com as torcedoras investigadas. No entanto, não se constituíam como público frequente. Assim, todas as considerações presentes neste trabalho se referem a essas oito torcedoras.

## As mulheres nas arquibancadas dos estádios de futebol

Quando a prática do futebol perde sua fidalguia, muitas mulheres são proibidas e desestimuladas a frequentar os espaços futebolísticos, enquanto público apreciador dessa modalidade<sup>32</sup>, até então, exclusivamente masculina (COSTA, 2006). Como “a assistência não está mais exclusiva aos homens e mulheres da elite, os outros extratos da população também passaram a frequentar esse espaço de lazer, com a finalidade de torcer pelo time ao qual pertencem” (CAMPOS, 2010, p. 30). Assim, a popularização dessa prática pode ser considerada fator fundamental na redução da participação das mulheres nos espaços futebolísticos.

Contudo, até a década de 1980, mesmo que em números reduzidos, algumas mulheres conseguem ocupar posições de destaques em torcidas. Isso porque, através da popularização do futebol, a partir e principalmente nas décadas de 1940 e 1950, “a figura do torcedor é consolidada como elemento indissociável do futebol” (COSTA, 2006, p. 5). Daí, então, torcedoras se destacavam, nesse universo predominantemente masculino, numa época, em que, conforme Costa (2006), “o ideal de torcedor costumava ser encarnado pela figura do torcedor-símbolo cuja imagem representava espontaneidade e amor incondicional ao clube de coração” (p. 5).

Nesse contexto, torcedoras específicas assumiam o caráter de ‘torcedor-símbolo’, ocupando lugar de destaque e de prestígio entre os torcedores. Assim, Costa (2006) considera que tal popularidade também era favorecida pelo fato de serem mulheres, atribuindo-lhes uma condição de singularidade.

---

<sup>32</sup> Capellano (1999) elucida que “foram as mulheres, aliás, que consagraram a expressão ‘torcer’. Como não ficava bem para uma dama se descabelar, gritar, chorar, com seu time de coração, elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão. O hábito as fez ficar conhecidas como ‘torcedoras’ e não demorou muito para o termo ser adotado para designar todos aqueles que compareciam com frequência às partidas no intuito de incentivar as equipes” (p. 28-29).

Através da vigilância que há atualmente a respeito da violência em estádios, é notável a frequência de mulheres nos estádios de futebol, em dias de jogos. No entanto, ainda é pertinente a contestação da mulher conhecedora e pertencente ao universo futebolístico. Tal fato é referenciado por Costa (2006), ao mencionar a crescente incorporação feminina em páginas da Internet voltadas ao interesse em futebol, manifestando seus posicionamentos e comportamentos:

Essa incorporação [...] apresenta alguns obstáculos e um dos mais importantes refere-se à legitimação da mulher como indivíduo que não apenas é capaz de nutrir sentimentos de pertencimento clubístico, mas que também pode interessar-se pelo jogo de futebol, compreendê-lo em seus aspectos técnicos e táticos (p. 2).

Sinalizamos, ainda, que, no início do século XX, a presença das mulheres nas arquibancadas estava “habitualmente associada à questão do flerte” (CAMPOS, 2006, p. 29). Essa parcela “que herda sua falta de interesse pelo jogo, mas faz dele um trampolim econômico e social” (COSTA, 2006, p. 7) são mulheres popularmente conhecidas e citadas pela autora como ‘Marias-chuteira’. Tal estereótipo pode ser considerado aspecto fundamental no que tange ao olhar lançado sobre as mulheres, na contestação sobre o pertencimento ao universo futebolístico, já que, quando se fala na presença da mulher no estádio, a figura da Maria-chuteira também é associada (COSTA, 2006).

Conforme exposto, apontamos que, hoje, mulheres deixaram de ser uma exceção, uma figura ‘singular’ nos estádios de futebol para se tornar parte integrante da torcida. No entanto, o público feminino ainda se encontra num patamar de contestação sobre sua aptidão ao torcer, seu sentimento de pertencimento clubístico e também ao fato de entender sobre futebol, interpeladas pelo discurso que as diferencia dos homens torcedores. Portanto, no universo futebolístico, enquanto o público masculino, somente pela ação de frequentar

estádio ou pelo seu sentimento de pertencimento clubístico, é considerado torcedor, mulheres, frente a esse público, precisam “ir contra uma série de representações que fomentaram a ideia de que as mulheres e o futebol atuam em campos opostos” (COSTA, 2006, p. 3).

Desse modo, frequentemente, é necessário às torcedoras comprovar que frequentam os estádios porque entendem de futebol e amam seu clube, tendo ainda que desconstruir a imagem de ‘Maria-chuteira’ lançada sobre si. Assim, “é em oposição a esse tão antigo modo de interação feminina com o futebol que um bom número de torcedoras contemporâneas vem alicerçando suas identidades” (COSTA, 2006, p. 7), procurando legitimar sua identidade torcedora, perante aos demais integrantes desse universo.

Outra questão que elucida a necessidade ainda pertinente das torcedoras se legitimarem é que “mesmo estando presente no estádio, a representação da torcedora foi sendo pautada na figura de acompanhante, incentivadora dos clubes e dos jogadores” (CAMPOS, 2010, p. 73). Em tempos atuais, “embora essa concepção esteja mudando, ainda são muitos os lugares que continuam vendo a mulher como coadjuvante” (CAMPOS, 2010, p. 73). Assim, as mulheres que frequentam os estádios ainda são demarcadas pelo estereótipo de acompanhantes dos homens torcedores “e não em um sujeito que tem os seus conhecimentos sobre futebol legitimados ou o espaço e o público necessários para contar seus *causos*” (CAMPOS, 2010, p. 73).

### **As torcedoras do Aldo Dapuzzo e suas relações com o clube e com o futebol**

Para darmos o pontapé inicial empírico sobre as relações que torcedoras do grupo investigado estabelecem com o clube, destacamos um trecho dos diários de campo:

Uma das torcedoras chama a que está ao meu lado para comentar que os dois jogadores que foram contratados recentemente vão integrar o elenco do time que começa

o jogo. A torcedora diz que “o da chuteira branca é o Maicon Sapucaia”. Duas delas comentam sobre a escalação dos times. A que está com radinho diz que o time do Riograndense escalou quatro atacantes. A outra refere que, sobre uma substituição no time do São Paulo que o Rudi (técnico do São Paulo) “é retranqueiro, *ta* perdendo e coloca zagueiro” (...) uma torcedora diz que “o Ricardo Cunha, preparador físico do São Paulo falou na rádio Cassino, ao meio dia. Eu gostei do que ele disse!”. Uma delas grita, para o jogador do São Paulo em campo: “Vamos lá, Bocha, vamos lá!”. Uma das torcedoras pergunta para a que está com o radinho: “O Refati (jogador do São Paulo) não *ta* jogando?”. A outra responde: “Não, ele foi expulso.” (...) “O São Paulo joga pra trás, em vez de jogar pra frente!”, esbraveja uma das torcedoras. (...) três torcedoras conversam sobre o técnico do São Paulo, falando sobre uma eventual troca de treinador. Uma delas diz que “pode trazer Neymar, Damião, Oscar, que com esse técnico que *ta* aí não tem jeito”. (...) A torcedora com radinho diz “vai entrar o Cristian Fabri”. A que está sentada ao meu lado resmunga, sobre esse jogador “pelo menos chuta a gol, essa imundice!”. Outra delas também faz uma indagação para a que utiliza o rádio “quem é que ele tirou para colocar o Cristian?” ela responde “O Alex Paulista” e ainda comenta “o Guarany de Venâncio está ganhando do Brasil, em Pelotas”, uma delas comenta que “só o São Paulo não ganha do Brasil”. Elas parecem estar bastante insatisfeitas com o resultado de empate (DIÁRIO DE CAMPO VI, 22/04/2012).

O que percebemos nessa passagem é que essas torcedoras demonstram que conhecem e procuram se informar

sobre o elenco de jogadores do São Paulo, simpatizam com algum deles, mesmo que, por uma questão ou outra do jogo, elas disparem xingamentos a eles, já que se o time ganha, eles são ‘heróis’, se o resultado não é satisfatório, os jogadores passam a ser ‘vilões’. Essas formas de relação das torcedoras com os jogadores não demonstram outros tipos de interesses que não sejam relacionados aos seus pertencimentos clubísticos e à importância do jogo.

Outras falas relevantes à compreensão da relação dessas torcedoras com o clube estão presentes no Diário de Campo XI:

Duas torcedoras comentam sobre a classificação da chave do São Paulo. Uma delas que sempre se mostra pouco falante e que, no entanto, nesse dia, está bastante comunicativa conversa com uma das torcedoras. Essa última, diz “hoje coloquei dez pila [dez reais] no garrafão<sup>33</sup>. Eu sempre coloco dinheiro. Sou sócia, né?” ela complementa dizendo que também é conselheira do clube. A outra torcedora diz que não colocou nada, pois está sem dinheiro (DIÁRIO DE CAMPO XI, 21/06/2012).

No processo de entrevistas, quando indagadas sobre o motivo que as levou a se associar no clube, todas enfatizaram que a associação é uma forma de ajudar o clube. Essa questão revela o cuidado, a atenção que elas possuem com o São Paulo. Destacamos ainda a fala de uma torcedora que foi relevante para compreender a relação torcedora/clube: “Tô louca pra fazer um gol nesse goleiro que é pra ele deixar de fazer cera!” (DIÁRIO DE CAMPO VI, 22/04/2012). Entendemos que essa fala sinaliza que a torcedora se sente tão pertencente ao clube que personifica em si o próprio time, os atletas

---

<sup>33</sup> O garrafão é um recipiente de plástico transparente que se parece com uma grande garrafa. O clube, em dias de jogos, colocava essa garrafa próxima ao portão de acesso dos/as torcedores/as, para que eles/as, espontaneamente, depositassem qualquer quantia de dinheiro para ajudar o São Paulo em suas despesas.

que estão jogando. Então, assim como cada jogador dentro de campo, ela é o próprio Sport Club São Paulo<sup>34</sup>.

Outro momento relevante para elucidar a relação estabelecida torcedora/clube foi quando uma das entrevistadas falou sobre a importância do clube para a sua vida:

*“Ai, olha... (pausa com suspiro) a importância do clube é a mesma coisa que um filho. Ai... O São Paulo para mim é como um filho”*  
(TORCEDORA III).

Considerando a relação intensa de afeto existente entre uma mãe e um filho é possível mensurar a importância do clube na vida dessa torcedora. Assim, entendemos que o sentimento de pertencimento está para além de pertencer ao clube, mas também do clube pertencer à torcedora ou ao torcedor. Trata-se, então, de uma reciprocidade de pertencimento. Ela pertence ao clube e o clube lhe pertence. É como um filho. É algo que merece cuidado e atenção por ser tão importante à sua vida.

Também foi possível perceber algumas relações estabelecidas entre as torcedoras e seus maridos, que não vão ao Aldo Dapuzzo ou que não ficam no mesmo setor que elas, durante o jogo. Isso conforme a fala de uma delas, referindo-se a uma conversa com seu esposo, antes de sair de casa, para o jogo, que ocorreu numa noite de bastante frio:

*“Ele só dizia assim pra mim: Com esse frio tu vai pro campo do São Paulo? Eu vou! Ah! Depois tu não que ficar doente!”*  
(DIÁRIO DE CAMPO X, 09/06/2012).

---

<sup>34</sup> Tal constatação também é pautada na crônica de Armando Nogueira, presente no trabalho de Toledo (1996) “O torcedor de futebol é exatamente assim. Quando um jogador faz um gol, está apenas cumprindo os desígnios de alguém na arquibancada. Ele se projeta na imagem do ídolo, mas com uma solene diferença: não desperdiça jamais uma bola. Quicou na frente dele, não tem castigo: é gol. Por isso, o torcedor é tão impiedoso com as falhas de seu herói. Falo por mim. Eu mesmo, quando moço, do alto da arquibancada, nunca errei um passe e muito menos um chute. Cheguei a perder a conta dos gols que fiz com os pés que nunca foram meus” (p. 11).

Outra torcedora ainda se refere ao esposo, que vai aos jogos, mas não ocupa o mesmo setor que ela como se pode observar no seguinte registro:

Fim de jogo e como de costume, a torcida em geral vai deixando o estádio e as torcedoras do setor III permanecem, pois são umas das últimas a deixar o Aldo Dapuzzo. Enquanto isso, converso com uma delas que menciona “não sei nem se o meu marido tá aí ainda. Acho até que ele já foi embora sem mim”. Então, eu pergunto se ele vem ao estádio. Ela diz que sim, a filha dela também e que eles ficam em outro lugar, nas arquibancadas. (DIÁRIO DE CAMPO IX, 30/05/2012).

Mais uma questão que chamou atenção foi a do menino que as acompanha durante o jogo, indo ao estádio com sua avó. Esse menino interage bastante com as torcedoras, comentando sobre o jogo, trocando informações e apresentando manifestações torcedoras bem semelhantes às delas. Quando entrevistada, essa torcedora ainda menciona que o neto sempre a acompanha e que agora o marido também vai com ela ao estádio:

*“quando ele não vinha, eu vinha com o neto. Aí, ele começou a vir também”*  
(TORCEDORA C).

Quanto a isso, COSTA (2006/2007) cita que

As mulheres também têm sido cada vez mais responsáveis por “iniciarem” os membros mais jovens da família na paixão pelo futebol, função que era exercida basicamente por homens. Nos estádios podemos ver mulheres de todas as idades levando filhos, netos e sobrinhos para torcer por algum clube (COSTA, 2006, p. 25).

Essas questões evidenciadas vão de encontro à perspectiva histórica da presença das mulheres nos espaços de futebol na condição de acompanhantes. Inclusive, entre as torcedoras do setor III do Dapuzzo, parece que essa lógica de mulheres acompanhantes se inverte e que, nesse determinado espaço, ‘eles’ é quem são os acompanhantes.

Quanto à relação das torcedoras especificamente com o futebol, constatamos que, para algumas delas, essa interação se dá, prioritariamente, através da identificação com o São Paulo. Já outras procuram alargar a relação com esse esporte através do consumo de informações:

Eu gosto de saber, eu escuto, eu vejo jogo de futebol na televisão, eu tô sempre acompanhando. Eu não gosto de fim de ano porque não tem futebol. Ah! É horrível pra mim. Não gosto. Passeio pra mim é futebol, não adianta” (TORCEDORA III).

E a torcedora ainda complementa,

*“tenho uma caixinha (...) cheinha de recorte de jornal. Tudo do São Paulo (...) minha casa parece uma sede do São Paulo, de tanta coisa!”* (TORCEDORA III).

Assim, essas mulheres constituem suas relações de pertencimentos com São Paulo que se consolidam para além das arquibancadas do Aldo Dapuzzo e também em estádios de times adversários:

A torcedora mais jovem do grupo, que chega contando para as outras que sua mãe, que também faz parte do grupo, foi ao jogo do São Paulo contra o Brasil, no estádio do time da cidade de Pelotas. “ela liga dizendo pra mim dizendo ‘minha filha! Tão me jogando pedra!’”. A sua mãe chega em seguida, dando continuidade ao assunto sobre o acontecido, em que a torcida

do Brasil disparou pedras em direção à torcida do São Paulo e menciona “a gente não tem medo de pedra (...) mas foi feia a coisa!”. Duas delas comentam sobre a possibilidade de ir à cidade de Passo Fundo, para assistir o próximo jogo do São Paulo (DIÁRIO DE CAMPO XI, 21/06/2012).

Entendemos, desse modo, que essas torcedoras do setor III do Dapuzzo caracterizam-se como pertencentes ao universo do futebol, enquanto público apreciador. Elas gostam de futebol e amam o São Paulo. Afirmam que amam, pois quando perguntadas se pudessem resumir em uma única palavra sua relação com o clube, todas as entrevistadas falaram de amor. E os dias de jogos no Dapuzzo simbolizam a concretude plena dessas relações.

### **Considerações finais**

Nesta pesquisa etnográfica com as torcedoras do Estádio Aldo Dapuzzo, pertencente ao esporte Club São Paulo, na cidade do Rio Grande/RS, ao investigarmos as formas de se relacionar com o clube e com o futebol de mulheres que frequentam o estádio, constatamos que as torcedoras procuram se informar e estar a par dos acontecimentos do universo futebolístico, envolvendo-se com o clube para além dos dias de jogos no Aldo Dapuzzo. Já outras vivenciam essa relação especificamente no momento do jogo, no setor III do estádio. No entanto, nenhuma delas deixa de mencionar o seu amor pelo São Paulo, mensurado como o de um filho, para uma das torcedoras.

Esse engajamento emocional é o que faz que essas mulheres se considerem torcedoras e que, desse modo, legitimem-se enquanto componente do universo futebolístico. Fato esse que simboliza a relação significativa que elas possuem com o clube e com o futebol. Nesse contexto, tais constatações vão de encontro às mitificações que permeiam o senso comum de que mulher não entende de futebol, estádio é lugar de ‘maria-chuteira’ e de que elas estão no estádio cumprindo o papel de acompanhantes.

Por intermédio dessa investigação, foi possível constatar que, em contraposição aos estereótipos que recaem sobre as mulheres que frequentam os estádios de futebol, essas torcedoras estão no Aldo Dapuzzo porque gostam de futebol, nutrem sentimentos de pertencimento clubístico e fazem desse universo um aspecto relevante às suas vidas. Isso considerando que as formas com que elas se relacionam com o São Paulo e com o futebol são provenientes dos aspectos sentirem-se pertencentes ao clube e sentirem o clube pertencente a elas. Por fim, destacamos que as torcedoras do setor III do Estádio Aldo Dapuzzo revelam seus exímios pertencimentos que se efetivam por meio do vínculo afetivo com o clube e pela apreciação do futebol.

## Referências

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *“Eu canto bebo e brigo... alegria do meu coração”*: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. Porto Alegre: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Dissertação de Mestrado, 128 folhas.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Dissertação de Mestrado, 142 folhas.

CAPELLANO, Renata. *O torcer de futebol e a imprensa especializada*. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

COSTA, Leda Maria da. *Maria-chuteiras x torcedoras “autênticas”*. *Identidade feminina e futebol*. ‘Usos do Passado’. XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. *In: Esporte e Sociedade*, número 1, Nov. 2005/Fev. 2006, p. 1 a 43.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre, Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Erik. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Mexico: FCE, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *O esporte e a espetacularização dos corpos femininos*. In: Revista Labrys – Estudos Feministas n. 4 ago/dez, 2003.

JAHNECKA, Luciano. *O jeito Xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol*. Porto Alegre, 2010.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo sua história*. São Paulo: Mackenzie, 2003.

LIMA, Fernando Godinho. *Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

LUCENA, Ricardo. *O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Barcellos (orgs.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SOARES, Guiomar Freitas. *Da universidade à cidadania: um estudo sobre as identidades de gênero*. In: SOARES, Guiomar Freitas. SILVA, Meri Rosane santos da. RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*. Rio Grande: FURG, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: autores associados / Anpocs, 1996.

# SPORT CLUB RIO GRANDE X SPORT CLUB SÃO PAULO: A RIVALIDADE DO CLÁSSICO RIO-RITA PELAS PÁGINAS DO JORNAL NA DÉCADA DE 2003-2012

Fabrcio Marques Souza\*;  
Gustavo da Silva Freitas\*\*

## Introdução

É inegável que o esporte é polissêmico e polimorfo. Já dizia Umberto Eco que ele pode ser apropriado em primeira pessoa, tornar-se o próprio espetáculo, virar o discurso da imprensa esportiva, até ser elevado à enésima potência ao se transformar sobre o que se fala a partir da imprensa, conjunto que chamou de falação esportiva (ECO, 1984).

Dentro desse universo, o futebol recebe luzes mais potentes por exercer grande força socioeconômica, cultural, política e midiática no país. Para além das peladas<sup>35</sup>, do torcer, do competir, o brasileiro vive o futebol por intermédio das mídias, as quais mais do que transmitirem, produzem imagens do futebol pelo que dele se fala. Interessa não só o jogo visto pela televisão, com a narrativa de quem fala, mas também o que será dito, ao mesmo tempo, pelo rádio, e nas páginas dos jornais, no dia seguinte, e no outro, e no outro.

Entre estas imagens construídas, a rivalidade entre clubes é um dos elementos que aparece nessa apropriação pelo que dela se fala. Muito embora esteja convencionado que a rivalidade venha acompanhada de significados como violência

---

\* Licenciado em Educação Física – FURG; [fabrcio.sms@riogrande.rs.gov.br](mailto:fabrcio.sms@riogrande.rs.gov.br)

\*\* Docente do Instituto de Educação – FURG, [gsf78\\_ef@hotmail.com](mailto:gsf78_ef@hotmail.com)

<sup>35</sup> O termo “pelada” é utilizado para designar um futebol jogado em espaços livres, com regras criadas pelos próprios praticantes e sem preocupação com uniforme e calçados.

e hostilidade, por outro lado também remete a uma espécie de alavanca para o crescimento do próprio clube:

[...] o rival é a outra metade da laranja, o outro lado da moeda. Ao mesmo tempo que é negado, também é afirmado por lembranças ou declarações de desinteresse que, na verdade, refletem o mais puro interesse, pois é sempre comparado ao time do torcedor (MORATO, 2003, p. 34).

As rivalidades entre clubes são desencadeadas por múltiplos fatores, entre eles, pela constituição histórica e pela proximidade geográfica por estarem na mesma cidade. Nesse sentido, cabe perguntar que elementos são promovidos para que uma rivalidade seja alimentada? Como as mídias participam desse processo? O que é explorado para chamar de rivalidade a relação entre clubes de uma mesma cidade?

A cidade de Rio Grande/RS, atualmente, possui dois clubes com o futebol profissional em atividade que, podemos dizer, rivalizam. O Sport Club Rio Grande e o Sport Club São Paulo, fundados no início do século XX, promovem um dos clássicos<sup>36</sup> mais antigos do futebol brasileiro conhecido como Rio-Rita<sup>37</sup>. Segundo Mazui (2010), atas do memorial do S. C. Rio Grande informam que o primeiro jogo entre os clubes aconteceu dia 7 de novembro de 1910.

Nesse quadro, analisamos a construção da noção de rivalidade ocorrida entre o S.C. Rio Grande e S.C. São Paulo no período de 2003 a 2012, com olhares específicos para o que foi dito do clássico por um jornal local em relação ao que acontecia dentro e fora do campo de jogo. A delimitação temporal do estudo ocorreu pela pretensão de produzir sobre o que tem acontecido na história recente dos clubes.

---

<sup>36</sup> Chamamos de clássico a existência de um confronto permanente entre dois times carregados de rivalidade e que partilham aspectos em comum, sendo a cidade que representam um deles. Ainda no futebol, episódios que ganham contornos dramáticos viram clássico.

<sup>37</sup> “Rio” pelo primeiro nome do S. C. Rio Grande e “Rita” por uma alcunha popular dada ao S. C. São Paulo, de caturrita.

Além disso, em levantamento preliminar, pode-se observar que a década indicada foi a última<sup>38</sup> de forma contínua em que ambos estiveram na Divisão de Acesso do futebol gaúcho, a qual reúne times que buscam ascender à Divisão Especial do futebol gaúcho, onde estão os tradicionais Grêmio de Football Porto Alegrense e o Sport Club Internacional.

## Metodologia

Como antecipado, tomamos um periódico de circulação local da cidade como fonte, chamado Jornal Agora, uma fonte de fácil acesso, com relevante reconhecimento público e uma seção dedicada à cobertura dos esportes. É expressivo tomar um jornal como fonte “[...] por ser um veículo de periodicidade diária, de uma pluralidade editorial, de intensa concorrência mercadológica, de uma variedade textual, e de uma elevada circulação social” (FREITAS, 2009, p. 30). Já Betti (2001, p. 108) afirma que nas mídias impressas como o jornal “as imagens vêm ganhando espaço em relação à palavra” em que fotos, gráficos e outros recursos são produzidos com qualidade crescente por conta dos avanços da computação.

O Jornal Agora, com sede em Rio Grande, começou a circular em setembro de 1975, tendo características de diário e uma tiragem de 1000 exemplares, dobrada já no mês seguinte à sua primeira impressão (LIMA, 2011). Atualmente abrange notícias de Rio Grande e da região, com tiragem diária de mais de 6000 exemplares. Ao todo, são produzidas seis edições, por semana, desse jornal, sendo uma para cada dia de segunda a sexta, e uma única edição reunindo informações de sábado e de domingo. No entanto, entre os anos de 2003 e 2005, não havia a edição de segunda-feira.

---

<sup>38</sup> Em 2011, a Federação Gaúcha de Futebol criou a 2ª Divisão do Campeonato Gaúcho, uma espécie de 3ª divisão. Em 2013, o S.C Rio Grande disputou essa competição diante do rebaixamento no ano anterior, deixando a cidade novamente sem o clássico pela Segundona Gaúcha após 10 anos sem interrupções.

Para agilizar o processo de busca e de seleção dos jornais foi feito um levantamento dos clássicos ocorridos entre 2003-2012 pela Divisão de Acesso, chegando ao seguinte quadro:

**Tabela 1 – Quadro com o levantamento de dados do clássico S.C. Rio Grande x S.C. São Paulo (2003-2012)**

<b>Nº</b>	<b>DATA</b>	<b>MANDANTE</b>	<b>PLACAR</b>	<b>VISITANTE</b>
01	06/04/2003	SC São Paulo	5 X 1	SC Rio Grande
02	27/04/2003	SC Rio Grande	2 X 2	SC São Paulo
03	02/04/2004	SC São Paulo	2 X 0	SC Rio Grande
04	12/05/2004	SC Rio Grande	1 X 2	SC São Paulo
05	06/03/2005	SC São Paulo	2 X 2	SC Rio Grande
06	03/04/2005	SC Rio Grande	1 X 0	SC São Paulo
07	01/05/2005	SC Rio Grande	0 X 0	SC São Paulo
08	15/05/2005	SC São Paulo	1 X 1	SC Rio Grande
09	05/02/2006	SC Rio Grande	2 X 1	SC São Paulo
10	05/03/2006	SC São Paulo	1 X 2	SC Rio Grande
11	18/03/2007	SC São Paulo	1 X 1	SC Rio Grande
12	08/04/2007	SC Rio Grande	2 X 2	SC São Paulo
13	09/03/2008	SC Rio Grande	2 X 0	SC São Paulo
14	13/04/2008	SC São Paulo	0 X 2	SC Rio Grande
15	22/05/2008	SC Rio Grande	1 X 1	SC São Paulo
16	25/05/2008	SC São Paulo	2 X 2	SC Rio Grande
17	29/03/2009	SC São Paulo	2 X 3	SC Rio Grande
18	03/05/2009	SC Rio Grande	2 X 1	SC São Paulo
19	18/02/2010	SC São Paulo	1 X 2	SC Rio Grande
20	17/03/2010	SC Rio Grande	0 X 1	SC São Paulo
21	11/04/2010	SC São Paulo	1 X 3	SC Rio Grande
22	05/05/2010	SC Rio Grande	0 X 0	SC São Paulo
23	15/05/2010	SC Rio Grande	0 X 2	SC São Paulo
24	26/05/2010	SC São Paulo	0 X 2	SC Rio Grande
25	20/03/2011	SC Rio Grande	0 X 0	SC São Paulo
26	13/04/2011	SC São Paulo	1 X 2	SC Rio Grande
27	04/03/2012	SC São Paulo	5 X 4	SC Rio Grande
28	05/05/2012	SC Rio Grande	3 X 1	SC São Paulo

Fonte: Elaborado pelos autores

Para formar o arquivo empírico, foram reunidos os jornais<sup>39</sup> dos dois dias que antecederam cada jogo, somado ao do dia do jogo e às duas edições posteriores, totalizando cinco edições por jogo. Além disso, foi coletada também a edição em que era publicada a Coluna Esportiva, caso esta não estivesse contemplada nos dias anteriormente citados. Ainda que o interesse estivesse voltado para a seção esportiva, todas as seções do jornal foram levadas em consideração para as análises, desde que fizessem alguma referência ao clássico.

De posse desse *corpus*, tomamos como ferramenta analítica a perspectiva da análise enunciativa. Instigados por Fischer (2003), entendemos que “para descrever os enunciados de um discurso, certamente precisamos recorrer às enunciações, analisar o que é dito, escrito, ou mostrado em diferentes materiais (textos, vídeos, programas de televisão, registro de observação de cenas)”, sendo que o “descrito é aquilo que faz com que essas coisas sejam ditas” (p. 86). Nesse embalo, foi feito um exame minucioso dos textos e das imagens dispersas nos jornais com o propósito de encontrar os elementos que fizeram aparecer ou ainda manter viva a rivalidade entre os clubes.

## Os clubes

As histórias dos clubes acabam se entrelaçando à constituição étnica da cidade, sobretudo por meio das relações sociais estabelecidas a partir dela. O S.C. Rio Grande foi fundado em 19 de julho de 1900, pelo alemão Johannes Christian Moritz Minnemann “junto a um grupo singular de senhores, composto por sobrenomes alemães, ingleses e portugueses e, com o apoio imprescindível de Arthur Lawson Minnemann” (SITE DO S.C. RIO GRANDE, 2012). O estádio do clube chama-se Arthur Lawson e suas cores são o verde, o vermelho e o amarelo, não por acaso

---

<sup>39</sup> Ainda que as edições do Jornal Agora sejam disponibilizadas de maneira *on-line* desde 30/09/2006, optou-se por trabalhar com as edições impressas pela facilidade no manuseio das fontes.

as mesmas cores da bandeira do Rio Grande do Sul, o que reflete na forma pela qual o clube é conhecido: Tricolor. A mascote é o Vovô, em alusão à antiguidade do clube, que por isso também é conhecido por “mais velho” ou “veterano”, e tem como sua maior conquista o título do Campeonato Gaúcho de 1936.

Já o S. C. São Paulo, fundado em 04 de outubro de 1908, por Adolpho Corrêa, descendente de portugueses, é um clube conhecido como rubro-verde devido às cores que compõem a sua bandeira (verde e vermelho), em alusão à bandeira de Portugal. O clube possui um estádio próprio, o Aldo Dapuzzo, que está alocado no mesmo espaço físico desde a fundação, declarado como patrimônio histórico e cultural do município de Rio Grande pela Lei Municipal 5.198, de 17/12/97. Em 1933, sagrou-se campeão gaúcho, título mais importante da história do “leão do parque” – como também é denominado, pois o leão é a mascote e o parque é o bairro onde o patrimônio do clube está localizado.

As diferenças entre os clubes, demonstradas a partir das cores, das mascotes, daqueles que foram responsáveis por suas respectivas fundações, configuram-se como manifestações rivalizantes (DAMO, 2003), elementos que podem ser usados, entre outros, para produzir uma rivalidade clubística.

### **O clássico em 3 tempos**

Ao dissecar o *corpus* de análise, notamos, pelo menos, três cortes temporais ao longo da década estudada, que se diferenciam naquilo que anunciam sobre a rivalidade. No primeiro período (2003-2004), temos um clássico enunciado como empobrecido, tanto em termos técnicos quanto em aspectos para fora do campo de jogo. Nos quatro jogos ocorridos nesse período, duas situações apareceram como emblemáticas para demonstrar a maneira como o jornal tratava esse embate.

A primeira delas ocorreu no jogo de 6/04/2003, o qual foi destacado pela coluna esportiva como “Clássico da Miséria”. Diz o colunista:

“No item ‘Clássico da Miséria’, no ‘Opinião’ da semana passada, que causou até indignação por parte de torcedores e dirigentes, quis defender a falta de incentivo por parte de empresas e órgãos aos nossos times. Nada mais do que isto. Sem apoio, dirigentes e clubes só podem fazer times medianos e fracos, não conseguindo se impor a equipes de menos tradição no futebol gaúcho” (JORNAL AGORA, 09/04/2003)

A segunda situação englobava os dias 26-27/04/2003. Tanto a manchete principal da seção de esportes: “*Rio-Rita dos desesperados*”; quanto a coluna esportiva que antecedeu o jogo “*É a briga dos desesperados. Pela incômoda situação de ambos na tabela*” [...] (JORNAL AGORA, 26-27/04/2003), fizeram alusão à má campanha técnica dos clubes na Divisão de Acesso. Questões fora das quatro linhas também foram publicadas e ajudaram a compor o cenário de empobrecimento do clássico. Após o jogo, parte do texto da seção esportiva dizia que “o clássico reuniu pouco público, como de costume, quando os jogos são realizados no afastado gramado tricolor” (JORNAL AGORA, 29/04/2003).

A alusão à baixa presença do público se estende para o segundo corte temporal encontrado (2005-2007), mas, neste caso, oscilando com uma cobertura que valorizava mais o clássico. Fotos de uma arquibancada vazia contrastavam com destaques que ocupavam quase um terço da capa do jornal, sobretudo quando se referia ao início de um novo campeonato e à esperança de subir de divisão.

Digamos que, entre 2005-2007, houve uma mudança na abordagem do clássico, pois, embora o visível crescimento de espaço na linha editorial do jornal, ainda era possível perceber as mesmas enunciações de dois anos anteriores, as quais remetiam a um clássico carente. A diferença é que estas aparecem em menor número abrindo espaço para fragmentos com tom mais glamoroso e de engrandecimento aos clubes, como nos seguintes casos: “[...] o Rio Grande, com pompa de ‘time dos sonhos’, adentrou o gramado

*aclamado pelos seus torcedores, que foi em bom número ao estádio Arthur Lawson” (JORNAL AGORA, 06/02/2006); “Como um verdadeiro leão. Foi desta maneira que a equipe do Sport Club São Paulo entrou em campo [...]” (JORNAL AGORA, 09-04-2007), fazendo uso da mascote do clube, associando-a a uma postura do time do início ao fim do jogo.*

Por fim, no terceiro período localizado (2008-2012), temos uma linha contínua de enaltecimento do clássico em termos de forma e de conteúdo. Isso porque a cobertura não se resumia às matérias na seção esportiva no dia após o jogo. Para além das capas, que já não eram muito raras ao falar do enfrentamento dos clubes, o clássico passou a ser tratado em termos quanti e qualitativos com atribuição de notas aos jogadores, colocação de fotos do elenco no início da temporada, publicação de matérias que não tinham um fundo meramente descritivo. Em edição dos dias 22-23/05/2008, uma reportagem intitulada “*De gandulas a goleiros*”, tratou de dois jovens reservas do Vovô e do Leão que, antes de se tornarem jogadores profissionais de futebol, tinham sido gandulas dos próprios clubes. Inegavelmente, havia uma tendência editorial renovada em comparativo ao que se via nos anos anteriores, elevando o clássico a uma pauta potente.

Outrossim, as páginas do jornal, naquele período, traziam imagens de grandes presenças de público, de jogadores comemorando vitórias nos braços da torcida e de expressões recorrentes que aumentavam a relevância da partida, tais como: “*Rio-Rita eletrizante*”, “*estádio lotado*”, “*noite das novidades*”, ou “*clássico histórico*”. O mix de textos e de imagens utilizados nas enunciações, por certo, contribuiu para uma sensação de valorização do confronto entre os clubes, como o visto na foto que traz jogadores do Vovô comemorando um gol no alambrado em frente ao seu torcedor, com a legenda “*Estádio lotado: acostumado, torcedor tricolor fez a festa novamente no estádio Aldo Dapuzzo*” (JORNAL AGORA, 12/04/2010).

Olhar para a forma com que o jornal passa a tratar o clássico não impõe, necessariamente, que seja averiguado se aquilo que está sendo publicado correspondeu à realidade.

Querer saber mesmo se a cobertura do clássico cresceu devido à situação de mais gente indo aos estádios, ou ainda, se o destaque da rivalidade entre os dois clubes ganhou mais espaço porque os jogos efetivamente tiveram acréscimo técnico passa a ser uma discussão estéril, uma vez que, segundo Betti (2001), não há um esporte que acontece *na* mídia, mas um esporte construído pela mídia, *da* mídia.

Nessa produção, a qual deslocou o clássico de uma cena “miserável” para “histórica”, as enunciações do jornal transitaram pela qualidade técnica dos jogos, o investimento econômico de empresas da região nos dois clubes, a participação do público e as campanhas obtidas pelas equipes em alguns campeonatos. Também foram esses elementos que deram condições de aquecer a rivalidade entre as duas agremiações.

### **Jogos permeados de “violências”**

Na passagem do futebol “de um simples divertimento inglês ao principal espetáculo do século XX” (REIS, 2005, p. 126), houve uma série de transformações, tanto de ordem técnica, quanto culturais e tecnológicas. No entanto, para muitos, no Brasil, estas mutações não desassociaram o aspecto da violência à prática, sobretudo aquela vinculada às torcidas organizadas e a torcedores de modo geral. Recai sobre esse público uma espécie de vilania sobre os males que atingem o futebol.

Reis (2005) alerta que não devemos rotulá-los como vândalos, pois, enquanto fenômeno social, o futebol pertence a um contexto mais amplo. Para Murad (2007, p. 21), “embora haja práticas violentas dentro e fora de campo”, quando comparadas ao quadro geral da violência no Brasil, elas são bem menores às da realidade mais ampla.

Frente a isso, notamos que o clássico Rio-Rita pelas páginas do Jornal Agora chegou a ser enunciado como um encontro violento, não só por atos consumados, mas também por promessas de violência. Contudo, os protagonistas desses atos violentos não foram os torcedores. Exceto uma ou outra

situação que anunciava uma promessa de violência por parte da torcida contra jogadores, treinador ou árbitro, e uma briga entre torcidas na saída de um clássico, a violência ocorria dentro das quatro linhas, partindo dos próprios jogadores.

Para Morato (2003, p. 10), “a violência é um fenômeno que sempre caminhou junto aos atores do futebol, sejam eles, jogadores ou torcedores”. Entretanto, para melhor trabalhar este tema, é necessário mostrar como as páginas do jornal fizeram escorregar a rivalidade para algo violento sob, pelo menos, três aspectos: pela promessa de violência, pela violência que chamaremos de permissiva e por outra, a não permissiva.

A promessa de violência, algo comum no meio futebolístico, aconteceu na forma de discussão e de troca de empurrões. Por exercer um poder de decisão no jogo, a arbitragem geralmente virava o alvo dessas promessas por parte de jogadores e de membros das comissões técnicas. Como resposta, o policiamento era acionado no campo de jogo como garantia de proteger o espetáculo. No entanto, a diferença entre aquilo que os jogadores e as comissões técnicas faziam e a ação da polícia é que a segunda tem legitimidade na coerção frente àqueles que queriam tornar o espetáculo violento, uma vez que, para guardar a ordem de um espaço e nele eliminar a violência, exige-se um esforço que torne a coerção “útil e necessária” (BAUMAN, 2008).

Além do acontecimento de 2007, reportado anteriormente (Imagem 20), outro datado de março de 2009 fala que “o técnico Eduardo Pereira perdeu a cabeça com o terceiro gol e invadiu o campo comemorando. Ao ser expulso pelo árbitro Eduardo Maia, fez um protesto demasiado e a polícia teve que entrar para proteger a arbitragem” (JORNAL AGORA, 30/03/2009). Nos dois casos, os “ilegítimos” foram os jogadores e as comissões técnicas dos dois clubes, os quais deveriam ser contidos pela promessa de violência ou coerção “legítima” exercida pelos policiais em nome da manutenção da ordem no campo de jogo.

A segunda forma de violência, a que chamamos de permissiva, responde pelas ações que, em certa medida,

constituem a prática do futebol. Ela se dá de forma física, em situações de “bola rolando” e são anunciadas pelas faltas e pelas jogadas desleais. Duas edições trazem uma ideia disso: “Aos 36 minutos, Xande, do Rio Grande, é expulso por falta violenta grave” (JORNAL AGORA, 02/04/2004). Em outra passagem, diz que “O jogo ficou bastante violento com jogadores das duas equipes batendo bastante, contando com a conivência do árbitro Jean Pierre Lima” (JORNAL AGORA, 08/03/2005).

Em que pese as considerações de Morato (2003), ao falar que o limiar de tolerância em clássicos tende a diminuir devido à alta tensão que envolve o jogo, os atos enunciados como violentos precisam da designação de um culpado. Notamos que ele pode ser o próprio jogador, cuja sanção máxima no campo de jogo pode ser a expulsão de campo, ou mesmo o árbitro, quando este passa a ser conivente com algumas situações de jogo, colaborando para a naturalização de jogadas mais ríspidas.

Já a violência não permissiva foi uma terceira prática que marcou o clássico Rio-Rita na década estudada e, mais uma vez, os jogadores aparecem como protagonistas. Tomamos por não permissiva todo embate corporal que não pertence ao campo de jogo, que extrapola os limites da força excessiva ou da virilidade comum aos jogos de futebol. Atos como cotoveladas no oponente, socos no adversário, chutes desferidos em jogadores do outro time quando a bola não estava em jogo – que poderiam ser considerados como incidentes de jogo – também são classificados aqui como não permissivas.

Um jogo que marcou esse tipo de violência na rivalidade entre o Leão e Vovô foi o clássico ocorrido em 18/03/2007, quando a partida acabou empatada em um gol:

“Aos 30 minutos, Junior e Marcelo Gamela disputaram uma bola na linha lateral do gramado. Ao se levantarem, Junior deu uma gravata no jogador do São Paulo e o agrediu. Estava armada a confusão. Os bancos de reserva invadiram o campo.

O zagueiro Marcos Vinicius, que estava no banco, deu uma voadora em Junior e a confusão ficou generalizada [...] Antes de retomar a partida, o árbitro expulsou Junior e de forma errada Marcelo Gamela [...] Folgolari deu um soco em Didi e também foi expulso” (JORNAL AGORA, 20/03/2007).

A “batalha campal” que envolveu praticamente todos os jogadores continuou a repercutir nos dias subseqüentes e em nível nacional, como se pôde observar na coluna esportiva daquela semana.

“Bom dia. Nossa cidade foi vista em rede nacional pela **vergonha apresentada** por jogadores do Rio Grande e São Paulo, durante o clássico RioxRita, vencido pelo rubro-verde, por 1x0. Episódios lamentáveis que correram o **país denegrindo a imagem da cidade e do nosso futebol.** [...] a lamentável agressão do goleiro Sandro, flagrada pelas câmeras de TV’s presentes, quando agrediu Luis Paulo após o segundo incidente (na verdade foram três brigas distintas)” (JORNAL AGORA, 19/03/10, p. 8 – **grifo nosso**).

Ao perspectivar a rivalidade do clássico também em práticas violentas, o jornal nos leva a uma situação de passar a entender a violência (seja ela prometida, permissiva ou não permissiva) como algo que sempre terá presença na falação produzida pela mídia, pois, como diz Betti (2001), se ela enfocasse o esporte como cooperação, sociabilização ao invés da vitória-derrota, violência, “ainda assim estaria fragmentando e descontextualizando o fenômeno esportivo, pois a competição e uma certa agressividade são a ele inerentes (p. 108).

## Clássico Rio-Rita, um “campeonato” à parte

A rivalidade entre SC São Paulo e SC Rio Grande produzida pelo jornal carrega traços em comum ao que se vê em outras rivalidades alimentadas no futebol gaúcho que se baseiam na disputa local e que, a partir disso, têm histórias compartilhadas. Guardadas as devidas dimensões que os clássicos desfrutam no cenário do futebol brasileiro, a rivalidade em Rio Grande funciona à moda Gre-nal<sup>40</sup>, pois tanto lá como cá se trata de uma disputa dentro e fora de campo que pode ser “desinteressante do ponto de vista do embate propriamente dito, mas sempre será densa quando vislumbrada a partir da perspectiva da tradição” (DAMO, 2002, p. 58).

Afora toda movimentação midiática criada a partir dos jogos entre si, identificamos a criação de uma disputa paralela a qualquer jogo ou à competição oficial em curso que respondeu pela comparação mútua entre os clubes, independentemente da situação em que se encontravam. Ou seja, ao invés do foco estar voltado para o desempenho de cada clube frente aos objetivos projetados para uma temporada, o jornal preferiu nutrir uma falação esportiva que criava um campeonato à parte entre os clubes.

Esta particularidade foi enunciada com certa regularidade pelo periódico, inclusive utilizando a metáfora da gangorra, tão comum no meio futebolístico para representar momentos distintos entre clubes rivais.

Se o objetivo dos clubes participando da Divisão de Acesso era alcançar a Divisão Especial do futebol gaúcho, tal fato ficava em segundo plano para o jornal, que insistia em mencionar sempre a outra metade rival:

“[...] e a superioridade do Rio Grande, escancarada, tanto dentro como fora do campo. Nos últimos doze anos, pelo menos, o São Paulo sempre superior ao Rio grande, vencendo sempre ao rival e com melhor

---

<sup>40</sup> Gre-nal é a forma popularmente conhecida de se referir ao confronto entre dois clubes rivais do Rio Grande do Sul sediados na cidade de Porto Alegre: Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional.

estrutura. A gangorra, somente agora, parece ter mudado. Coluna Esportiva” (JORNAL AGORA, 08/03/2006).

Uma pista sobre o uso desse recurso para tratar a rivalidade é dada por Morato (2003), quando diz que “o rival é o alicerce e a garantia de existência de um time. Ele precisa existir para que exista confronto e, assim, a motivação necessária ao desenvolvimento e crescimento da equipe” (p. 36). Ora, a importância de um time para outro teve influência direta no que deles foi dito. As ações e os feitos de um clube foram (e ainda são!?) medidas pela régua do outro. Nesse sentido, o Rio-Rita como um campeonato à parte tem força para se sustentar para além dos momentos em que um ou outro clube muda de divisão, sendo vital para manter acessa a identificação dos clubes com suas torcidas.

### **Considerações finais**

A rivalidade é um elemento importante no universo do futebol profissional e, portanto, um campo de pesquisa bastante rico, que trata de identidades e de diferenças, pois “quando se escolhe um time, reconhece-se e aceita-se seu patrimônio além de negar tudo aquilo que é diferente. [...] Acredita que seu time, sua tribo, é melhor que as outras em todos os aspectos” (MORATO, 2003, p. 32).

Para além das características gerais de uma partida de futebol, uma rivalidade traz aspectos diferenciados que só aparecem quando há embates entre clubes que, de alguma forma, rivalizam. Uma dessas formas está apoiada na proximidade geográfica e histórica de convívio na mesma cidade, o que contribui para o aumento do volume de uma falação esportiva. O Jornal Agora, como partícipe midiático desse processo, enunciou uma rivalidade reconhecida na transição de uma situação de empobrecimento para a valorização do clássico; na identificação de diferentes formas de violência e suas consequências; e na criação de um campeonato à parte entre os dois clubes como forma de provocá-los a crescer.

Assim sendo, o presente estudo pôde mostrar que, pelas páginas do Jornal Agora, o que apareceu no clássico fugiu de algumas naturalizações existentes sobre o tema. Vimos que, em um curto espaço de tempo, o clássico foi oscilante em termos de público, de qualidade técnica, de espaço midiático, não se caracterizando como algo estável e de baixo nível como muitas vezes aparece no cotidiano da cidade entre os que simpatizam com esse esporte. No mesmo sentido, as práticas de violência vistas no clássico Rio-Rita não partiram de torcedores ou torcidas organizadas, algo que circula, com certa tranquilidade, no meio futebolístico.

Enfim, consideramos que esta não é a única forma de retratar a rivalidade Rio-Rita, pois muitas são as fontes possíveis e disponíveis para tal. O que incentivamos para outros estudos é que possam se dedicar a abrir os significados que produzem ou são produzidos pela noção de rivalidade, seja ela sobre o mesmo clássico aqui analisado ou dos que estão espalhados pelos campos do futebol nacionais e internacionais.

### Referências

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, nº 17. Santa Catarina, UFSC, 2001, p. 107-111.

CESAR, W. **Um século de futebol popular**: a história do Sport Club São Paulo. Porto Alegre, CORAG (Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas), 2012.

DAMO, A.S. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre, Universidade/UFURGS, 2002.

ECO, Humberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FISCHER, R.M.B. **Televisão e Educação: Pensar e Fruir a TV**. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

FREITAS, G.S.F. Espírito de Seleção: um estudo dos discursos midiáticos a partir da Copa do Mundo de 2006. **Dissertação de Mestrado**. Pelotas: UFPel: ESEF, 2009. p. 20-35.

LIMA, F.G. As práticas esportivas desenvolvidas na cidade de Rio Grande (RS) no ano de 1976. Rio Grande: **TCC do Curso de Educação Física**, FURG, 2011.

MAZUI, G. **Rio-Rita nasceu em 1910**. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/rumosdosul/2010/03/17/rio-rita-nasceu-em-1910/?topo=77,1,1,,,77>>. Acesso em: 10 de abril de 2012.

MORATO, M.P. A rivalidade entre Pontepretanos e Bugrinos. Campinas, 2003. **Monografia. Universidade Estadual de Campinas** – Faculdade de Educação Física, 2003.

MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

REIS, H.H.B. Espetáculo Futebolístico e Violência: Uma complexa relação. In: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SPORT CLUB RIO GRANDE. Disponível em: <<http://www.sportclubriogrande.com.br/>> Acesso em 15 de out. de 2011.

# O ACONTECIMENTO CONMEBOL E A REATIVAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE FUTEBOL DE MULHERES DO SPORT CLUB INTERNACIONAL

Ana Laura Eckhardt de Lima\*;  
Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer\*\*

## Introdução

O presente capítulo assume como problema o futebol de mulheres do *Sport Club Internacional* e a relação com o que tomamos aqui por acontecimento CONMEBOL. O texto que segue é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação<sup>41</sup> produzido no ano de 2018, que teve por objetivo acompanhar e descrever a relação futebol e mulheres em um clube de futebol profissional. Neste capítulo, deter-nos-emos em apresentar as implicações entre o acontecimento CONMEBOL e a reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional.

Nesse sentido, organizamos este trabalho em cinco seções, apresentando, inicialmente, o que é o acontecimento CONMEBOL e em qual cenário ele emerge; em seguida, nos dedicamos aos caminhos percorridos para a construção e a composição da rede de conversas; na seção seguinte, expomos o olhar das atletas e da comissão técnica a respeito

---

\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande – FURG; analaura\_eck@hotmail.com

\*\* Professor Associado II, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande – FURG; felipao.rg@hotmail.com.

<sup>41</sup> Apresentado e aprovado no curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande no ano de 2018, sob o título “Futebol e mulheres: o acontecimento CONMEBOL e a reativação do departamento de futebol feminino do *Sport Club Internacional*”.

do acontecimento CONMEBOL e da reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional e as relações entre tais acontecimentos; posteriormente, apresentamos aspectos da profissionalização das atletas; e, por fim, trazemos breves apontamentos finais.

## **O acontecimento CONMEBOL**

O ano de 2016 foi um marco para o futebol de mulheres sul-americano, uma vez que a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) divulgou um novo regulamento para o licenciamento de clubes contendo uma série de modificações, dentre as quais a exigência de que, para a disputa das *Copas Libertadores da América e Sul-Americana* de futebol de homens, os clubes deveriam possuir uma equipe de futebol de mulheres. Assim, a divulgação deste novo regulamento é assumida aqui como um impactante acontecimento no presente.

Tomamos a decisão da CONMEBOL como um acontecimento a partir de Castro (2009, p. 24-25) que, ao se referir aos sentidos que o termo assume em Michel Foucault, inicialmente, distingue dois: “o acontecimento como novidade ou diferença e o acontecimento como prática histórica”. Nesse sentido, a decisão da CONMEBOL é entendida aqui como acontecimento enquanto uma novidade, algo que emergiu e que possui importância para o futebol de mulheres.

No capítulo terceiro do novo regulamento da CONMEBOL, quando dispõe sobre os critérios (requisitos mínimos) para a concessão da licença aos clubes, indica, entre outros, a obrigatoriedade da existência de equipes de futebol de mulheres.

O solicitante (à licença) deverá ter uma primeira equipe feminina ou associar-se a um clube que possua o mesmo. Além do mais, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-se a um clube que possua. Em ambos os casos, o solicitante deverá prover de suporte

técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de jogos e treinos) necessária para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. Finalmente, se exige que ambos os times participem de competições nacionais e regionais autorizadas pela respectiva associação membro [tradução nossa]. (CONMEBOL, 2016, p. 34).

Divulgado em setembro de 2016, o presente regulamento se ajusta ao Estatuto da Federação Internacional de Futebol (FIFA), entidade máxima do futebol que dirige as associações, as federações e as confederações em todo o mundo. O Estatuto da FIFA, divulgado em abril do mesmo ano, quando estabelece, em seu Art. 2º, os objetivos da entidade, aponta como dever garantir que todos/as aqueles/as que querem praticar futebol, façam-no nas melhores condições possíveis, independentemente de gênero ou de idade. Ainda destaca, em seu Art. 23, que as confederações deverão respeitar os princípios de boa governança, de forma a seguir algumas disposições, como a igualdade de gênero.

Alinhando-se com o Estatuto da FIFA e com o novo Regulamento de Licença de Clubes da CONMEBOL, a Confederação Brasileira de Futebol<sup>42</sup> (CBF) divulgou, no início de 2017, o seu novo Regulamento de Licença de Clubes para a disputa do *Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino* nas séries A, B, C e D. Para tanto, estabelece diversas modificações e aborda o futebol de mulheres nos seguintes termos, dentro do anexo 1, que dispõe sobre os critérios:

O Clube Requerente deverá contar com uma equipe principal feminina ou manter acordo de parceria ou associação com um clube

---

<sup>42</sup> Vale salientar que a CBF também remodelou o *Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino* a partir da edição de 2017, o qual passou a ser constituído por duas séries (A1 e A2) com 16 clubes cada, ao passo que extinguiu a *Copa do Brasil*, importante competição para o futebol de mulheres que ocorria desde 2007.

que mantenha uma equipe feminina principal estruturada, da melhor forma que puder desenvolver o esporte.

[...] O Clube Requerente incentivará o desenvolvimento das categorias de base feminina, e idealmente terá ao menos uma equipe de categoria de base feminina ou manterá acordo de parceria ou associação com um clube que tenha equipe estruturada (CBF, 2017, p. 22).

Assim como no regulamento da CONMEBOL, a CBF também estabelece que o clube requerente deverá prover de condições necessárias para o desenvolvimento adequado tanto da equipe principal como da equipe de categoria de base e coloca que o clube requerente deverá “demonstrar” que a equipe principal, assim como a equipe de categoria de base, disputa competições oficiais autorizadas pela CBF ou Federação Estadual. Constatamos, assim, uma estreita similaridade entre o Regulamento de Licenças da CONMEBOL e o Regulamento de Licenças da CBF.

A partir desses breves apontamentos que situam o acontecimento CONMEBOL não enquanto um acontecimento isolado, mas como um acontecimento produzido por outros acontecimentos, como a divulgação do Estatuto da FIFA, e que, ao mesmo tempo, produz novos acontecimentos, como o novo regulamento da CBF, buscamos situar o/a leitor/a sob quais condições emerge a reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional. Sabendo, no entanto, que não pretendemos esgotar o tema, nem mesmo dar conta de todos os acontecimentos que tornaram possível o acontecimento CONMEBOL, seguimos em direção aos caminhos percorridos durante a pesquisa.

## **Decisões de método: caminhos percorridos**

Os caminhos que percorremos em busca de relações entre o acontecimento CONMEBOL e a reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional

se configurou na construção e na composição de uma rede de conversas. Optamos pela realização de conversas, uma vez que buscávamos estabelecer diálogos, sem preocupações com a estrutura desses diálogos e sem que houvesse um ritual de início, meio e fim (GONÇALVES, 2018). Buscávamos por conversas ocasionais, uma vez que, segundo Gonçalves (2018, p. 23), “a conversa é ordinária, ocorre por ocasião”. Assim, foram várias as ocasiões em que ocorreram as conversas, sem que houvesse um padrão pré-estabelecido. Havia curiosidades, inquietudes e um problema de pesquisa, esses foram os elementos que constituíram nossas conversas.

Dessa forma, realizamos algumas conversas pessoalmente, tanto individual como em grupo. Outras foram realizadas em vídeo, via *Facebook*, e também teve aquelas realizadas pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Em todas as ocasiões, as conversas foram gravadas em áudio (com exceção das realizadas via *WhatsApp*, por ser um aplicativo de mensagens) após a autorização dos/as envolvidos/as. Além disso, por cuidado ético, solicitamos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a todos/as com quem estabelecemos as conversas, pois prevíamos utilizar excertos de suas falas.

Partindo da decisão de construção e de composição de uma rede de conversas, adentramos ao clube colorado<sup>43</sup> através da Suellen, preparadora física da equipe do Internacional. Após um primeiro contato via e-mail, fomos convidados a assistir a um treino da equipe, oportunidade em que conversamos com a comissão técnica e com as atletas. Num primeiro momento, nossa conversa foi com a Lívia (fisioterapeuta), o Lucas (auxiliar de fisioterapia) e o Carlos Daniel (preparador de goleiras). Acatando uma sugestão da Lívia, realizamos uma conversa individual com a Suellen. Ao final do treinamento, por indicação da Suellen, conversamos com algumas atletas, sendo, individualmente, com a Geórgia e, em grupo, com a Thessa, a Kimberlyn e a Isadora.

---

<sup>43</sup> Colorado é o termo utilizado para se referir ao *Sport Club Internacional* e sua torcida devido à cor avermelhada de seu uniforme.

Avaliando esse primeiro contato, sentimos a necessidade de realizar uma nova conversa com a Suellen, uma vez que ela acompanhou o processo de reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional, assim como tem uma relação direta com outras pessoas importantes que fizeram parte desse processo. Nesse segundo momento, realizamos uma conversa em vídeo, via *Facebook*, com a Suellen, que nos sugeriu o contato com a Tatiele (treinadora) e com a Duda (ex-atleta do Internacional, atualmente coordenadora técnica da equipe).

Num terceiro momento, realizamos a conversa com a Tatiele, em vídeo, via *Facebook*, a qual contou, com riqueza de detalhes, todo o processo de reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional. Por fim, o último contato da nossa rede foi estabelecido com a Duda através do aplicativo de mensagens *WhatsApp*<sup>44</sup>. Em paralelo às conversas realizadas com a Suellen, a Tatiele e a Duda, estabelecemos contato com as atletas também via *WhatsApp*<sup>45</sup>. Desse modo, finalizamos nossa rede de conversas, a qual nos levou a pessoas importantes no processo de reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional e, a partir da qual, tornou possível as análises que se seguem.

## **O acontecimento CONMEBOL e a reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional**

Tendo no horizonte da nossa análise a busca por relações entre o acontecimento CONMEBOL e a reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional, voltamos o nosso olhar para quem vive diariamente esse futebol no clube. Tomando a reativação do departamento de futebol de mulheres como um passaporte para muitas jogadoras que possuem o sonho de se tornarem atletas profissionais, considerando que as condições de profissionalização no futebol, muitas vezes, só são possíveis

---

<sup>44</sup> Por escolha da Duda.

<sup>45</sup> Por escolha das atletas após a conversa presencial.

nos “clubes de camisa”<sup>46</sup>, os quais possuem maiores possibilidades de investimento no futebol de mulheres, apresentaremos, num primeiro momento, a visão destas atletas com alguns comentários sobre o tema em questão, entendendo que elas são beneficiadas com ambas as medidas, uma vez que foram essas condições que hoje as tornaram profissionais dentro do clube colorado.

Thessa, volante da equipe, entende que a iniciativa da CONMEBOL “deu um empurrãozinho” para o futebol de mulheres, destacando também as medidas adotadas pela CBF e FIFA, as quais já mencionamos. De fato, uma medida isolada possivelmente não surtiria um efeito considerável para o futebol de mulheres, uma vez que a luta por visibilidade exige que grandes entidades se posicionem em rede em prol da igualdade de gênero dentro dos esportes. Embora alguns campeonatos tenham sido fortalecidos nas últimas décadas, como o *Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino*, ainda há a necessidade de o futebol de mulheres lutar contra a escassez de investimentos.

A meia Kimberlyn também se posicionou frente à decisão da CONMEBOL:

“acredito que essa nova obrigatoriedade feita pela CONMEBOL é de muita importância para o futebol feminino. Tanto para o crescimento da modalidade, como para o desenvolvimento” (Conversa com Kimberlyn, 04/09/2018).

Da mesma forma, a zagueira Isadora se mostra igualmente satisfeita:

“acho que só tende a evoluir. [...] não só dentro de cada estado, mas sim, no Brasil

---

<sup>46</sup> Anunciado nas rodas de conversa, compreendemos que o termo ‘clubes de camisa’ se refere a clubes profissionais de futebol de homens que dominam o espetáculo esportivo brasileiro, sobretudo na mídia. Mantendo uma certa tradição no cenário do futebol nacional e/ou internacional, esses clubes são reconhecidos por suas torcidas fanáticas, conquistas de títulos expressivos, impacto social e significativo acúmulo de patrimônio.

inteiro. Então, acho que a iniciativa deles foi muito boa, questão de tudo” (Conversa com Isadora, 14/04/2018).

No decorrer das falas das atletas, percebemos que a iniciativa da CONMEBOL é vista de forma positiva e que tende a contribuir para o desenvolvimento do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul e no Brasil. Vale salientar que a decisão da CONMEBOL afeta todos os clubes da América do Sul e, embora não seja a intenção deste capítulo dar conta do alcance dessa medida, ousamos afirmar que haverá um impacto no futebol de mulheres sul-americano ou até mesmo latino, como comenta Tatiele:

“Eu tenho certeza [...] que é um marco dentro do futebol feminino, de maneira geral, não só do Brasil, mas eu acho que da América Latina” (Conversa com Tatiele, 15/08/2018).

No entanto, Thessa faz uma ressalva

[...] para uma evolução crescente, é necessário o acompanhamento da entidade perante a estrutura, organização e desenvolvimento adotado pelo clube. É válido ressaltar que os clubes irão investir no departamento feminino quando a participação na competição estiver garantida, para que isso não aconteça, é fundamental o papel da CONMEBOL na supervisão visando o desenvolvimento da modalidade. (Conversa com Thessa, 12/09/2018)

Acreditamos que uma determinação, partindo de uma entidade como a CONMEBOL, que organiza campeonatos milionários, nos quais seus participantes tendem a priorizar estes campeonatos em relação aos demais, muitas vezes por retorno financeiro e por expressão em termos de títulos, torna a exigência mais relevante e incômoda aos clubes, principalmente aqueles que não têm interesse no futebol

de mulheres. No entanto, corroboramos com a atleta quando esta destaca um problema importante a ser pensando em relação ao assunto: alguns clubes podem optar por investir no futebol de mulheres nos termos do regulamento apenas quando houver garantias de participação em alguma das competições.

Voltando o olhar para o Brasil, no momento em que a CBF passa a exigir uma similar obrigatoriedade aos clubes que participam do *Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino* em todas as séries, respeitando o período de adequação, percebemos um “amparo”, em certa medida, por parte da entidade máxima do futebol brasileiro não levando ao sucateamento dos investimentos para o futebol de mulheres. De todo modo, entendemos que somente uma rígida fiscalização das entidades perante seus regulamentos garantirá ao futebol de mulheres ser tratado com seriedade dentro dos clubes.

A visão da comissão técnica a respeito do acontecimento CONMEBOL e da reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional é consoante com o entendimento das atletas do clube. Carlos Daniel acredita que a decisão da CONMEBOL será o “motor da mudança”, por obrigar os clubes a se “enquadrar” ao novo regulamento, salientando também o regulamento da CBF como algo positivo.

Para Suellen, a decisão da CONMEBOL

“já vem surtindo alguns efeitos, um deles são os times de camisa estarem reativando os departamentos” (Conversa com Suellen, 14/04/2018).

Ou seja, a partir do olhar de alguns integrantes da comissão técnica, destacamos certa dose de otimismo quando se trata do desenvolvimento do futebol de mulheres associado, principalmente, ao fato de os grandes clubes de futebol profissional estarem investindo na modalidade. Além disso, temos as primeiras indicações sobre a relação do acontecimento CONMEBOL e a reativação dos departamentos

de futebol de mulheres, como foi possível observar na fala da Suellen que afirma na sequência

[...] eu ainda acredito que, se não tivesse essa obrigatoriedade, não aconteceria [a reativação], mas é uma opinião minha, eu acho que não. Então pesou bastante. Foi algo, assim, determinante essa medida, essa obrigatoriedade da CONMEBOL, foi algo determinante para o retorno do futebol feminino aqui no clube. (Conversa com Suellen, 14/04/2018)

Ao nos contar sobre como se deu o processo de reativação do departamento de futebol de mulheres no Internacional, Tatiele indica que o contato do clube com a Duda e, conseqüentemente, o contato da Duda com a treinadora colorada se deu após a divulgação do novo regulamento de licenças da CONMEBOL. No entanto, vale ressaltar que havia uma proximidade entre a Duda e a diretoria do Internacional, que tinha ciência da vontade dela em retomar o futebol de mulheres no clube. É nesse sentido que Thessa acredita que o futebol de mulheres renasceria no clube com o passar dos anos:

“o Internacional, como já tinha o futebol feminino anos atrás, com o crescimento da modalidade no país, eu acho que ele surgiria naturalmente mesmo sem a CONMEBOL exigindo o futebol feminino dentro dos clubes” (Conversa com Thessa, 14/04/2018).

Entretanto, Duda ressalta a importância de todas as determinações legais que atualmente exigem o futebol de mulheres, como a Lei do Profut<sup>47</sup> e as licenças da CONMEBOL

---

<sup>47</sup> Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (Profut), sancionado por meio da Lei nº 13.155, de 4 de agosto de 2015, tem como objetivo ajudar as entidades desportivas profissionais de futebol a quitarem suas dívidas com a União. Para tanto, o Art. 4º, quando apresenta as condições exigidas para que as entidades

e da CBF. Para a coordenadora técnica, se fosse apenas em função da decisão da CONMEBOL, o Internacional reativaria seu departamento apenas em janeiro de 2019, mas o clube se engajou num projeto de reativação já em 2017, buscando se tornar uma potência do futebol brasileiro nos próximos anos.

Dessa forma, entendemos que o movimento que Duda busca enfatizar é o da retomada do futebol de mulheres enquanto um projeto de desenvolvimento para a modalidade e não centrado apenas nas “obrigações” que supostamente impulsionaram esse passo para o futebol de mulheres dentro do Internacional. De todo modo, é importante ressaltar que a reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional figura como uma possibilidade de profissionalização de muitas atletas e, para tanto, cabe um olhar mais atento a esse assunto como se segue.

### **Atletas e a profissionalização: uma oportunidade em campo**

A reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional produziu efeitos na vida de muitas meninas e mulheres que possuem o sonho de se tornar uma jogadora de futebol profissional. Atrelado a isso, está o sucesso da primeira peneira realizada na retomada do futebol de mulheres no ano de 2017, na qual mais de 700 meninas e mulheres demonstraram o quanto a modalidade carece de espaços para a prática.

Para Suellen, a reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional é um grande avanço para o desenvolvimento do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, uma vez que

“[...] os times de camisa, querendo ou não, eles fortalecem muito a modalidade”  
(Conversa com Suellen, 14/04/2018).

---

desportivas se mantenham no Profut, indica, no inciso X: “manutenção de investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino e oferta de ingressos a preços populares, mediante a utilização dos recursos provenientes”.

Carlos Daniel também enfatiza a importância de os “clubes de camisa” retomarem o futebol de mulheres:

[...] oportuniza muitas garias que não tinham onde jogar. [...] agora elas têm a oportunidade de jogar futebol em um clube de camisa, que tem competição, agenda, tem tudo para as garias treinarem” (Conversa com Carlos Daniel, 14/04/2018).

Para a lateral Geórgia,

[...] é importante um clube grande trazer o futebol feminino, mostrar que ele está interessado no futebol feminino e poder investir nesse campo que tende a crescer. E para nós, garias, mais importante ainda ter um clube de camisa nos representando e nos dando apoio para gente continuar jogando. (Conversa com Geórgia, 14/04/2018)

A ênfase dada aos “clubes de camisa” está atrelada, principalmente, ao investimento. Para além da espetacularização do futebol praticado nos chamados “clubes de camisa”, também são nesses clubes que se concentra a maior parte do dinheiro que circula dentro do futebol brasileiro. Se são nos “clubes de camisa” que se vende o espetáculo do futebol por meio da grande mídia e onde circula o dinheiro que financia esse esporte, não há nada mais impulsionador para o desenvolvimento do futebol de mulheres do que a formação de equipes vinculadas a esses clubes. Sendo assim, a ênfase dada por Suellen, Carlos Daniel e Geórgia à importância de os “clubes de camisa” incentivarem o futebol de mulheres está relacionada com a oportunidade de maiores investimentos advindos destes clubes, como mais uma vez nos fala Suellen:

[...] existem muitos clubes de futebol feminino no Brasil, só que não são clubes de camisa. Mas a partir do momento que os clubes de camisa investirem,

aí a modalidade vai alavancar, porque é dentro dos clubes de camisa que está o dinheiro e sem dinheiro não tem futebol (Conversa com Suellen, 14/04/2018).

Percebemos, assim, a relevância da retomada do futebol de mulheres em um clube como o Internacional, tanto no que se refere ao seu histórico de conquistas com os antigos departamentos e a possibilidade de construir uma nova trajetória para as mulheres no clube, quanto às possibilidades de investimento para o desenvolvimento da modalidade se comparados a clubes menores. Nesse sentido, as atletas do atual grupo já indicam um forte avanço dentro do clube, como retrata a zagueira Isadora, atleta revelada pela peneira e que teve uma rápida ascensão no futebol sendo convocada para a Seleção Brasileira Sub-17:

“[...] eu estou desde o começo por conta da peneira e acho que só vem crescendo ao longo desses dois anos, [...] mas acho que tá evoluindo muito bem” (Conversa com Isadora, 14/04/2018).

Para Kimberlyn,

A reativação do departamento feminino do Inter é fantástico. Quanto mais clubes brasileiros interessados e que investem na modalidade, desenvolvendo, dando suporte e estrutura às atletas, quem tem a ganhar somos nós. O futebol feminino precisa ter visibilidade e ser valorizado! (Conversa com Kimberlyn, 04/09/2018)

As falas das atletas indicam o quão motivador é jogar futebol quando há clubes que incentivam a modalidade, quando há uma possibilidade de ser uma profissional nesse esporte que, até pouco tempo atrás, era apenas um hobby para muitas delas. No entanto, a profissionalização acarreta, também, a mudança de postura enquanto uma atleta

vinculada a um clube de futebol profissional. Tatiele ressalta que a jogadora/atleta que não tiver uma “mudança de pensamento” e “se tornar profissional do futebol” não terá espaço em um clube, uma vez que o futebol de mulheres hoje não contempla mais a jogadora do final de semana ou a jogadora de várzea. Para a treinadora, a atleta que não cuida da sua alimentação, do seu corpo, da sua preparação física perde espaço porque

*“o futebol feminino [...] está se tornando de alto rendimento” (Conversa com Tatiele, 15/08/2018)*

Assim, a disciplina e o desenvolvimento técnico, físico e tático é que diferem a atleta da jogadora, de modo que

*“a atleta está se mantendo em alto nível” e “a jogadora vai ficar jogando torneio de fim de semana, e aí vai perdendo espaço” (Conversa com Tatiele, 15/08/2018).*

Notamos que o futebol de mulheres está, aos poucos, criando espaços diferentes de prática, sendo o clube profissional o local que contempla atletas de alto rendimento, separado em categorias de base e em equipe adulta profissional. Uma atleta que não leva o jogar futebol com seriedade talvez hoje possua pouco ou nenhum espaço dentro destes clubes. Essas, por sua vez, poderão ter espaço na várzea, nos torneios de finais de semana, delimitando diferentes espaços e sentidos para o jogar futebol.

No entanto, a profissionalização das atletas não está apenas vinculada à sua postura frente ao clube, mas principalmente à contrapartida advinda do próprio clube. Geórgia ancora sua condição de profissional por não possuir outra atividade remunerada e pela forma que o clube a trata:

*“[...] eu me vejo como uma atleta profissional, porque eu não trabalho, não tenho outro emprego, trabalho só para o Inter como jogadora, e estudo. Enfim, [...]”*

me vejo como profissional mesmo, eles me tratam como profissional” (Conversa com Geórgia, 14/04/2018).

Thessa reafirma a colocação da colega de equipe:

Nós somos profissionais. Aqui todo mundo tem remuneração, então todo mundo é profissional do futebol. [...] todas têm o futebol como profissão, todas vivem do futebol. [...] acho que nenhuma mais vê só como um hobby. Óbvio que é nosso hobby, que é aquilo que a gente ama fazer, mas é nosso trabalho também (Conversa com Thessa, 14/04/2018).

Suellen e Tatiele corroboram com as afirmações das atletas, quando enfatizam a grande evolução no quesito investimentos por parte do Internacional, comparando os anos de 2017 e 2018. No que diz respeito às atletas, Suellen destaca que, a partir do ano de 2018, todas possuem dedicação exclusiva ao Internacional, não tendo outra atividade remunerada, algo que era a realidade de algumas atletas ainda no ano de 2017. Assim sendo, todas recebem alguma remuneração do Internacional, todas possuem contrato com o clube e algumas possuem a carteira de trabalho assinada, ou seja, o vínculo legal com o Internacional se dá, especialmente, por meio do contrato. Para Suellen, o fato de apenas algumas atletas possuírem carteira de trabalho assinada pode estar relacionado ao custo mais elevado que a atleta passa a gerar ao clube nestes casos.

Ainda referente à remuneração, Tatiele afirma que a remuneração mínima é de um salário mínimo, o que tornaria possível à atleta abrir mão de um segundo emprego para se dedicar exclusivamente ao Internacional. No que diz respeito ao contrato com o clube, as atletas são contempladas com transporte para o deslocamento de casa ao treinamento, plano de saúde integral, auxílio alimentação de uma cesta básica por mês, bolsa de estudos na faculdade para quem deseja cursar o Ensino Superior e bolsa para atletas

que desejam terminar o Ensino Médio por meio do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). No caso de atletas em idade escolar, é obrigatório estar estudando, pelo menos até os 18 anos completos. Embora não sendo todas que possuem a carteira de trabalho assinada, todas são contempladas com esses benefícios, para além da remuneração.

Quando voltamos o olhar para o ano de 2017, um ano em que o Internacional abriu as portas para o futebol de mulheres e, mesmo com dificuldades, conseguiu consagrar-se campeão do *Campeonato Gaúcho*, percebemos que pequenos investimentos já ajudam a alavancar a modalidade. Em 2018, para além das vitórias em campo que levou a equipe para a semifinal do *Campeonato Brasileiro Série A2*, os maiores investimentos possibilitaram a profissionalização das atletas, as quais passaram a se dedicar exclusivamente ao clube. Desse modo, reconhecemos a existência de muitos clubes de futebol de mulheres no Brasil, mas compreendemos que são os “clubes de camisa” que possibilitam alavancar a modalidade, como enfatizado por Suellen, uma vez que são os clubes de futebol profissional de homens que detêm o maior capital financeiro que circula dentro deste esporte. Portanto, entendemos a profissionalização das atletas do Internacional como uma grande vitória para o clube e para o futebol de mulheres, possibilitando que o sonho de tantas meninas e mulheres de serem profissionais do futebol possa se tornar uma realidade.

### **Considerações finais**

As decisões das entidades que gerem o futebol em nível mundial, sul-americano e nacional (FIFA, CONMEBOL e CBF, respectivamente), quando se trata de futebol de mulheres e igualdade de gênero nos esportes, podem ser atreladas aos movimentos de resistência contra um sistema vigente que ainda segrega muitas mulheres de diversos espaços, dentre eles, o futebol. Assim, o futebol de mulheres continua à mercê de decisões e de obrigatoriedades em prol da modalidade, pois, com o persistente desinteresse de boa parte

dos clubes de futebol de homens em desenvolver o futebol de mulheres, faltam investimentos que o sustentem.

Destacamos o movimento do Internacional na reativação do departamento de futebol de mulheres com o objetivo de tornar a equipe uma potência dentro do cenário nacional, oportunizando o desenvolvimento do futebol de mulheres e a profissionalização de suas atletas. Desse modo, a rede de conversas que construímos e compomos nos deram pistas que permitem afirmar que houve sim uma direta relação entre o acontecimento CONMEBOL e a reativação do departamento de futebol de mulheres do Internacional. Todavia, é importante destacar que houve também o interesse relevante do clube com vistas a desenvolver a modalidade. Sem o compromisso de esgotar o tema, ressaltamos que novas pesquisas sobre a produção de efeitos do acontecimento CONMEBOL no futebol de mulheres são de grande relevância para o campo de estudos do futebol de mulheres, assim como investigações que adensem a discussão sobre a profissionalização do futebol de mulheres.

## Referências

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso por seus temas, conceitos e autores. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 480 p.

CBF, Confederação Brasileira de Futebol. **Regulamento de Licenças de Clubes**. 2017.

CONMEBOL, Confederación Sudamericana de Fútbol. **Reglamento de Licencias de Clubes de la CONMEBOL**. 2016.

FIFA, Fédération Internationale de Football Association. **FIFA Statutes**. 2016.

GONÇALVES, V. B. **Táticas e estratégias: uma desconstrução da noção de indisciplina no cotidiano escolar**. 2018. 151 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

## CLUBE RETRATO FALADO: HISTÓRIAS, FATOS E RELATOS

Robson Costa Soares\*;  
Thais Mortola Dias\*\*

### Introdução

O presente trabalho visa relatar parte da história do Clube Retrato Falado, um clube de bairro fundado em setembro de 1987, por um grupo de amigos que almejava montar um time para, assim, poder jogar junto. Este clube mantém, até hoje, as suas atividades, participando de diversos campeonatos durante o ano e também com atividades de cunho social, desenvolvendo alguns projetos na cidade de Rio Grande.

Através do relato de um colaborador, identificou-se que a fundação do clube começou com algumas reuniões de um grupo de amigos, que inicialmente se encontrava para conversar sobre interesses afins e projetar algumas atividades, tais como jantares, encontros rotineiros e a participação em campeonatos de futebol da cidade. Com o decorrer do tempo, ele identificou um problema: não possuía um local para esses encontros. Depois de muito diálogo, acabou dando início ao Clube Retrato Falado, que, depois do passar do tempo e de quase 30 anos de existência, possui 27 anos e realiza suas atividades no mesmo local onde, hoje, encontra-se sua sede social.

---

\* Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação Universidade Federal do Rio Grande PPGEDU-FURG; Funcionário Público/Professor de Educação Física/Prefeitura Municipal de Rio Grande; rocosoares@yahoo.com.br.

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Escola Superior de Educação Física – Universidade Federal de Pelotas – ESEF – UFPEL; thais-mortola@hotmail.com.



do século XX da cidade de Rio Grande, com investimentos que aconteceram na área portuária da cidade, sendo que, nesse período, houve a instalação do Superporto do Rio Grande, que causou as maiores mudanças no cenário do bairro e da realidade de trabalho na cidade.

Muitos foram os debates referentes à expansão portuária de Rio Grande, em que a comunidade, representada pelo presidente da associação do bairro e alguns membros da comunidade em geral, tiveram alguns encontros com a cúpula do porto de Rio Grande da época para tratar de impasses, que atingiram os moradores do bairro, ocasionando discussões tanto com a prefeitura quanto com a Superintendência do Porto do Rio Grande – SUPRG, referentes à área onde vivem. Tal acontecimento evidencia o período nacional de promoção do crescimento econômico.

Para que o 'progresso' se concretizasse, essa área precisava ser 'higienizada' da presença dos pobres, como já aconteceu nos anos 1960 e 1970 no BGV. Portanto, o caráter excludente do capital em relação ao espaço urbano deve ser sanado com a construção, como anunciado por Hannah Arendt, “de uma comunidade política para que o sujeito tenha direito, de uma esfera pública que valorize as opiniões e torne suas ações eficazes” (apud HARVEY *et al.*, p. 78).

Foi também “nos anos 60 aos anos 70 que o município de Rio Grande entrou em processo de estagnação, sendo assim, seu crescimento populacional foi freado. Com a paralisação de diversas atividades fabris.” (RAMIRES, s/d, p. 6), culminando com o encerramento das atividades produtivas e de grandes empresas. Porém, esta crise não se tornou mais aguda para os trabalhadores da cidade devido a setores como o porto e o comércio, que começavam a crescer.

Em meio a esse turbilhão de transformações e mudanças está o início da caminhada de um clube. No caso, o Clube Retrato Falado, que começava a sua formação, a aquisição de seus primeiros bens e a organização do local onde seriam realizadas suas reuniões, jantãs e atividades que viriam a ocorrer. Acreditamos que as mutações do BGV tenham sido determinantes para promover a fixação do clube

no local em que permanece até os dias de hoje. Essas mutações consistem em dois movimentos: primeiramente, o de retirada da população do entorno do muro do pátio automotivo do Porto. Já o segundo movimento é o fechamento de algumas fábricas de pescados, acarretando um grande número de desempregados e mudança de grande parte de moradores do bairro que haviam se instalado ali para facilitar o seu deslocamento para o trabalho.

Ao longo dos tempos, percebeu-se que a população do BGV está em constante crescimento, devido à boa localização, sendo que, no entanto, possui altos índices de criminalidade, especialmente, as relacionadas com o tráfico de drogas. Mediante essa situação, por intermédio de um primeiro contato com integrantes do clube, eles relataram que as atividades que são promovidas pelo clube têm o intuito de ocupar um pouco do tempo ocioso desses jovens e tentar, de alguma forma, dar um atrativo para o BGV. Ainda, nessas conversas, os membros mais antigos da diretoria do clube repetiam, a todo o momento, sobre esses eventos, que, no decorrer do trabalho, vamos elencá-los.

Portanto, buscamos, por meio desse trabalho, entender como se deu a fundação do Clube Retrato Falado, de quem foi a ideia de criar um clube, origem do nome e outros fatos que possam se tornar relevantes. Outro sentido que procuramos estabelecer para este estudo é disseminar o conhecimento produzido para outras pessoas, principalmente, para as que frequentam esse clube e, possivelmente, não tenham informações sobre o surgimento dele e de todo o trabalho que os fundadores tiveram para que o “clubinho<sup>49</sup>” pudesse se tornar esse local que existe hoje.

## **Metodologia**

Este trabalho seguiu os pressupostos teórico-metodológicos da História Oral, utilizando como estratégias metodológicas para produção de dados, entrevistas e coleta de documentos, tais como atas de reuniões,

---

<sup>49</sup> Como denominavam os clubes e agremiações da época.

bem como a compilação e a constituição de acervo de fotos ou de outro recurso imagético disponível.

Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, onde autorizaram a publicação e a divulgação das suas falas.

Segundo Thompson (1992), a História Oral é uma metodologia que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas ou instituições e começou a ser utilizada nos anos 50, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, e desde então se difundiu. O autor supracitado ainda apresenta que:

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização da pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Ainda, sobre a História Oral, Alberti (2000) ressalta que:

A história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, sejam como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 2000, p. 4).

Para começar esse processo, desloquei-me até uma reunião na sede do clube, onde foi apresentada a pesquisa, foi questionado quem se disponibilizaria para falar

sobre a história do clube em uma entrevista. Após certo receio, a pesquisa foi explicada novamente, deixando clara a forma individualizada que as entrevistas aconteceriam, sendo que, nesse momento, três se prontificaram a participar e a colaborar com a realização do trabalho.

E quem seria o primeiro? O colaborador zero foi José Luiz Grafé, também conhecido por “Muga”, pois este permeia várias questões que levamos em consideração como, por exemplo, ter participado ativamente como atleta e hoje com o passar do tempo ser um membro ativo da direção do clube, ocupando o cargo de diretor social.

Além do primeiro colaborador, os outros dois idealizadores do clube e que se disponibilizaram a realizar a entrevista são: o Sr. Rudimar Acosta, que hoje é o presidente do clube nomeado em reunião no ano passado, e o Sr. Joel Amaral, que hoje não ocupa nenhum cargo no clube, mas é o presidente de honra, pois foi ele quem ocupou este posto por mais tempo.

Rudimar Acosta tem 48 anos de idade, pai de 2 filhos, é natural de Rio Grande, casado e microempresário no ramo alimentício.

Joel Francisco da Silva Amaral tem 54 anos de idade, é pai de 2 filhas, é natural de Rio Grande, casado e aposentado, antes de sua aposentadoria trabalhava em uma empresa de produtos químicos no distrito industrial.

José Luiz Grafé tem 47 anos de idade, pai de 1 filha, natural de Rio Grande, casado e trabalha na empresa Tecon, sendo responsável pelo setor de movimentações de container.

As três entrevistas foram totalmente diferentes. Na primeira entrevista, o colaborador estava muito centrado e solícito a todos os questionamentos, buscando, em sua memória, os mais preciosos detalhes. Já a segunda entrevista, que foi realizada com o Sr. Rudimar, quando o entrevistado foi direto em suas respostas, não dando um detalhamento minucioso aos fatos questionados. E a terceira entrevista, realizada com o senhor Joel, foi de pura emoção, tanto que, em alguns momentos, o entrevistado chegou às lágrimas quando questionado sobre fatos marcantes:

Robson: Tem alguma coisa que tu gostaria de citar que tu acha relevante contar da história do clube, algum fato marcante que te lembre?

Joel: Olha, um dos fatos mais marcantes pra mim foi quando compramos a sede, desculpa... (emocionado) foi o maior, porque, quando a peça tava alugada, a pessoa que alugava cogito até de vender, né, pô então abalô a estrutura, né... (Entrevista realizada dia, 29/10/2014)

Nesse sentido, durante esta pesquisa, pôde ser evidenciado que os indivíduos dividiam interesses (no caso, o futebol), visto que, conforme relatado, o objetivo inicial era apenas jogar futebol a partir de uma proposta mais recreativa, que buscava o lazer e não só o esporte voltado para a competição:

Rudi: A gente se reuniu porque gostava de jogar futebol, a maioria se conheceu por causa disso, e o objetivo era jogar bola mesmo, tanto que tinham uns que nem jogavam muito bem, mas o bom era tá ali junto (Entrevista realizada dia, 24/10/2014).

No início, não houve problema algum em realizarem o “futebol pelo futebol”, mas, com o passar do tempo, é claro que houve certa “dor de cabeça” por tal pretensão, pois alguns membros do grupo queriam disputar campeonatos e se preparar para isso, deixando de considerá-lo apenas como lazer. Mesmo estando em discordância, o pequeno grupo de amigos aceitava a situação de praticar o esporte como diversão, sendo que, com o tempo, o grupo foi crescendo, mantendo a paixão por jogar futebol, assim como o prazer de estar com os amigos, mas com o intuito de competir:

Rudi: Teve uma hora que não deu mais pra controlar e o time cresceu tanto que os caras não queriam só brincar de jogar

bola, eles queriam participar de campeonatos, competir com os outros times da volta e o rumo foi esse (Entrevista realizada dia, 24/10/2014).

Depois de tanto esperar a semana passar, chegava mais um final de semana e depois de todos os atletas se encontrarem no local combinado, eles iam jogar o seu futebol, provenientes de todos os bairros, rumo ao local da partida, caminhando sem concentração nenhuma ou apenas nos momentos de espera de todo o plantel. Do ponto de encontro, localizado na rua Doutor Marciano Espíndola, e quando digo na rua é na rua mesmo, pois, nessa época, o grupo ainda não possuía um local adequado para realizar os seus encontros.

Sendo assim, buscaram resolver este problema e começaram a alugar uma casa na rua supra citada, e me atrevo a dizer que, nesse momento, começava a história do clube Retrato Falado.

## **História do clube**

Após a realização das entrevistas, começamos a relatar parte da história da criação do Clube Retrato Falado. Antes mesmo de começar a falar sobre como se deu o processo de formação do Clube Retrato Falado, torna-se relevante falar sobre como se formou o grupo que posteriormente acabou sendo o fundador deste clube, pois foi por meio da amizade que existe entre esses homens que foi possível esse empreendimento.

Esse grupo se conheceu em disputas de torneios e de campeonatos, em que, na maioria das vezes, cada um jogava por um time diferente do bairro ou de outro bairro, como mencionado no trecho a seguir:

Muga: “nós jogava muito no time dos outro, né! Nós tinha uma amizade, mas eu já jogava no time do lado de lá. Os guri já jogavam aqui, teu pai já jogava mais pro outro lado do porto lá. Teu pai sempre foi

criado pra aquele lado, né! Trabalhou muito tempo lá.” (Entrevista realizada dia, 24/09/2014).

Nessa passagem da fala do entrevistado Muga, podemos evidenciar que, embora amigos, eles não costumavam jogar no mesmo time, até porque não tinham um time no qual pudessem jogar todos juntos, disputando onde eram convidados e, muitas vezes, acabavam se enfrentando nos torneios dos quais participavam. No entanto, a amizade nunca deixou de existir, visto que só fortaleceu com o passar dos anos.

Joel: Fundador assim... sou eu Joel; o Gardel, que nós chamamos de Marcos Soares, que é o teu pai, que foi quem idealizou o nome do Retrato Falado, foi ele quem teve a ideia de dar o nome Retrato Falado; Rudimar; o Altamir, que é o Miro, Altamir Rodrigues; José Grafé, que é o Muga; tinha mais o Ubiratan, que é falecido, Claudiomiro, que chamamos de Miro Catarina e Marco Aurélio, que a gente chama de Marquinho Sarará. Mas basicamente fundadores mesmo somos nós oito (Entrevista realizada dia, 24/09/2014).

Nenhum deles soube relatar se nessa primeira participação no torneio já utilizaram o nome que usam até os dias de hoje. Um dos entrevistados citou o nome Cruzeirinho e outro a denominação Náutico, que teriam sido as possíveis designações que utilizaram para a participação desse torneio.

Muga: E um dia a gente tava na esquina ali, porque a gente já tinha colocado um time num torneio e eu nem me lembro se no dia do torneio o nome era esse, só sei que a gente juntou umas camiseta ali de um amigo que foi presidente do bairro, aí não sei se é ainda, e ele nos emprestou essas camiseta e a gente colocou o time

num torneio, acho até que foi aqui na baixada<sup>50</sup>, na época, e aquilo dali ficou meio marca pra nós (Entrevista realizada dia 24/09/2014).

E assim o fizeram! Após tomada a decisão, verificaram que não possuíam um uniforme para utilizarem durante as partidas, sendo que logo conseguiram emprestados uniformes com um amigo, o Sr. José Assis da Luz, participando, assim, do torneio. Como bem se confirma na transcrição supracitada de um dos depoentes.

Isso foi um marco para eles e, por algum tempo, seguiram com o time e participando de campeonatos. Ao final dos jogos, eles iam para algum lugar, como o bar do Baixinho e a padaria do Seu Miro, falar sobre o jogo ou somente conversar. Até que, em um dado momento, como ilustra o trecho a seguir, devido à necessidade de terem um lugar para ficarem mais à vontade e de fazerem seus encontros, resolveram criar o clube:

Robson: Como se deu a fundação do clube?

Muga: “um dia nós tava ali na esquina e resolvemos montá um clube e tal, a vamos monta. Vamo fazê um clube pra nós, tem o time aí e tal. A gente se dá tudo bem, tem um grupo de amigos, aí montemo um clube. Tá vamos fazer o clube, então. Pô, não tinha nome, tá e o nome? Aí, teu pai, pelo que me lembro, foi o cara que botou esse nome, teu pai assim: “a vamos botá Retrato Falado”. Mas já tinha um Retrato Falado, lá da Hidráulica, na época. Pô, aí tem o time dos cara lá, os cara tavam até meio parado, meio fora de mídia, mas vamos bota igual, vamos botar do BGV e foi ali que começou esse vínculo aí, né, cara!” (Entrevista realizada dia, 24/09/2014).

---

<sup>50</sup> Campo próximo ao bairro Getúlio Vargas onde anteriormente os torneios eram disputados.

Nesse trecho, o entrevistado explicita muito bem como se deu essa fundação. Cabe ressaltar que os outros entrevistados corroboraram com esta fala, fazendo relatos coerentes sobre este fato.

Após a criação do clube, eles sentiram a necessidade de ter um lugar para se reunirem e, então, começaram a procurar um local:

Muga: “aí, um dia, resolvemos alugar é esse local que a gente tá hoje. Pô temos que tê um local pra gente ficar, né! Hoje em dia, tu vê muito é churrasco, né, nos locais, assim. Na nossa época, era muita comida mesmo, de panela, peixe, bagre com massa. Esse rango mais assim violento. Acho até mais saudável. Aí, a gente resolveu alugar aqui, fomos até eu e o Rudi em cima da senhora ali, falamos com ela. Nem me lembro o nome da senhora, dona Cléia. Aí falamos com a dona Cléia e tal. Ela já nos conhecia, sabia que a gente era um grupo meio pacato, né! Nosso negócio mesmo era mais jogar aquele futebol e tomar nosso álcool depois do jogo. Aé, ela resolveu nos alugar aqui e é onde tamo até hoje, né! Essa história toda, aí, né!” (Entrevista realizada dia, 24/09/2014).

Joel: “É, inicialmente, a sede a gente adquiriu assim. A gente alugou, e pra viabilizar ela pra nós, a gente contou com essas ajudas e a gente fazia um livro ouro, também. A gente assinava com uma quantia ali e se foi, até pedir dentro do bairro, pra certas pessoas que gostavam e, até, assim, em certos comércios que o pessoal viu que era um troço que tava fluindo. Então, foi assim: foi ajuda de um e de outro e, às vezes, até pedindo, mas mostrando pra eles que aquilo era realmente pra nós continuar nossa atividade esportiva.” (Entrevista realizada dia, 29/10/2014).

Após essa etapa concluída, começaram a surgir inúmeros problemas, pois o jovem grupo não possuía nada para colocar dentro da sua sede recém-adquirida. Assim, começaram a montar o seu local de encontros, muitas vezes, tirando materiais e utensílios de dentro de suas próprias residências, para conseguirem desfrutar de um pouco mais de conforto na sede.

Joel: ...”então, bah, foi aquilo... cada um se virou de um lado e do outro e conseguimos comprá aos poucos. Teve gente que tirô até de casa, te digo tirô assim no sentido, se tinha família, tirô um pouquinho que era do orçamento familiar” (Entrevista realizada dia 29/09/2014).

Enquanto uns estavam conversando; outros já poderiam realizar sua higiene pessoal no próprio banheiro do clube e isso facilitou a vida dos participantes, pois alguns já não moravam mais no bairro ou eram de bairros mais distantes da cidade.

Muga: Assim cara, com o aluguel do nosso cantinho, prá fazê o clube tudo mudou sabe, o cara já agitava um churrasco depois do jogo e muitos não ficavam porque tavam todo sujo do jogo e, com a sede, essa realidade mudou porque já dava de fazê uma higiene aqui e isso foi agregando cada vez mais. (Entrevista realizada dia, 24/09/2014).

Durante os relatos dos entrevistados, foi ressaltada que a necessidade de criar um clube se deu devido à forte amizade que existia e existe até hoje entre eles. No entanto, acreditamos que a fundação do clube e, principalmente, a aquisição da sede foi o que fortaleceu esse laço já existente, pois o convívio aumentou, sendo um local de encontros entre amigos antigos.

Hoje, é possível perceber que esse hábito continua, pois muitos dos frequentadores mais antigos do clube

que não moram mais na cidade no final de ano, sempre que querem se reencontrar com seus velhos amigos, normalmente aparecem, na sede do clube, e acabam por encontrar/reencontrar, sem precisar marcar nada com nenhum deles.

Rudi: Ah, Robson, virou rotina vim na sede, normalmente tem alguém aqui... agora, mesmo no final de ano, os guris vêm de férias ou prá passar o natal e ano novo na cidade natal, porque têm vários que trabalham em outras cidades do estado, e eles já vêm direto aqui, aqui eles encontram todo mundo, nós tamo sempre por aqui, isso virou um ponto de encontro pra nós (Entrevista realizada dia, 24/10/14).

Isso ocorre porque todos os integrantes do Clube Retrato Falado, sejam eles fundadores ou que se identificam com o clube, sabem que, sempre que quiserem e quando quiserem, podem aparecer na sede do clube, que serão bem recebidos e conseguirão matar a saudade de seus amigos.

Muga: “Aí, aquilo já começou a ficar meio, bah! Tinha que se ver, né, conversar. Aí, eu já vinha pra cá de noite, a gente ficava muito na esquina, porque, na época, não tinha muita violência, que nem tem hoje, dava prá tu ficar um pouco na esquina conversando e tal. Aí, já começou a fortalecer, né, porque (explicação) a amizade tu não procura, ela vem.” (Entrevista realizada dia, 24/09/2014).

Os trechos retirados da entrevista realizada com o Muga elucidam bem como a relação de amizade sempre esteve e está presente até hoje no cotidiano desses senhores, fortalecendo-os e incentivando-os a continuarem com seu trabalho, trabalho esse realizado na comunidade do bairro Getúlio Vargas.

Os anos foram passando e o clubinho se tornou reconhecido e renomado, não apenas só no BGV, mas em toda a cidade. O clube já disputava torneios e campeonatos em outros bairros da cidade, mas nunca tinha ganhado um título de expressão no cenário municipal de futebol. A história começou a mudar e o clube começou a ganhar um destaque maior, após a conquista do primeiro título do Campeonato Culturão de Futebol de Campo<sup>51</sup>. Assim, todos começaram a querer saber quem era esse clube que apresentou um brilhante futebol durante a competição e lotou o estádio do Cassino Futebol Clube para a realização da final. Esse feito, segundo os relatos dos entrevistados, foi uma mudança na história do clube, que passou a ter mais patrocinadores para ajudar nas participações de campeonatos.

O destaque e os investimentos foram tantos que, no ano seguinte à conquista, o clube resolveu trilhar novos caminhos e começou a participar também do campeonato citadino de futebol de salão, era assim que se chamava o futsal, na época, e, na primeira participação, não teve um bom resultado, pois a prática do futebol de salão e do futebol de campo se diferenciam e muito, visto que, no primeiro ano, a equipe foi composta, em sua maioria, por jogadores que eram oriundos do futebol de campo.

Mas o projeto do futsal seguiu caminhando juntamente com o futebol de campo e o já existente futebol de sete. No fim dos anos 90, essa insistência começou a render frutos, pois foi em 1997 que o clube participou de sua primeira final na modalidade de futsal e, mesmo não se sagrando campeão nessa sua primeira participação em uma final de campeonato citadino de futsal, o projeto continuou.

No ano seguinte, o clube conseguiu o tão sonhado título na modalidade de futsal e, no verão subsequente, também se sagrou campeão no campeonato de futebol de campo, o Culturão, tornando-se, assim, como citado por eles, os "donos da cidade".

---

<sup>51</sup> Tradicional campeonato de futebol de campo realizado na temporada de verão, no campo do cassino futebol clube, no qual o clube Retrato Falado é pentacampeão.

Esse crescimento e visibilidade que o clube ganhou em pouco menos de um ano ajudou e muito as finanças do clube e isso foi percebido no churrasco de aniversário, o qual é realizado todos os anos, normalmente, no feriado do dia 7 de setembro, na época dos novos feitos futebolísticos foi a primeira vez que os ingressos se esgotaram. Isso se acredita que seja devido à grande repercussão midiática que teve as conquistas dos dois campeonatos em modalidades diferentes, pois, nessa época, os organizadores ainda não estavam acostumados com um grande público, visto que era mais um churrasco para a família comemorar mais um ano de vida do clube .

Só que essa repercussão fez as pessoas buscarem conhecer quem são os idealizadores desse projeto e o que era o clube Retrato Falado, que estava e está até hoje dando certo e o churrasco que, normalmente, tinha 50 pessoas foi feito para 100 e vários procurando ingressos, os quais já tinham acabado. No ano seguinte, aumentaram o número de ingressos e, mesmo assim, algumas pessoas ficaram sem e, assim, foi, ano após ano, tanto que, hoje, o churrasco de aniversário do clube é realizado para 2000 pessoas e é frequentado, ano após ano, por pessoas de todos os bairros da cidade.

Esse número elevado de pessoas, em tão pouco tempo, foi o que deu uma virada na parte financeira do clube, pois, com os rendimentos do churrasco, puderam investir mais na sede do clube, realizando uma reforma considerável no prédio, proporcionando, assim, uma melhor estrutura para os seus frequentadores.

## **Projetos Sociais**

Com o passar do tempo, e devido ao amadurecimento e à estabilidade financeira do clube, que passou a ter alguns apoiadores e patrocinadores, constatando que a parte esportiva estava caminhando muito bem e bem administrada alguns dos fundadores juntamente com outros membros que se juntaram ao clube nesse longo caminho começaram a dar uma atenção maior à comunidade.

ROBSON: Em relação a esse movimento que vocês têm agora com projetos sociais, como começo esse movimento?

JOSÉ GRAFE: Todo clube chega numa fase, assim cara, que, como é que vô te explicar, tipo assim ó, ele vai se reformulando, entendeu, na parte desportiva e os cara que são fundador, o clube que não é organizado cem por cento, né, volto a fala, então, os cara que já vão saindo dessa parte de jogo, de joga, de te que tá aqui no clube todo dia, se tua cabeça é boa, tu já começa a ter outras ideias, entendeu? Então, tu já começa a tê uma visão assim meio sabe, pô, se tá sobrando uma grana, vamo investi aqui, vamo fazê uma festa prá criança. O fulano tá precisando de alguma coisa, vamo lá falá com ele, né, um amigo ou filho de um amigo viciado precisa duma ponte pra gente largá no centro de recuperação e tal. Então, isso aí tudo já começô com a mudança dos que eram novo começaram a ficá velho, entendeu, e já começa tê essa visão. O Lary<sup>52</sup> também foi um cara muito importante nessa parte aí, entendeu, já começô a trazê um pouco dessa parte política aí pro clube. E todo clube depende da política, ela é, né, tá em todos setores da vida do cara. Então, o Lary já começo a trazê essa parte política. A gente começamô a ter mais uma seriedade, começamo a... como é que vô te explicar, ter mais satisfação prá fazer aquilo entendeu, e já começô a entrá uns cara novo prá cuidá da parte do esporte, entendeu? Então, o grupo mais velho já começô a trabalhá em outro setor e tal, um trabalho mais organizado, cuidar

---

<sup>52</sup> Jeferson Bonilha Mendes não é um fundador do clube, mas, desde muito cedo, é atuante no Retrato Falado inclusive sendo membro da diretoria, e foi citado como o responsável pela inserção do clube nesse universo de ações sociais.

da comunidade, fazer uns trabalho mais sociais, né. Acho que a mudança de posicionamento dentro do clube é que ocasiona isso, né, cara (24-09-14).

O trecho acima, retirado da entrevista realizada em 24-09-14, mostra como se deu essa mudança de posicionamento do clube com relação à comunidade, visto que começou a arrecadar mais dinheiro do que o necessário e voltou seus olhos para a comunidade. Iniciando, assim, este processo de realizações de eventos sociais em prol das crianças do bairro no qual se localiza sua sede. Durante a realização das entrevistas, elencaram-se os eventos costumeiramente realizados, são eles:

Projeto crack nem pensar: consiste em atividades realizadas por intermédio do futebol, no turno inverso da escola, buscando ocupar o tempo livre de jovens de 8 a 16 anos, que estejam regularmente matriculados e com as notas boas.

Festa de Páscoa: realização de uma festa de Páscoa para as crianças da comunidade em geral, com distribuições de doces e de chocolates.

Festa do Dia das Crianças: realização de uma festa em alusão ao dia das crianças, com distribuição de presentes.

Festa de Natal: atividade realizada para a comunidade em geral, em comemoração ao Natal, com distribuição de presentes, de cachorrão e de refrigerante.

Mais uma vez, o futebol proporcionando um alcance maior de pessoas e transformando vidas, pois esses eventos sociais hoje são muito aguardados por todos e se fazem necessários nesta e em tantas outras comunidades e regiões da cidade.

E, para não esquecermos que o tema é futebol, segue um relato breve e recente das conquistas do clube.

Abaixo, transcreverei uma reportagem veiculada no dia 25/11/14, no Jornal Agora, da cidade de Rio Grande, sobre o time de futebol do Clube Retrato Falado:

## Com mais um título, Retrato Falado receberá homenagem:

Em outubro, equipe ficou com a taça de campeão cidadão de futsal ao vencer a Óptica Cidade no IAC.

O ano de 2014 foi, mais uma vez, de vitória para um dos clubes mais tradicionais do futebol amador do Rio Grande. Na disputa do Campeonato Cidadino de Futsal, o Retrato Falado levantou a taça de campeão pela terceira vez. E, para prestar homenagem à sua mais recente conquista, o clube estará entre os destaques do 14º Amigo do Esporte, quando estará recebendo o Troféu S.C. Rio Grande.

Foi em uma disputa emocionante diante da Óptica Cidade que o Retrato Falado conquistou mais um título Cidadino de futsal. Com vitória por 6 a 3, o grupo, que já havia sido campeão em 1998, festejou o segundo título consecutivo.

O representante do bairro Getúlio Vargas foi fundado em 5 de setembro de 1987. De lá para cá, sempre presente em competições de campo e salão, onde conquistou importantes títulos, como o pentacampeonato Culturão, disputa de campo, e Campeão da Série Ouro Futsal (2012), além dos Cidadinos.

### Nesta temporada integram a equipe:

Goleiros: Moreno, Bonilha e Chauã

Fixos: Ricardo Brasil, Victor e Davi

Alas: Alisson, Jean, Bruno Acosta, Pretinho, Chuck

Pivos: Pablo, Buja, Jeje, Gavetinha

Treinador: Douglas Fernandez

Auxiliar: Victor Canuso

O Amigo do Esporte é uma promoção do Jornal Agora, em conjunto com a Rede Sul dos Esportes, e premia, anualmente, os destaques esportivos da temporada e encerra, com cunho beneficente, de arrecadação de leite e brinquedos novos ao Natal Carente do Município.

A festa vai acontecer no dia 13 de dezembro, no IAC. A idealização é do jornalista Alessandro Leite, produção de Meilene Fontes, e conta com patrocínio da Unimed Litoral Sul

e Gabinete da Primeira-dama. Apoio de Dailton Corretora de Seguros, IAC, Sindicato dos Arrumadores de Rio Grande e São José do Norte, Impress Sport, Restaurante Sabor da Terra e K&G Eventos (Fonte Jornal Agora).

## **Considerações finais**

Portanto, neste trabalho, buscamos contar parte da história do clube Retrato Falado, como também evidenciar quem foram os participantes desse processo. Concluímos, quanto a isso, que o objetivo foi alcançado.

Um fator que permeou todo o processo de realização do trabalho foi a relação de amizade que este grupo possui. Constantemente, foi ressaltada pelos entrevistados a questão da amizade, uma relação quase familiar, pois, com o passar do tempo, esses fundadores constituíram suas famílias e automaticamente essas foram levadas para dentro do clube, aumentando significativamente o número de frequentadores.

Por meio desta pesquisa, podemos afirmar que a criação do Clube Retrato Falado acabou mudando a realidade do bairro onde está localizado, pois, com o passar dos anos, tornou-se muito conhecido em toda a cidade e até mesmo fora dela, construindo, assim, uma grande demanda de simpatizantes em todos os bairros da cidade e fazendo muitos destes se deslocarem até o BGV, quebrando um grande estigma que sempre existiu de quem era “de fora” e que não acessavam o bairro.

Por fim, salientamos que, durante o decorrer do trabalho, foram evidenciadas novas e interessantes questões, que, devido à delimitação desta pesquisa, ficam como propostas para trabalhos posteriores.

## **Referências**

- ALBERTI, V.; FERNANDES, T.M.; FERREIRA, M.M., (org). **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T.; ALBERTI, V. (Org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Manual de história oral. Usos & abusos da história oral**, Rio de Janeiro: FGV, 2004.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RAMIRES, Paula Florêncio. **Avaliação da qualidade ambiental percebida: Balneário Cassino, Rio Grande – RS**. Rio Grande: Pesquisa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## MULHERES NO FUTEBOL: ENUNCIÇÕES EM JOGO NAS TESES E NAS DISSERTAÇÕES DO BANCO DE TESES CAPES PUBLICADAS ENTRE OS ANOS DE 2005 E 2012.

Mahinã Leston Araujo\*;  
Josiane Vian Domingues\*\*;  
Rose Santos da Silva\*\*\*;  
Méri Rosane Santos da Silva (*in memoriam*)

### Entrando em campo

Esta pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado apresentada no ano de 2015 ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa “Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos”, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG investindo na temática “mulheres no futebol” e orientada pela Professora Dr<sup>a</sup> Méri Rosane Santos da Silva, a qual estará sempre presente em nossas leituras e pensamentos e é a ela que dedicamos esta escrita. Desconfiar daquilo que é óbvio e das verdades que não se questionam foram dois dos seus maiores ensinamentos.

E é sobre verdades que partimos para escrever este trabalho: as verdades “naturalizadas” sobre mulheres no futebol nos inquietaram, nos movimentaram no cenário científico à medida que questionávamos: o que tem sido produzido sobre as mulheres no futebol em produções

---

\* Professora de Educação Física – Fundação Municipal de Esportes e Lazer – Fraiburgo/SC; mahinaleston88@gmail.com.

\*\* Professora de Educação Física da rede municipal da cidade de Rio Grande, RS (SMED); jo\_pedagoga@yahoo.com.br.

\*\*\* Professora da Escola Superior de Educação Física/Universidade Federal de Pelotas – ESEF/UFPel; roseufpel@yahoo.com.br.

científicas? Com isso, passamos a problematizar o discurso científico que constituía algumas verdades sobre mulheres, uma vez que põe em jogo uma série de ferramentas e procedimentos para que o que é dito passe a funcionar como verdade, como algo inquestionável, estável, irreduzível (Stenger, 2002). Dessa maneira, produzimos, enquanto objetivo, extrair e analisar algumas enunciações que falavam sobre mulheres no futebol em dissertações e em teses publicadas no Banco de Teses CAPES entre os anos de 2005 e 2012.

Entendemos que os trabalhos que estão nesse banco estão sob o prisma daquilo que é entendido como conhecimento científico que passou por rituais de avaliação, com regras e com normas bem definidas. Assim, não é de todo o discurso científico que nos referimos, mas sim de algumas produções que compõem esse discurso em um espaço bastante definido e que faz com que ele circule, reverbere, funcione.

### **Um modo de operar: entre olhares, enunciações e recorrências**

Enquanto modo de operar, utilizamos algumas ferramentas baseadas em estudos de Michel Foucault e de autores que adotam uma perspectiva pós-estruturalista, a qual se atenta à linguagem. Consideramos a linguagem, como algo que não é neutro, mas intencional, funcional, produtiva. Aquilo que se diz, constitui, constrói modos de ser, produzindo o objeto de que fala, não representando uma realidade, mas a produzindo. No nosso entendimento, a materialidade nas teses e nas dissertações constrói formas de pensar sobre as mulheres no futebol.

Destacamos que Foucault (2013) não traça um "caminho metodológico" a ser seguido para a produção e para a análise dos dados, mas possibilita suspeitar, levantar pistas, localizar elementos para que nos movimentemos na pesquisa, construindo o nosso próprio caminhar. Isso nos permitiu provocar o pensamento no sentido de experimentar uma forma

de escrita e de método para produção de dados que escapasse de uma estrutura pré-determinada (Williams, 2013).

Utilizamos, nas buscas no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as palavras-chave: futebol feminino, futebol mulher, futebol mulheres, futsal feminino, futsal mulher, futsal mulheres. Em função disso, o *corpus* de análise se constituiu de um total de 38 teses e dissertações das quais 11 são teses e 27 são dissertações, que foram concluídas entre os anos de 2005 e 2012. Não estabelecemos a priori para onde olhar, e sim nos movimentamos a partir dos encontros e das inquietações que nos atravessavam com questões recorrentes, não para denunciar, mas para entender como algumas são produzidas.

Trabalhamos com as enunciações e ficamos no nível delas, pois entendemos que são aceitas como uma verdade sobre o que está sendo dito. A enunciação é “um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir” (Foucault, 2013, p. 123). Entendemos que não há nada por trás do que está sendo dito, não há nada que tenhamos que dar luz ou descobrir, pois nos situamos no nível das coisas ditas e operamos a partir daí (Fischer, 2001).

A partir do nosso modo de olhar que se sensibilizou às recorrências, identificamos algumas temáticas que falavam sobre as mulheres que circulam no futebol, sendo elas torcedoras, integrantes de torcidas organizadas, espectadoras, técnicas, gestoras e “mulheres que jogam futebol” – jogadoras, praticantes, atletas, futebolistas. Trabalhamos a partir de dois momentos: no primeiro, tratamos o que as teses e as dissertações dizem sobre a construção do ser mulher (da mulher) no futebol. E no segundo momento, tratamos o que emergiu das enunciações em relação à recorrência do acionamento da noção de gênero. Entendemos que essa é apenas uma maneira de olhar para as enunciações e de construir outras possibilidades de pensar essas relações.

## **A construção do ser mulher (da mulher) no futebol: dialogando com possibilidades**

Como chegamos a pensar que o que falavam sobre as mulheres no futebol ia nos permitir construir e dialogar com possibilidades de ser mulher? Foi possível, pois, como aponta Veiga-Neto (2002), é a linguagem que nos atravessa e produz o nosso modo de olhar as coisas. Assim, produz o sujeito de que fala e nas teses e nas dissertações analisadas, as mulheres estavam, ao mesmo tempo, na condição de serem faladas, mas também sendo construídas discursivamente.

Percebemos que algumas enunciações se tornavam recorrentes, pois elas partiam de uma referência de homem(s), de masculino(s) e de masculinidade(s) servindo como modelo para falar e para pensar a construção do ser mulher (da mulher) no futebol. Isso, pois os elementos que os constituem dizem respeito a um espaço dos e para os homens, a vivências daquilo que é considerado como atributo masculino e da produção de um modelo de masculinidade e que reforçam essa referência ao longo dos tempos. Como dizem as enunciações,

“Futebol é, no nosso imaginário, ‘pra’ homem. Futebol ‘é de’ homem para homem. Entretanto, de um modo geral, verifica-se o aumento da participação feminina no futebol” (VALDO, 2010, p. 15).

“o universo do futebol, bem como o dos esportes em geral, desde sua origem é predominantemente ocupado por homens” (MARIANE, 2012, resumo).

“O futebol, culturalmente no Brasil, é considerado um espaço masculino, cuja a participação feminina dependeu de autorização dos homens para sua inserção e permanência nos gramados” (ENNY, 2012, p. 248).

“o futebol é um esporte eminentemente masculino, continua sendo um esporte de ‘macho’. Isso ocorre porque todos os valores e elementos do futebol são considerados como masculinos. O futebol sempre representou um símbolo de força e poder” (FABIO, 2009, p. 158).

“ainda hoje a prática do futebol é vista sob a ótica da norma masculina” (JORGE, 2006, p.112).

Essa referência nos remeteu a pensar na discussão que Foucault (2012) faz sobre “norma”. Para o autor, a norma define, a partir de um conjunto de regras, o que é normal e desviante em determinados espaços. Essa conexão direta entre norma e referência não aparece de forma explícita, mas instigou nosso pensamento a estabelecer essa aproximação, pois entendemos essa referência como a “norma” a ser seguida por aqueles e por aquelas que desejam adentrar ou participar do futebol, já que ele é penetrado pelo poder e constituído como uma maneira de separar, de organizar a vida em torno dela. Louro (2000) aponta que

A norma não precisa dizer de si, ela é a identidade suposta, presumida; e isso a torna, de algum modo, praticamente invisível. Será, pois, a identidade que foge à norma, que se diferencia do padrão, que se toma marcada. Ela escapa ou contraria aquilo que é esperado, ela se desvia do modelo. Como tal, ela é, via de regra, representada não apenas por comparação à identidade hegemônica, mas a partir do olhar hegemônico, daí que, muitas vezes, a identidade marcada não pode falar por si mesma (LOURO, 2000, p. 68).

Partindo dessa ideia, a autora trata da questão da referência do masculino nos espaços socioculturais, permitindo-nos pensar no porquê da construção do ser mulher

(da mulher) no futebol estar sendo estabelecida a partir dessa referência.

No Brasil, operamos, explícita ou implicitamente, com uma identidade referência: o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão (Louro, 1998). As outras identidades são constituídas, precisamente, como “outras” em relação a essa referência; em relação à identidade que, por se constituir na norma, no padrão e critério, goza de uma posição não marcada ou, em outros termos, é representada como “não-problemática”. (LOURO, 2000, p. 68).

Assim reconhecido, as mulheres que ali ingressam estariam fora da norma, contradizendo o que se aspira social e culturalmente da mulher, do feminino e das suas feminilidades. Nessa perspectiva, o que caracteriza a mulher é aquilo que a diferencia do homem. E o ingresso da mulher no futebol consiste em estar deslocando, rompendo, desviando, inclusive, ao padrão de feminino, de mulher, de feminilidade.

“O ideal feminino tradicionalmente incorporado pela sociedade é incompatível com a figura da mulher esportista. O contexto esportivo ainda é considerado um ambiente de domínio masculino” (MARIA, 2006, Artigo 3, p. 1).

“a expectativa de gênero legítima que o masculino tenha mais oportunidades de acesso e desenvolvimento de habilidades corporais diversas. Tal expectativa não está posta, a priori, para o feminino” (LIANE, 2012. p. 76).

O fato de as mulheres ultrapassarem barreiras produzidas socialmente é entendido como uma transgressão,

o que escaparia do padrão construído para ser mulher, ser feminina e de feminilidade. Até mesmo as características reproduzidas para a ação de jogar, torcer, ser técnica, ser gestora estariam mais próximas àquilo que se espera dos homens. Isso faz com que as mulheres sejam comparadas/equiparadas/relacionadas às formas de ser homem, do masculino e da masculinidade.

A partir dessa referência, as mulheres também são produzidas, destacando aquelas que não se enquadram ao que é esperado de um padrão sustentado biológica, social e culturalmente. São postas à prova porque há uma associação do futebol com uma suposta masculinização e homossexualidade, colocando sob suspeita a sua sexualidade e o seu gênero.

Essa associação tenta produzir uma identidade do que é ser uma mulher no futebol. O que nos leva a suspeitar que elas são consideradas fora dos padrões de uma normalidade. Escapar dos modelos faz com que elementos como preconceitos, violências e discriminações sejam ativados no universo do futebol.

“Compreende-se que as mulheres ainda são vítimas de atitudes de preconceito e discriminação que necessitam ser superadas em nossa sociedade” (PETRUCIO, 2011, p. 52).

“a história do futebol das mulheres, como tantas outras histórias de mulheres, foi marcada por formas sequenciais de violências. Dentre essas formas destaco a violência simbólica implementada e caracterizada pelo silenciamento e pelo esquecimento destinado ao futebol feminino baiano e brasileiro” (ENNY, 2012, p. 249).

Esses elementos se misturam, complementam-se, caracterizam-se, justificam-se e são percebidos de diferentes formas, independente da posição que eles ocupam. Em alguns trabalhos, essas vinculações são mais fortes e, em outras, com menor relevância, associando-as às técnicas,

às gestoras, às torcedoras, às espectadoras, mas, em sua grande parte, às “mulheres que jogam futebol”.

Essas possibilidades de ver a construção do ser mulher (da mulher) no futebol nos permitiu dialogar com autores pós-estruturalistas que trabalham com a ideia de que as práticas humanas são produtoras e produtos de uma cultura, portanto, não é possível buscar ou ter uma identidade, pois ela solidifica um modelo de sujeito, de ação, neste caso, das mulheres no futebol e isso passaria a ser incompatível com as mudanças sociais e culturais. O que nos inquieta é tentar fugir das obviedades, trabalhando com a inexistência de uma única forma de ser mulher no futebol.

Não se pode afirmar que existe um modo único de ser mulher, embora as teses e as dissertações permitam construir um, mas há diversas possibilidades, ou seja, um modelo que seja globalizante, pois isso deixaria de lado outras formas de ser. Pensar que essas produções se dão a partir do acionamento de estratégias linguísticas, uma construção discursiva (Mariano, 2005). Percebemos que o que há são possibilidades de produzir-se enquanto mulher no futebol, uma vez que a sua construção nesse espaço é dinâmica, mantém-se em movimento, impossibilitando a fixação de uma identidade e é isso que lhes dá potência de vida.

## **Das recorrências ao acionamento da noção de gênero**

Ao falar de mulheres no futebol, os trabalhos trazem principalmente a noção de gênero de uma maneira recorrente, aquela que mais circulava, transitava, estava sendo abordada. Foi possível perceber que essa recorrência acionou uma diversidade de usos e esses não estão dissociados, eles se misturam. Dada essa diversidade, como a noção de gênero vem sendo acionada nas teses e nas dissertações que compõem esta pesquisa?

Primeiramente, passamos a suspeitar de que uma dessas utilizações relacione o falar de mulheres no futebol à “necessidade” de buscar se apoiar aos estudos de gênero, ou seja, como um pressuposto dessa temática.

“a pesquisa sobre os processos de inserção das mulheres no universo do futebol, [...] sugere uma discussão de gênero” (MARCELO, 2010, p. 63).

“estudando a mulher [...] para efetivamente compreendê-la em diversos contextos sociais, e no esporte não poderia ser diferente, seria necessário estudar os aspectos relacionais dos gêneros, como eles se integram e são representados em nossa sociedade” (JORGE, 2006, p. 2).

“MULHERES NO ESPORTE: UMA QUESTÃO DE GÊNERO” (LEILA, 2012, p. 11).

“observa-se ainda que as discussões sobre o FF e as jogadoras são frequentemente associadas a questões de gênero e da sexualidade” (ROSANGELA, 2009, p. 52).

Partindo das enunciações, é possível visualizar que, ao falar sobre mulheres no futebol, gênero vem sendo usado e composto por alguns qualificativos, tais como discussão de gênero, aspectos relacionais dos gêneros, relações de gênero, questão de gênero, desigualdades de gênero. A partir desses usos, entendemos que isso está se construindo como uma maneira de produzir sobre a temática. Para compreender como que se passou a pressupor que falar de mulheres necessita acionar gênero, buscamos, primeiramente, como diz Foucault (1979), a noção de emergência.

emergência designa um lugar de afrontamento; [...] é de preferência – o exemplo dos bons e dos malvados o prova – um “não-lugar”, uma pura distância, o fato que os adversários não pertencem ao mesmo espaço. Ninguém é portanto responsável por uma emergência; ninguém pode se auto-glorificar por ela; ela sempre se produz no interstício (FOUCAULT, 1979, p. 16)

Partir da emergência é olharmos para o mundo e entender que a história não é natural e que a noção de gênero emergiu nela. É pensá-la como uma invenção, uma construção no tempo e no espaço, dotado de uma história que vem sendo construída, produzida, inventada, modificada, transformada constantemente fazendo com que se busquem os acontecimentos que possibilitaram que determinada realidade se materializasse.

Outro aspecto que parte da análise da emergência dos estudos de gênero é a própria constituição do pensamento científico. Identificamos que uma característica do modo de pensar moderno é a necessidade de se produzir um conceito, neste caso, um conceito de gênero. Não cabe à ciência a produção de conceitos, mas dar funcionalidade a eles (Deleuze & Guatarri, 1992). Entendemos o conceito não como uma ferramenta de uso exclusivo da ciência, mas uma forma de pensar da modernidade fortalecida pelo jeito de fazer ciência. O conceito não dá conta de explicar-se por si só, mas de uma emergência de acontecimentos que possibilitaram que ele fosse inventado.

Nessa esteira, em se tratando de conceitos, identificamos, a partir das enunciações, uma recorrência do uso dos mesmos conceitos de gênero ou evocadas as ideias que se remetiam a determinado conceito, trazidos recorrentemente pelas autoras Joan Scott (1995)<sup>53</sup>; Judith Butler (2003)<sup>54</sup>; Guacira Louro (1997)<sup>55</sup>; Linda Nicholson (2000)<sup>56</sup>.

Entendemos a recorrência na utilização dos conceitos das autoras como uma forma de produzir e de agrupar o que vem sendo dito sobre as mulheres no futebol. E isso nos inclinou para pensar a função autor trabalhada por Foucault

---

<sup>53</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. Jul./dez. 1995.

<sup>54</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. 236 p.

<sup>55</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 8ª edição, 1997.

<sup>56</sup> NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), 2000; 8(2): 9-42.

(2012), ao afirmar que “o autor, não é entendido, é claro, como o indivíduo falando que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (Foucault, 2012, p. 25).

Apesar de o autor ser uma posição ocupada por alguém em um discurso, não se preocupa com quem fala, mas o que fala, desempenhando alguma funcionalidade, como, por exemplo, agrupar discursos. Assim, as autoras e seus conceitos usados recorrentemente desempenham funções em um discurso, permitindo perceber que são legitimadas a falar quando o assunto são os estudos de gênero.

Como todas essas recorrências associadas a gênero nos ajudaram a pensar sobre as mulheres no futebol? Por meio do entendimento de que, nas teses e nas dissertações analisadas, parte-se de uma referência de gênero que vem operando na constituição do sujeito a partir de relações de poder e de saber, que se dedicam a analisar os padrões e os modelos que constituem a feminilidade e a masculinidade às quais homens e mulheres são submetidos.

Considerando os dados analisados, percebemos que gênero aparece nas teses e nas dissertações, a partir de elementos associados a diferentes áreas do conhecimento. Em outras palavras, essas constatações possibilitam pensar em um suposto enunciado, ou seja, gênero estaria sendo compreendido como uma função que atravessa as teses e as dissertações que falam sobre as mulheres no futebol. Essa suspeita é possível porque conseguimos vislumbrar características daquilo que Foucault (2013) propôs como sendo constituintes de um enunciado: 1) um referente, 2) um sujeito, 3) domínios associados e 4) a existência material. Operando com isso, podemos suspeitar que gênero seja um enunciado, pois possui:

- 1) A existência de um referente: É o que é posto em jogo, não é apenas aquilo que é dito, onde podemos encontrar possibilidades de recorrência. A produção do conhecimento que analisamos nos permitiu visualizar que o referente está pautado na constatação

biologicista das diferentes formas de ser homens e mulheres, isto é, na divisão biológica que os separa e os classifica como algo natural, essencial.

- 2) A existência de um sujeito: o sujeito do enunciado é uma posição ocupada, mas não é o sujeito da frase, nem o autor, mas todos que vierem a interagir com a formulação e que nessa posição se enxergam. O sujeito deste enunciado seria a posição de mulher ou quem está na condição de ser falado nas teses e nas dissertações, podendo ser homens e mulheres ou outros que, nessa condição, identificam-se, que poderão ser interpelados, atravessados pelo que é dito.
- 3) Um domínio associado: coexistem com outros enunciados, a partir de relações possíveis, com campos que se ligam, conectam-se, associam-se, em contextos determinados. Na nossa análise, os elementos que se associam seriam o do preconceito, da discriminação, da violência, da sexualidade que poderiam ser possíveis enunciados que estariam no mesmo nível de gênero e o sustentam e o apoiam, se eles estiverem, neste caso, associados às mulheres no futebol.
- 4) Uma existência material: o enunciado é repetível, porém, necessita e é apresentado por meio de uma materialidade específica, uma forma concreta que não pode ser repetida. Nesse caso, essa característica é preenchida por intermédio das enunciações extraídas que produzem uma materialidade específica e concreta nas teses e nas dissertações que acionam a noção de gênero para tratar de mulheres no futebol. Essa materialidade é o que está dito e pode ser entendida como enunciação.

Não queremos dizer que os fragmentos extraídos são estruturas ou unidades que caracterizariam um enunciado, mas permitem uma “função de existência”, ou seja, o enunciado “não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função

que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (Foucault, 2013, p. 105).

Colocamos como uma possibilidade de gênero ser um enunciado, pois, para afirmar isso, precisaria buscar outras produções, científicas e não científicas, as condições e as possibilidades, a emergência e a funcionalidade que permitiram que o enunciado fosse produzido, inventado, construído. O que fizemos foi olhar para as enunciações e identificar algumas recorrências em relação ao que é dito sobre as mulheres no futebol, dando-nos condições de suspeitar da emergência de enunciados.

Assim, foi a suspeita da existência do enunciado gênero que vem orientando o nosso olhar, atravessando e fazendo funcionar a temática, possibilitando enxergar as mulheres no futebol a partir dessa perspectiva. Desse modo, o enunciado teria uma função que atravessa a linguagem, produzindo um conjunto de saberes tidos como verdades fazendo com que o discurso funcione, circule.

## **E por falar em mulheres no futebol.**

Lançamos um olhar para as recorrências a fim de tentar superar as denúncias relacionadas às mulheres no futebol, pois não enxergamos que o caminho seja seguir denunciando essas questões, mas sim apontar o caráter político que essas fazem ou deveriam acionar. Para nós, ser mulher vai além de uma diversidade de “seres” que nos vai constituindo.

Desse modo, as enunciações permitiram enxergar como as mulheres no futebol estão sendo constituídas nessas teses e nessas dissertações e que há uma luta constante, não só no futebol, mas em todos os esportes para adquirirem respeito, reconhecimento, espaço, visibilidade. Não seria a mudança do ser mulher (da mulher) no futebol que faria com que preconceitos, violências, discriminações acabassem e nem que, se a mulher, no futebol, apresentasse feminilidades normatizadas, ela seria reconhecida. A necessidade é de buscar

politizar a visibilidade, os engajamentos, os empoderamentos, o reconhecimento, as lutas por espaços, oportunidades, igualdade, a partir do que temos e do que podemos produzir.

O que buscamos não se conforma apenas em só constatar e denunciar a situação da mulher na sociedade, e não só para chamar a atenção para a mulher no futebol, ela ultrapassa no sentido de buscar mudar as relações sociais e culturais que estão postas com relação à mulher.

Por fim, é importante ressaltar que este trabalho apresenta um espaço e um tempo datado e bem localizado, ou seja, ele foi realizado a partir de teses e de dissertações que foram realizadas entre 2005 e 2012 no Banco de Teses CAPES. Desde então, novos estudos sobre as mulheres no futebol foram sendo produzidos, o que possibilita perceber a mulher no futebol a partir de outros/novos olhares.

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FISCHER, Rosa. Foucault e a análise do discurso em educação. In: *Cadernos de Pesquisa*. Rio de Janeiro, n. 114, 2001, p. 197-223.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *A ORDEM DO DISCURSO*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 22. ed., 2012.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 8. ed. 2. tiragem. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

LOURO, Guacira. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*. 25 (2), 2000. p. 59-76.

MARIANO, Silvana A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13 (3): 320, setembro/dezembro, 2005. p. 483-505.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In.: COSTA, Marisa Vorraber (org). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 23-38, 2002.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2. ed., 2013.

### **Fontes analisadas:**

ALMEIDA, Rosângela de Sena. *Imprensa e Futebol Feminino no Brasil: a Memória Discursiva em Campo*. 2009. 122 f. *Dissertação (Mestrado em MEMÓRIA SOCIAL) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2009.*

FERRAZ, Marcelo Antônio. *A preferência pela prática de atividades físicas e esportivas: uma análise psicofísica*. 2005. 176 f. Tese (Doutorado em PSICOLOGIA) – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO / RIBEIRÃO PRETO, 2005.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*. 2006. 494 f. Tese (Doutorado em PSICOLOGIA SOCIAL) – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2006.

MORAES, Enny Vieira. *As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)*. 2012. 287 f. Tese (Doutorado em HISTÓRIA) – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2012.

MOURA, Petrucio Venceslau de. *Imagem Corporal do Atleta: a Experiência da Dor Física no Esporte de Rendimento*. 2011. 104 f. *Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, 2011.*

NORONHA, Marcelo Pizarro. *Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o lugar feminino no futebol clubístico*. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS) – UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, 2010.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. *Violência contra a Mulher no Esporte sob a Perspectiva de Gênero*. 2006. 121 f. Tese (Doutorado em PSICOLOGIA) – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, 2006.

PEREIRA, Fabio Alves dos Santos. *Currículo, educação física e diversidade de gênero*. 2009. 198 f. *Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO) – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2009.*

PISANI, Mariane da Silva. *Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em ANTROPOLOGIA SOCIAL) – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2012.

SALVINI, Leila. *Novo Mundo Futebol Clube e o “Velho Mundo” do Futebol: Considerações sociológicas sobre o Habitus Esportivo de Jogadoras de Futebol*. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2012.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. *Educação Física Escolar e Relações de Gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos*. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2012.

VIEIRA, Valdo. *Sentidos que Norteiam a participação das Torcedoras nos Estádios de Futebol*. 2010. 208 f. Tese (Doutorado em PSICOLOGIA SOCIAL) – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2010.

**EDITORA E GRÁFICA DA FURG**  
**CAMPUS CARREIROS**  
**CEP 96203 900**  
**editora@furg.br**

ISBN 978-65-5754-118-0



9 786557 541180